

bilitando visão de períodos, de sucessão de períodos, que constitui a maior dificuldade do ensino de História no curso primário.

Essas personagens emergem do passado. De início, são apenas figuras que avultam, porém, aos dez, onze anos essas figuras irão surgindo em meio à sua época, o que confere sentido histórico às narrativas. A significação histórica terá, então, maior importância.

É preciso, pois, que a professora valorize essas narrações e as conduza habilmente de modo a constituírem, até o 3.º ano de Estudos Sociais, inclusive, histórias que, pela autenticidade de propósitos, sejam verdadeiras ou não, tragam mais o sentido de formação que o de informação. (*)

Daí por diante, entretanto, as próprias crianças, por meio de perguntas e de atividades de pesquisa, ajudá-las a dar seqüência a essas narrações que terão significação histórica e lugar definido no tempo.

EVOLUÇÃO DE ASPECTOS ESSENCIAIS DE VIDA

Contribuição para a formação do conceito de História

Valorizando os aspectos essenciais da vida, os alunos compreenderão que eles próprios, continuando a viver os mesmos aspectos, mas de maneira diferente e avançada, estarão compondo a História de nossos usos e costumes.

Nunca é demais fazer as crianças sentirem que os nossos atos não são atos isolados, mas concorrem para a *sucessão de fatos* que vão formando nossa História.

Essa compreensão importa no desenvolvimento de valiosos conceitos de História, num forte estímulo à responsabilidade de cada um, e em eloqüente apêlo às fontes de inspiração e criação.

Nesse sentido, a professora procurará levar as crianças a uma apreciação de nossa forma de vida atual em seus aspectos mais simples e próximos — habitação, hábitos alimentares, meios de transporte — e no que representa de soma de contribuições e evolução de processos.

Para tanto, nada mais indicado do que a *pesquisa*. Aos nove anos, nossas crianças empenham-se, por iniciativa própria, em trabalhos de pesquisa, desde que a professora as encaminhe nesse sentido, ou melhor, lhes forneça motivos de estímulo.

(*) É preciso considerar que as lendas devem ser, invariavelmente, situadas como tal, isto é, com suas características próprias.

Faz-se necessário, entretanto, esteja a professora em condições de orientá-las quanto às fontes de consulta, a fim de que as dificuldades não sejam excessivas, levando-as ao desânimo e desinteresse. Sobre o assunto, aliás, não é fácil encontrar material de pesquisa, para a criança pelo menos. Por esse motivo, procuramos aqui orientar a professora sobre o que nos parece mais interessante e útil venha a criança a pesquisar.

Queremos deixar claro que nos seria fácil mostrar a evolução, no Brasil, de hábitos alimentares, moradia, transporte, tomando como pontos de referência os grandes períodos de nossa História ou os séculos.

Mas não só as crianças não pensam ainda em termos de cronologia, como desejamos, uma vez mais, desenvolver o conceito, que tem sido para nós um *leit-motiv* de que o homem procura adaptar-se atendendo às suas necessidades e às condições do meio, e lançando mão dos recursos que este lhe oferece com maior ou menor habilidade e ciência, conforme seu estágio de cultura e contactos com outros povos.

Além do mais, no estudo que fazemos, parece-nos de maior importância a *idéia do progresso ligada aos conceitos de distância e tempo* (que vimos desenvolvendo desde o 2.º ano, como também o aspecto de tradição, isto é, a contribuição positiva do passado que desejamos a criança apreenda e incorpore à sua experiência).

Entretanto, embora se trate de experiência circunscrita ao Brasil, devemos nos reportar às causas que levam o homem a abrigar-se e a progredir nesse sentido.

Serão assim atingidos o objetivo de valorização das experiências humanas no sentido da adaptação e melhoria de condições de vida, e ainda, de maneira mais direta, o da valorização da experiência alheia, ao mesmo tempo, que nos reportamos às experiências que vêm constituindo, por assim dizer, nossas tradições.

A professora, portanto, colaborará com a criança de maneira ampla, porém, estimulando-a em relação à pesquisa. Embora seja essa uma pesquisa de âmbito pequeno, circunscrita a aspectos essenciais de vida, pode, mesmo assim, levar a oportunidades de esclarecimento em relação a tradições que se não justificam, incumbindo à professora distinguir, nesse caso, as *tradições válidas*, as únicas que interessam realmente.

Levar-se-á, desse modo, à apreciação das que importam em conceitos errôneos, como, por exemplo, o de menosprezo ao trabalho manual. A esse respeito mostrar aos meninos e às meninas que o conforto e o bem-estar inerentes à vida atual dependem, em grande parte, dos trabalhos manuais, cuja

técnica se vai aprimorando cada vez mais, a ponto de tornar os trabalhadores manuais especialistas em sua profissão. Todos os grandes inventos importam, em parte, em trabalho manual. A professora deve mesmo exemplificar, mostrando que as novas idéias são aproveitadas no sentido do bem comum, através de realizações de ordem prática.

Essa pesquisa, de modo geral, comportará o seguinte desenvolvimento:

Como tem evoluído a habitação no Brasil (*)

a) HABITAÇÃO DO SILVÍCOLA

Mostrar à criança que a habitação de nossos indígenas era muito simples, feita com material do próprio lugar e sem que se desse importância à durabilidade, o que reflete o nomadismo do indígena. De um modo geral, destacam-se os seguintes aspectos dessas habitações:

— casarões de quarenta e cinco metros de comprimento, quatro metros e meio de largura, e três metros e meio de altura, aproximadamente, feitos com paus e barro, e cobertos com folhas de pindoba (palmeira) dispostas de maneira a ficar em forma convexa: as malocas;

— três vãos ou portais baixos, ordinariamente sem porta, davam para a praça central: a ocara;

— as malocas, interiormente, não tinham divisões e apresentavam, por mobiliário, somente redes;

— em alpendradas, junto ao teto, guardavam-se os utensílios e comestíveis;

— no interior, embora não houvesse chaminé, havia sempre uma fogueira acesa, fôsse para cozinhar, iluminar ou aquecer;

— às vezes, viviam duzentas pessoas numa só maloca (**);

— para a defesa contra inimigos externos, as malocas eram cercadas por uma tranqueira (cêrca) geralmente em forma pentagonal, chamada caiçara — essa caiçara era de jicara (açazeiro) ou de taboca (qualidade de bambu brasileiro);

(*) Embora se encontrem ainda hoje, no Brasil, os tipos mais primitivos de habitações, houve, realmente, desenvolvimento sensível.

(**) Prestam obediência, essas pessoas, aos chefes das cabanas, e o que estes mandarem fazer, executam sem constrangimento, nem medo, e somente por boa vontade" (Hans Staden, "Viagem ao Brasil", edição de 1930, pág. 144).

— As malocas duravam, em média, quatro anos, findos os quais o grupo indígena mudava o local de sua taba (*).

(Varnhagen — "História Geral do Brasil", 4.^a edição integral — Companhia Melhoramentos, S.P. — 1.^o tomo — págs. 39 e 40).

b) HABITAÇÃO NAS GRANDES FAZENDAS LATIFUNDIÁRIAS

A casa-grande, propriedade do rico senhor de engenho, não reproduzia as casas portuguesas, mas atendia às condições do novo ambiente físico. Já revelavam estágio de cultura mais elevado. Fôsse de tijolos, de cal ou de pedra, tinha as seguintes características:

— ampla, clara, geralmente de um só andar;

— cobertura, por vezes, de três camadas de sapé; logo depois, de telhas;

— telhados caídos num máximo de proteção contra o sol e as chuvas fortes;

— alpendres na frente e dos lados;

— portas e janelas inteiramente de madeira;

— paredes brancas e nuas;

— iluminação a azeite de baleia, principalmente;

— mobiliário bem pouco numeroso; a mesa de almôço, em torno da qual se reunia toda a família, era de grandes proporções.

— não possuía encanamento d'água, nem instalações sanitárias.

A senzala, ao lado da casa grande, era, algumas vezes, coberta de sapé, de folhas de coqueiros ou mesmo de telhas; são quartos com inúmeros catres.

Outras dependências que se faziam necessárias, como capela, celeiros, estrebarias etc., foram sendo construídas à parte.

Observação — pouco a pouco a casa-grande foi recebendo benfeitorias trazidas pela necessidade de conforto e higiene, pelo progresso enfim — encanamento, luz elétrica etc., mas isso já numa época em que não representava mais a casa onde a família passava todo o ano, mas apenas a casa considerada sede do grupo, por amor à tradição.

(*) "A caça dos contornos estava espantada e as terras roteadas e cansadas" — Hans Staden. "Viagem ao Brasil", edição 1930, pág. 144.

c) HABITAÇÃO NOS CENTROS CHAMADOS "URBANOS", FORA DAS FAZENDAS

— casa de taipa ou de adôbe, em que era empregado material da região, inclusive sapé, para cobertura. (os atuais "mocambos"(*) lembram êsse tipo de casa, pela precariedade de construção, falta de conforto, higiene etc.).

— as tranqueiras dos indígenas eram utilizadas pelos colonos, também como meio de defesa contra ataques externos.

Dada a estabilidade da vida do colono, já existia a preocupação da *durabilidade*.

Assim, de acôrdo com as possibilidades financeiras, o material das casas passa a ser o seguinte:

- tijolos e cal (extraída de ostras),
- pedras (estas menos comuns),
- argamassa — preparada com óleo de baleia que, naquela época, era facilmente pescada na costa do Brasil.

A preocupação com a salubridade começa a influir na localização das casas em lugares mais altos.

Ainda há muitas casas de pedras ou de tijolos cobertas de sapé (aliás, três camadas de sapé constituem boa proteção contra a chuva e o calor); mais tarde, tornam-se comuns as casas cobertas de telha.

As ruas das cidades eram, e durante muito tempo ainda o foram, tortuosas, sem calçamento, sem iluminação e sem arborização.

d) HABITAÇÕES ASSOBRADADAS

Surgem, depois, nas grandes cidades (Salvador, Recife, Rio etc.) casas altas e estreitas, geralmente de três andares; são residências das pessoas mais ricas e mostram, pela simples disposição dos cômodos, a hierarquia social:

- 1.º andar — cocheira, estrebaria, quartos dos escravos,
- 2.º andar — cozinha e sala de jantar,
- 3.º andar — sala de visitas e quartos da família.

As condições de higiene eram precárias: casas escuras, úmidas, pouco ventiladas:

- pé-direito, em geral, baixo,
- cômodos exíguos,
- quartos de dormir pequenos e sem janelas,

(*) Pequenas habitações, geralmente de 4m por 3m. São, por vezes, de taipa, mas têm cobertura de palha. Há, também, os inteiramente feitos com a palha de alguma palmácea, como o coqueiro ou o ouricuri.

- as janelas dos demais cômodos sem vidraças, (*)
- não havia encanamentos, nem instalações sanitárias.

e) EVOLUÇÃO DAS HABITAÇÕES ATÉ OS DIAS DE HOJE

Com o progresso, as condições de salubridade da várzea melhoram. As ruas vão sendo calçadas e iluminadas, a princípio a azeite e, mais tarde, a gás de iluminação.

Aparecem, então, casas ricas que lembram as casas dos grandes senhores de engenho, no meio de chácaras; são casas já mais amplas e alegres, com grandes salões, mobiliário mais completo, mas com quartos de dormir ainda exíguos:

- nos salões das casas nobres há profusão de retratos a óleo de pessoas da família, um piano, grande quantidade de cadeiras, sofás e canapés arrumados de maneira rígida,
- nos quartos, quase que unicamente camas e uma arca
- as chácaras têm, freqüentemente, capelas onde são celebradas missas,

— nas mais ricas há decorações de azulejos, importados do Reino, muito apreciados, mas de alto preço,

— as gelosias vão desaparecendo; as vidraças vão sendo mais utilizadas,

— as instalações sanitárias e os encanamentos vêm facilitar a vida e contribuir para a higienização da cidade,

— a eletricidade, mais barata que os azeites e o gás de iluminação, é profusamente usada, alegrando as casas,

— há melhorias na urbanização: mais ruas são calçadas, arborizadas e iluminadas; novas ruas são abertas, aparecem mais casas residenciais e comerciais.

O progresso vem possibilitando, e cada vez mais, viver em casas com boas condições de higiene: ventiladas, insuladas, alegres, práticas e com mobiliário adequado.

A carência de terrenos próximo ao centro dá origem à casa de apartamentos — número cada vez maior de pessoas atraídas pelas condições da vida urbana.

Como se formaram e evoluíram nossos hábitos alimentares

a) ALIMENTAÇÃO DOS INDÍGENAS

Como já vimos anteriormente, os indígenas, quando aqui chegaram os primeiros homens brancos, alimentavam-se do que encontravam à sua volta.

(*) As primeiras vidraças importadas aparecem em S. Paulo, em parte por ser o planalto paulista muito chuvoso, caríssimas por serem de difícil transporte devido à fragilidade.

Dêsse modo, sua alimentação constava de:

- caça e pesca: carnes moqueadas,
- mandioca e outras raízes; milho, farinhas, caldos excitantes, paçoca, mingau, raízes e espigas cozidas.
- frutas: ao natural, moqueadas (conservas) (*) e sucos fermentados ou não, usados como bebidas,
- ovos de tartarugas (algumas tribos; a maioria não comia ovos de espécie alguma),
- mel silvestre, que bebiam com água: hidromel (não bebiam leite de animal algum),
- a pimenta como condimento e, bem poucas vezes, o sal. (**)

b) ALIMENTAÇÃO AO TEMPO DOS PRIMEIROS CONTACTOS ENTRE BRANCOS E INDÍGENAS

De início, tanto nas fazendas como nos chamados "centros urbanos", eram consumidos:

- gêneros importados do Reino que, apesar de escolhidos entre os de mais fácil conservação, chegavam, muitas vezes, em péssimas condições para o uso. Eram eles: carnes, cereais, cebolas, frutos secos e vinho, com que se faziam os caldos, as papas, os cozidos, os molhos e assados,
- produtos da terra: mandioca, milho, caça, peixes. Com eles, preparavam beijos, farinhas de milho e cará com molho de carnes guisadas e moqueadas, incorporando, às portuguesas, técnicas indígenas.

(a base da alimentação dos portugueses desloca-se do trigo para a mandioca).

Mais tarde, a grande produção de açúcar sugere às senhoras de engenho enorme variedade de pratos, enquanto, nos meios urbanos, a alimentação não se modifica.

Faziam-se nas casas-grandes:

- doces e bebidas com raízes e frutos nativos: cuscus e filhós de mandioca, bôlo de milho, refresco e licores de cajú e outros frutos silvestres etc.

(*) "E quando querem guardar alguma comida por mais tempo, carne ou peixe, penduram-na uns quatro palmos acima do fogo, em varas, e fazem bastante fogo por baixo. Deixam-na secar e esfumegar, até ficar bem seca. Quando querem comê-la, aferventam-na outra vez e se servem". (Hans Staden, "Viagem ao Brasil", edição de 1930, págs. 143 e 144).

(**) Alguns indígenas da costa fabricavam um sal bastante escuro, apurando, ao fogo, a água salgada. Uma nação do interior — nação Karáua — queimava o tronco de palmeiras e se servia das cinzas. coadas e depois fervidas, o que era prejudicial à saúde.

O plantio, praticamente exclusivo, da cana de açúcar, porém, prejudica o regime alimentar, que carece de variedade e valor nutritivo.

c) MODIFICAÇÕES INTRODUZIDAS PELOS NEGROS AFRICANOS

Com a chegada dos negros africanos, foram introduzidos nas casas-grandes o quiabo, o maxixe, a pimenta-malagueta, o azeite de dendê.

Surgiram, então, novos pratos — caruru, vatapá, abará, quibebe, acarajé etc. — e modificaram-se outros tipicamente portugueses ou indígenas — canjica, arroz-doce, cocadas, bolinhos de tapioca, cuscus envoltos em folhas de banana.

Entretanto, continua a carência de legumes, verduras, carnes e leite, devido a monocultura e, também, aos maus hábitos alimentares dos brancos (os negros fazem pequenas hortas para consumo próprio).

Com a ida de escravos para as casas da cidade, dá-se, também aí, a mesma influência, embora o tempêro africano não impere de maneira tão acentuada como na casa-grande.

Ficaram também afamados os doces feitos pelas negras fôrras, assim como as comidas e doces com tempêro africano feitos pelas "negras do fogareiro".

Assim, nos três primeiros séculos, houve apenas fartura de doces, geléias e pastéis (*), ainda mais porque:

- diminuiu a caça, em virtude do aumento de população,

- os rebanhos não eram suficientes (as poucas cabeças chegavam aos centros consumidores em condições precárias para o abate, pois as regiões de criação se estabeleceram muito longe das populações urbanas e agrícolas).

d) ALIMENTAÇÃO AO FIM DOS TEMPOS COLONIAIS

Nas fazendas "com exceção do sal e das máquinas, tudo se produzia", era muito grande a independência econômica. Além disso também eram comprados gêneros "do Reino".

Nos meios urbanos não se encontravam à venda carne fresca, nem ovos, legumes ou frutas. As casas comerciais que negociavam com gêneros alimentícios, inclusive restaurantes e casas de pasto, eram em número muito reduzido.

(*) Em algumas regiões de cultura mais diversificada e de criação, houve conseqüentemente, maior quantidade de carne fresca, ovos, leite e alguns legumes, embora a fartura não fôsse grande, em virtude dos métodos agrícolas impróprios, que prejudicavam o solo (regiões onde a cana não medrava bem, como, por exemplo, no planalto paulista).

As famílias ricas, os colégios de padres e conventos tinham de plantar e criar em seus quintais. Além disso, as pessoas de posses ainda importavam diretamente alimentos finos europeus: queijo, vinho, azeite, linguiça, presunto, biscoitos, macarrão, nozes, azeitonas, cebola, alho etc. Também consumiam ostras, camarões, mariscos, lombo de porco de Mato Grosso e queijo de Minas.

Os pobres se alimentavam com os gêneros de fácil conservação, por isso mais baratos (problema de transporte). Assim, comiam: bacalhau e carnes secas importados, a chamada carne-do-Ceará, toucinho, pirão, angu, abóbora, feijão.

A urbanização crescente vem exigir, das chácaras mais próximas aos centros urbanos, o plantio de produtos alimentícios, mas, de início, elas só produzem forragem para os animais de sela das pessoas abastadas, e legumes, alimento quase que só de africanos.

e) INFLUÊNCIA ESTRANGEIRA NOS HÁBITOS ALIMENTARES BRASILEIROS

Tentados pela vida da cidade, os senhores de engenho vão se aproximando cada vez mais do centro urbano para, afinal, estabelecer-se nêle.

Os ricos que iam à Europa (muitas vezes para estudar) trazem de lá os novos hábitos alimentares e a influência de cozinhas estrangeiras, a que se junta também a contribuição dada pelos que vêm viver em nosso país, notadamente ingleses. Assim, recebemos as saladas, os pudins, os sorvetes e o hábito do chá e do café.

Acentua-se o progresso em nossos hábitos alimentares. Aparecem os primeiros vendedores ambulantes: o vendedor de peru (com a vara que impedia as aves de se dispersarem), o italiano do peixe, o preto vendedor de sorvete, o leiteiro com a vaca e o bezerrinho, além da negra da canjica e a baiana dos doces, já conhecidas. Mais tarde apareceriam outros e surgiriam os quiosques.

f) ALIMENTAÇÃO NOS DIAS DE HOJE

Atualmente nos alimentamos melhor:
— a alimentação é valorizada como fator de saúde,
— a grande variedade de alimentos à nossa disposição possibilita uma boa escolha, evitando a carência orgânica.

Isso se tornou possível porque:

- há a preocupação de conseguir alimentos nutritivos,
- são conhecidos melhores processos de agricultura,
- há maior facilidade de transporte
- há novas maneiras de preservar os alimentos,
- há fábricas de doces e enlatados, massas etc.,
- há pessoas encarregadas de fazer chegar os gêneros aos centros consumidores,
- há inúmeras casas comerciais especializadas em alimentação.

Além disso, a imigração maior verificada no último século, e os meios de divulgação hoje existentes têm concorrido para a modificação e melhoria de nossos hábitos alimentares. São inúmeros os pratos estrangeiros que assimilamos ultimamente: o rocambolo, as omeletas, as pizzas etc. Nos nossos restaurantes de primeira classe temos hoje a cozinha internacional, as diferentes cozinhas típicas brasileiras ou as estrangeiras preferidas.

LIVROS UTILIZADOS:

- Gilberto Freyre — Casa Grande e Senzala
- Gilberto Freyre — Sobrados e Mocambos
- Luiz Edmundo — O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis
- Caio Prado Júnior — Formação do Brasil contemporâneo

Os meios de locomoção e transporte, no Brasil

Os primitivos habitantes do Brasil à época do descobrimento andavam a pé — longas e penosas jornadas.

Nadavam e faziam uso de canoas, balsas e jangadas sem velas — a água como via de comunicação e transporte.

As náus e caravelas portuguesas permitiram o contacto dos colonizadores com o Reino.

Os portugueses, introduzindo o gado (carro de boi — *emprêgo da roda*), a bêsta, o cavalo (animal nobre, de sela) melhoraram as condições de locomoção e transporte na colônia.

Surgiram depois meios de transporte em que eram utilizados os negros-escravos. A liteira, por exemplo, era conduzida por negros ou por bêstas, às vezes. Negros conduziam

ainda a rêde, a serpentina, a cadeirinha, tanto a do *campo* quanto a de *arruar*, isto é, a de andar nas ruas da cidade.

Fazia-se, portanto, não só o aproveitamento da *fôrça animal*, como o da *fôrça humana* nos meios de transporte.

Surgiram mesmo, nas maiores cidades, os chamados "*negros de aluguel*" com suas cadeirinhas. Com a propagação das idéias abolicionistas e a maior compreensão dos aspectos sociais no Brasil, dispensou-se o negro de tais funções, tão pouco adequadas ao homem. Isso numa época em que já eram utilizadas também carruagens com rodas de metal: a sege, a caleça, a traquitana, o côche. Entretanto, só as pessoas de muitos recursos possuíam tais carruagens; o coche, porém, sendo ainda de maior luxo, era usado apenas nas ocasiões mais importantes. A sege, entretanto, tornou-se, posteriormente, carro de aluguel.

Foram surgindo mais tarde outros veículos, alguns mesmo considerados de grande luxo: a berlinda, o "coupé", o "landau", a vitória, o carro à Daumont, conduzido por várias parelhas de cavalos bem escolhidos, utilizado pelos nossos primeiros presidentes.

Entretanto, o *grande progresso* assinalado nos meios de locomoção e transporte se fez sentir quando do aparecimento de outros veículos de aluguel como: o fiacre e o "tilbury" e dos veículos coletivos:

- a gôndola (*),
- a diligência,
- o bonde puxado a burro,
- o trem a carvão,
- o navio a vapor,

O problema da distância já não é tão grave.

é, porém, em nossos dias que os meios de transporte, refletindo o avanço da ciência e da técnica, apresentam mais sensível progresso, indo do bonde elétrico aos foguetes espaciais, através,

- do automóvel,
- do ônibus,
- do trem elétrico,
- do ônibus elétrico,
- do avião, (**)
- do zepelin,
- do helicóptero
- e do avião a jato.

(*) Primeiro coletivo puxado a burro.

(**) Oportunidade para referência a Santos Dumont.

Conhecimentos a adquirir

Assim, apreciando, embora de maneira sucinta, os aspectos sociais da experiência brasileira no sentido da adaptação e melhoria das condições de vida, as crianças terão dominado os seguintes conhecimentos:

- o descobrimento do Brasil e os fatos a êle relacionados: a Escola de Sagres e os descobrimentos, as grandes invenções — a pólvora, o papel, a imprensa e a bússola — as navegações portuguesas, o descobrimento do caminho marítimo para as Índias, o comércio das especiarias,
- os primitivos habitantes do Brasil,
- o indígena, o português e o negro como elementos formadores de nosso povo,
- processos de colonização, os jesuítas,
- início da colonização; os jesuítas,
- como evoluiu, entre nós, a habitação,
- como se formaram e evoluíram nossos hábitos alimentares,
- os meios de locomoção e transporte no Brasil.

INSTRUMENTOS DE ESTUDO A ADQUIRIR E UTILIZAR

Excursões no 3.º ano

As excursões no 3.º ano, dada a necessidade de tomar contacto com aspectos de vida diferentes, tornam-se, de certo modo, imprescindíveis, tendo mesmo de ampliar seu raio de ação.

A criança que vive em zona urbana, por exemplo, só poderá identificar-se com aspectos de vida diferentes, se realizar excursões devidamente planejadas (2.º ano, pág. 106) a uma colônia de pesca, a um centro agrícola etc. O mesmo acontece com as crianças que vivem numa colônia de pesca, centro agrícola etc., relativamente aos aspectos de vida urbana ou de um centro pecuário, por exemplo. Essas excursões evidenciam, para a criança, o valor de cada uma dessas formas de vida, através dos aspectos de interdependência e inter-relação.

Se, no decorrer do 2.º ano de Estudos Sociais, se fizer a necessária aproximação da Escola com os Serviços da localidade, parece-nos fácil conseguir condução adequada para as crianças. As facilidades nesse sentido decorrerão de um melhor entendimento entre a escola e a comunidade. E nosso trabalho tem sido orientado nesse sentido.

Por outro lado, a identificação entre as crianças de uma e outra localidade, no sentido da valorização de cada um desses aspectos de vidas diferentes, dependerá muito da compreensão da professora que deverá, inclusive, estimular a correspondência entre as mesmas.

As excursões devem ser feitas, no caso específico do Estado da Guanabara, por exemplo, às colônias de pesca de

Mangaratiba, Guaratiba etc., às colônias agrícolas de Jacarepaguá, Campo Grande etc.

Encarecemos ainda a necessidade de realizar as demais excursões que se fazem necessárias à realização dos objetivos visados no 3.º ano de Estudos Sociais. Para esse fim, acrescentamos algumas sugestões para o professor, sempre tomando como exemplo o Estado da Guanabara: (*)

Passeio ao longo da costa ou mesmo marítimo pela baía de Guanabara (**), visita a locais elevados como o Corcovado, o Pão de Açúcar, alguns pontos de Santa Tereza, mosteiros de São Bento e de Santo Antônio, vila Bela Vista na rua Marquesa de Santos (Laranjeiras), a vila de Santa Genoveva em São Cristóvão etc., darão oportunidade a uma visão mais ampla da cidade.

Passeios pela cidade de modo a permitir a observação de algumas das construções do Rio antigo e pontos de interesse da cidade moderna, estabelecendo o desejado confronto, além de visitas aos vários museus existentes darão oportunidade, através de um contacto maior com a cidade, a apêgo também maior a tudo que constitui seu patrimônio.

Assim, será interessante realizar visitas mais prolongadas a lugares como o largo do Boticário, caixas d'água antigas como a situada em Pedregulho (São Cristóvão), o adro e a igreja de São Francisco da Prainha próximo à praça Mauá, a igreja de Jacarepaguá, a da Penha etc., além de observar portões antigos como o que se acha no interior do Passeio Público, ou na praça da Bandeira, o chafariz, uma das grandes estações de estrada de ferro, o centro da cidade e seu movimento, uma avenida importante; o Aeroporto; a estação rodoviária Mariano Procópio; o cais do pôrto, o aspecto de um bairro diferente do bairro da escola; o Pão de Açúcar e o caminho aéreo; a Praça Paris e o Passeio Público etc.

Sugerimos observar, entre outras relíquias do Rio antigo: o atual Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, antigo Paço Imperial; uma velha bica e uma casa, a de n.º 98, na rua do Riachuelo; os Arcos, na Lapa; o Edifício dos Correios e Telégrafos (antigo Paço Imperial) e o chafariz do Mestre

(*) Cada professor fará a necessária adaptação ao caso particular.

(**) A Marinha de Guerra Brasileira tem proporcionado esses passeios a nossas crianças.

Valentim, ambos na praça 15 de Novembro; a capelinha da Santa Casa de Misericórdia em frente ao Palácio de Agricultura; a igreja do Outeiro da Glória; o Convento de Santo Antônio etc.

A visita aos nossos museus será melhor apreciada por nossas crianças se for antecedida, não só pelo conhecimento do que ali se deverá observar, mas também pela escolha e planejamento cuidadoso do trajeto a seguir.

Museu da cidade — possibilidades de apreciação do passado do Rio

(Govêrno do Estado da Guanabara — Parque da Cidade — Gávea)

Andar térreo:

Sala de entrada:

cópia em gesso da lápide da sepultura de Estácio de Sá e do marco da cidade (os originais estão na Igreja de São Sebastião dos Padres Capuchinhos); maquete em gesso do morro do Castelo; marrecas do antigo chafariz executado por Mestre Valentim e situado em frente à antiga rua das Marrecas (hoje João Pablo Duarte); armadura do século XV; quadro representando o Rio de Janeiro no século XIX; bala francesa encontrada na ilha de Villegaignon.

Sala do pátio:

pátio utilizado na solenidade da chegada de D. João; mobílias e retratos.

Corredor ou salas das cerâmicas:

terra do morro de Santo Antônio; azulejos coloniais; telhões de cerâmica; pia colonial; paisagem carioca; alabardas e lanças.

Escada:

quadros do Rio Antigo

Primeiro andar

Corredor

vistas da cidade antiga; quadros da história da cidade: a Fundação e a Transladação.

Sala dos Prefeitos:

retratos dos Prefeitos (noção do tempo transcorrido)

Varanda:

veículos antigos

Museus que vão proporcionar às crianças a apreciação da evolução dos usos e costumes brasileiros

Peças a observar no *Museu Histórico Nacional* (M.E.C.) (praça Marechal Âncora)

Andar térreo:

Arcadas da entrada:

Estátuas de Caramuru e Anchieta;

Sala Mendes Campos (Colônia e Império)

Fechaduras, chaves, torneiras, espelhos de fechaduras, bengalas, máquina de costura, ferro de engomar, telefone, fusos, lançadeiras, bilros, candeias, fôrmas de ferro para fundir, fôrmas de doces, vasos, modelo de engenhoca em madeira, estribos, caçambas, esporas.

Sala Ferreira Viana (Império)

Tinteiros, penas, óculos, sombrinhas, sandálias, pentes, leques, botões, lunetas, lenços, fosforeiras, golas, corta-papéis, caixas e pastas.

Sala Mascarenhas de Moraes (atravessando o pátio)

Cadeiras de arruar, carruagens, liteiras, côches, berlindas, seges, primeiros carros e motor.

1º andar:

Sala Princesa Isabel (Império)

Vestidos, fardas, trono, retratos, objeto de uso pessoal, piano, secretária etc.

— no *Museu do Índio* (Ministério da Agricultura)
(Av. Mata Machado)

Andar térreo:

mapa localizando as tribos e aspectos da vida indígena.

Primeiro andar:

Museu Rondon, e ainda, em exposições temporárias, ornatos, rêdes, igaras etc.

Segundo andar:

Armas, instrumentos musicais, utensílios domésticos (exposições temporárias)

— no *Museu Nacional* (Quinta da Boa Vista)

Segundo andar:

Salas dos indígenas brasileiros:

Armas, indumentárias, ornamentos, instrumentos, utensílios, máscaras, artes indígenas

— na *Casa Ruy Barbosa* (M.E.C.) (Rua São Clemente, 134 — Botafogo)

Na garagem:
carruagens

O livro "Recursos Didáticos dos Museus Brasileiros" de Guy de Hollanda, publicado pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (I.N.E.P., Ministério de Educação e Cultura), fornece informações sobre os museus brasileiros em geral.

PREPARANDO A CRIANÇA PARA A LEITURA INTELIGENTE DE MAPAS

Planificações no 1.º e 2.º anos

No 1.º e 2.º anos de Estudos Sociais, a criança adquire conhecimentos e habilidades que lhe vão possibilitar, agora, a interpretação de mapas e projeções em geral.

Assim, ela aprende a:

- olhar de cima para baixo "como gigante",
- fazer a planta da sala de aula, da escola, da vizinhança da escola,
- comparar grandezas, observando as proporções,
- reduzir o tamanho natural dos objetos e cousas, guardando as proporções (escala),

— considerar a posição de um objeto em relação a outro, ou de uma rua em relação a um prédio ou a outra rua, concluindo que a planta mostra a posição das cousas,

— determinar as direções N., S., E., O., pelas referências à posição do sol,

— traçar percursos (uso de plantas como meio de expressão)

— os tipos de paisagem local (edifícios, praças, montanhas, colinas, paisagens com terras elevadas ou com lagos, rios, oceanos),

— termos simples usados em mapas (ilha, serra, maciço etc.)

Planificação no 3.º ano

No 3.º ano de Estudos Sociais, a professora, atendendo às necessidades da criança relativamente à sua fase de desenvolvimento, procurará ajudá-la no sentido de que seus novos pontos-de-vista a vão iniciando na compreensão de que o horizonte de seu pequeno mundo não se fecha, mas se alarga, na medida de que seus olhos ou sua imaginação abrangem.

Atendendo a êsse objetivo, a professora poderá realizar pequenas excursões a lugares altos (colinas, edifícios, mirantes, segundo os recursos da localidade), e procurará mesmo conseguir a visão de planos diferentes, de um 5.º andar de edifício, e de um 10.º andar, por exemplo. Mais uma vez a professora sentirá que a necessidade de propiciar experiências de vida à criança levá-la-á para além da escola, para o seio da comunidade, para as estradas e ruas de seu meio-local.

A criança, descortinando o panorama, compreenderá, por exemplo, que os rios levam as águas para longe, para muito longe mesmo, que a via-férrea continua, muitas vezes vencendo obstáculos (túnel, viaduto), e isso lhe dá maior largueza de visão. Além do que a criança abrangerá, em seu conjunto, acidentes físicos e peculiaridades de vida, o que a ajudará, mais uma vez, a relacionar os aspectos de vida da comunidade à sua base física, identificando a parte antiga e a parte nova, os lugares de mais densa população, ao mesmo tempo que reconhece estradas, assinalando a direção que seguem, e identifica rios, canais etc. E a criança compreenderá ainda que há grandes distâncias e horizontes que seus olhos não atingem.

Ajudamo-la assim a projetar-se além de seu meio-local e a sentir que sua localidade não está isolada, mas cercada de outras localidades, de outros ambientes de vida, o que já a vai conduzindo a encarar seu meio físico em função de outros meios físicos, de outras formas de vida.

É, pois, um grande passo no sentido de futuras abstrações e da caracterização pela criança de seu meio físico.

Se, entretanto, essa *excursão* for absolutamente impossível, e mesmo no caso de sua realização, a professora lançará mão de fotografias aéreas da localidade, que podem ser obtidas pelas próprias crianças, movidas pelo grande interesse que o assunto desperta. Se essas fotografias não estiverem ao alcance da criança, a professora procurará consegui-las, pois são de real valor. Elas devem ser convenientemente explicadas em classe, apresentando-se, em primeiro lugar, as *vistas panorâmicas* que dão a visão oblíqua, devido à necessidade de que a criança apreenda o relêvo e as distâncias.

Ao depois, introduzem-se as vistas aéreas verticais que, se não tiradas de grandes alturas, delimitam e precisam contornos, auxiliando na execução da maquete e no traçado de plantas da localidade. Lembramos que esse recurso de fotografias, como o de filmes, diapositivos e cartões-postais não exclui, senão completa, a visão real que se deve ter do que se pretende executar em maquete ou representar numa planta.

Esses recursos ajudam a reconhecer a paisagem, e, portanto, não só auxiliam a executar maquetes ou traçar as plantas, mas também a interpretar uma planta, identificando-a com a realidade.

A interpretação de uma fotografia ou de uma planta de lugar conhecido é um grande passo no sentido da compreensão de fotografias e plantas que representam paisagens geográficas que as crianças não conhecem e que, provavelmente, jamais conhecerão.

Faz-se necessário, pois, prosseguir não só na execução de maquetes da localidade, mas também, no traçado de plantas do meio-local, procurando sempre identificar a realidade com a planta, a esta, com aquela.

Esses exercícios de interpretação de plantas da localidade desenvolvem, na criança, hábitos de precisão, ao mesmo tempo que habituam a ver no *plano geográfico*, isto é, a ver as coisas em sua extensão e desenvolvimento sobre a superfície da Terra.

Outros exercícios para a fácil interpretação de plantas e posterior leitura de mapas, consistem em procurar um lugar na vizinhança seguindo direções dadas, ou dizer o que se vê em uma determinada direção, a partir de um ponto dado (orientação).

Concorre ainda para a boa leitura de mapas a representação em massa plástica ou no tabuleiro de areia, como

aqui preconizamos, de pontos importantes da cidade (ver "Uma exposição" e "Acidentes geográficos e atividades humanas").

Ainda auxilia a interpretação de plantas e mapas, o conhecimento seguro de *medidas*. As crianças poderão avaliar distâncias desde que as medidas tenham para elas significação real.

Se percorrerem distâncias andando ou correndo, o esforço realizado dar-lhes-á conhecimento das mesmas. Igualmente trará bom resultado contar os passos dados ou, o que é melhor ainda, desenrolar um barbante à medida que se vai caminhando. Desta maneira, as distâncias aparecerão de modo concreto, às crianças.

Também o sistema de *retículas* concorrerá para melhor interpretação de maquetes, fotografias, plantas e, posteriormente, de mapas. As quadrículas formadas pelos fios cruzados do quadro que se suspende sobre a maquete, ou pelos riscos em papel transparente, no caso de fotografias e plantas, possibilitarão comparações, notadamente com respeito às distâncias e proporções.

As crianças verificarão, por exemplo, o total de quadrículas que correspondem à zona urbana e o relacionarão com o total ocupado pela localidade em que vivem; farão também comparações entre distâncias pelo número de quadrículas que as separam (correlação com Matemática).

Plantas de memória embora pareçam, à primeira vista, impossíveis de realização pela criança podem ser feitas logo após a visita a um sítio ou granja (o que provavelmente sucederá quando se fizer o estudo das possibilidades econômicas locais).

Com esse objetivo, o professor deverá orientar a observação das crianças fazendo-as responder a perguntas que levarão, depois, ao traçado da planta.

Essas perguntas versarão, por exemplo, sobre a cultura que predomina no sítio ou a criação que predomina na granja, a direção para que está voltada a casa do proprietário, a direção que tomam os caminhos abertos, como o que leva, por exemplo, ao estábulo.

Exemplo: "Quando você sai pela porta da frente e se dirige à estrada principal, que campos de cultura você vê?". E assim por diante.

Essa planta, aliás, deverá ser ilustrada ou pintada, de maneira a preparar a criança para a compreensão dos *símbolos*, no mapa.

Concluindo, devemos ressaltar que, além das excursões a lugares elevados, das vistas aéreas, das fotografias em geral, dos filmes, diapositivos, cartões-postais etc., e da execução de maquetes e traçado de plantas da localidade, foram aqui focalizadas outras experiências de aprendizagem essenciais à futura compreensão de mapas:

noção de distância,
conhecimento de medidas,
orientação,
interpretação de símbolos geográficos,

e desde o 1.º ano vimos procurando iniciar a criança na compreensão do que sejam

legenda e escala (pág. 48).

O globo terrestre e o mapa

A criança, havendo atingido uma fase em que sua capacidade de generalização se vai desenvolvendo, e havendo adquirido experiências que lhe vão permitir uma boa leitura de mapas, sentirá necessidade de utilizá-los de maneira adequada na sua incursão por novos ambientes. Assim, usá-los-á como instrumento:

de observação,
de interpretação,
de redescoberta,

O mapa proporcionar-lhe-á:

compreensão geográfica propriamente dita,
meios práticos de orientação,
compreensão de aspectos sociais.

Muitos desses aspectos só podem ser compreendidos através do conhecimento de fatores locais, cujo único meio de orientação e estudo é o mapa. Assim a localização de uma região será acompanhada de observações quanto a distâncias relativas, a meios de comunicação, paisagem natural etc. A leitura inteligente nesse sentido é o que substitui da melhor maneira a experiência real.

Além disso, o mapa, para a criança, é valioso instrumento no sentido de permitir-lhe situar seu próprio meio, seu pe-

queno mundo, no conjunto do estado e do país. Isso concorrerá para que possa, dentro de seus recursos naturalmente, caracterizar melhor o meio em que vive e que lhe toca à afetividade, passando a olhá-lo de um ponto-de-vista mais construtivo e dinâmico.

Antes, porém, de utilizar o mapa, a criança deverá tomar contacto com o globo-terrestre.

Procura-se, então, partir dos conhecimentos que, em geral, a criança já tem sobre o mundo em que vivemos, e em que vivem outros povos. Dêsse modo, utilizar-se-á o globo, por exemplo, para mostrar às crianças, não só a nossa terra, mas a existência de outras terras, além da nossa, assim como de outros povos que habitam essas terras.

Poderá a professora localizar, no globo, Portugal e África, quando fôr oportuno, isto é, quando falar no povo português e nos negros-escravos e mesmo mostrar o caminho percorrido pelos nossos colonizadores.

Por outro lado, as experiências naturais da criança levam-na a saber que a água e os continentes formam a Terra.

Procurando dar maior amplitude a esse conhecimento, e ao mesmo tempo objetivando o assunto, a professora poderá apresentar o globo-terrestre, iniciando as crianças em relação à forma da Terra.

Aliás, é provável que a professora já tenha esclarecido as crianças a esse respeito, no 2.º ano de Estudos Sociais, a fim de tornar conhecidas as causas — forma da Terra e modas noites. Nesse caso, terá sido realizada, provavelmente, em local escuro, a clássica experiência da luz de uma lanterna que se projeta sobre uma esfera. Agora, no 3.º ano, e com o mesmo objetivo, poder-se-á repetir a experiência com o globo. Posteriormente, mas ainda no 3.º ano, também o movimento de translação da Terra pode ser exemplificado em uma experiência, fixando-se desta vez uma lanterna, vela ou "abat-jour" enquanto se movimenta à sua volta a esfera. Dar-se-á assim base científica às observações das crianças referentes ao aspecto geral dos dias, à duração dos dias e das noites no decorrer do ano, às diferenças de temperatura, ao estudo das sombras etc.

Antes de ver a Terra *planificada, achatada*, é preciso que a criança tenha a visão de sua forma, o que levará a professora a mostrar que a linha equatorial divide a Terra nos *hemisférios norte e sul*, chegando-se ao conceito de *pólos*.

Se a professora achar conveniente, dada a reação da turma, poderá mostrar ainda que a Terra pode ser dividida

em hemisférios, de várias maneiras. Daí surgirão os *hemisférios oriental e ocidental* hoje tão falados. Haverá crianças atualizadas a esse respeito.

Levar-se-á depois o aluno a reconhecer a semelhança entre uma superfície apreciada no globo e a mesma superfície observada no mapa.

A professora deverá, entretanto, acentuar que o globo é a mais fiel representação da Terra porque lhe reproduz a forma.

Além disso, precisa levar a criança a compreender que o mapa em geral representa uma área da Terra e mostra apenas certos aspectos dessa área, excetuando-se naturalmente o planisfério.

Deve ainda fazê-la ver que qualquer parte do globo pode ser representada no mapa.

É óbvio dizer que, devido às dificuldades sentidas na interpretação das projeções, devem ser utilizados mapas com poucos acidentes indicados.

Acreditamos, dadas as experiências de aprendizagem vividas anteriormente e os conhecimentos já adquiridos, possa a professora mostrar às crianças a representação cartográfica do Brasil, orientando essa nova aquisição no sentido, como vimos, da observação, da interpretação e da redescoberta.

Despertado o interesse para o que representa e o que diz o mapa, a professora conduzirá o aluno à localização de seu estado e de sua cidade, vila ou município.

A localização do estado no mapa do Brasil e da cidade no do estado, será feita em mapas que, por sua escala, permitam boa visão. Levada pelo interesse, talvez a própria criança procure ver o mapa de seu estado e de sua cidade. Nesse primeiro contacto com o mapa, serão novamente de grande utilidade as fotografias aéreas, os cartões-postais etc.

As planificações realizadas desde o primeiro ano e o paralelo que se tem procurado fazer, e se faz agora, entre as mesmas e a realidade, ajudam a criança a olhar o mapa de maneira inteligente, isto é, vendo, através d'ele, a realidade.

Serão, portanto, introduzidos os símbolos necessários à interpretação dos mapas no 3.º ano (símbolos de cidades, capitais, rios, estradas, mares etc.). Chamar-se-á atenção para as legendas explicativas desses símbolos, procurando levar a criança ao bom hábito de ler a legenda, antes de procurar interpretar o mapa.

Far-se-á necessário também mostrar que a orientação em um mapa, como no globo, é determinada pelos pólos, podendo as crianças assinalar as direções cardiais.

ATIVIDADES SUGERIDAS

1 — UMA EXPOSIÇÃO

A atividade fornece grande riqueza de experiências, pois supõe:

1) Planejamento:

O planejamento, realizado através de discussões de classe e dentro do critério de economia, de senso estético e de conforto, deve abranger

Escolha do local (em função do material a expor). Condições favoráveis: espaço livre, iluminação, disposição de janelas, e a

Disposição do material — cartazes, biombos, mostruário etc. — que irá garantir o local da exposição escolar

Organização de grupos incumbidos de

— selecionar e agrupar os diversos tipos de material

— preparar o local conforme a maneira de apresentar os elementos a expor: arrumar os cartazes, biombos, cavaletes etc.

— receber e dar os devidos esclarecimentos aos visitantes.

Esses recepcionistas devem ser escolhidos por eleição ou concurso

— de propaganda e publicidade: confecção de cartazes, convites, notícias para o jornal da escola, utilização de outros meios de divulgar.

Esses grupos serão supervisionados pela professora.

Determinação das condições de funcionamento da exposição:

— duração

— dias de visita segundo o número de turmas da escola

— horário de maneira a não prejudicar os trabalhos normais da classe.

A exposição poderá tomar o aspecto de pequena mostra permanente, mas sempre renovada e enriquecida, não só pelos próprios alunos que a organizarem, como também pelos das demais turmas.

Sua forma e complexidade poderão variar em cada caso, segundo as oportunidades e possibilidades.

Sugestões:

1 — Agrupar, num fundo do corredor ou de sala, material que permita o confronto entre o passado e o presente (para concretizar tomamos o exemplo do Rio).

a) VISÃO DO PASSADO:

— mural sôbre os primeiros tempos da História da cidade: "Nossa cidade nasceu assim", "A cidade vai para o Morro do Castelo" etc.

— cartaz "O Rio de Janeiro cresce": "Assim o povo se distraía; "Veja as ruas e as casas" e "A cadeirinha levada pelos escravos". (Êsses três dizeres ligados, respectivamente, a um diorama, a um mostruário e a uma miniatura, por um fio plástico ou uma fita torcida, por exemplo),

— diorama: cena de usos e costumes antigos,

— mostruário de cartão (ou biombo de mesa) apresentando ruas e casas (gravuras ou reproduções de desenhos),

— miniatura "uma cadeirinha", por exemplo, executada em fio plástico ou arame, com acabamento de tecido. Os escravos serão bonecos vestidos a caráter.

b) VISÃO DO PRESENTE:

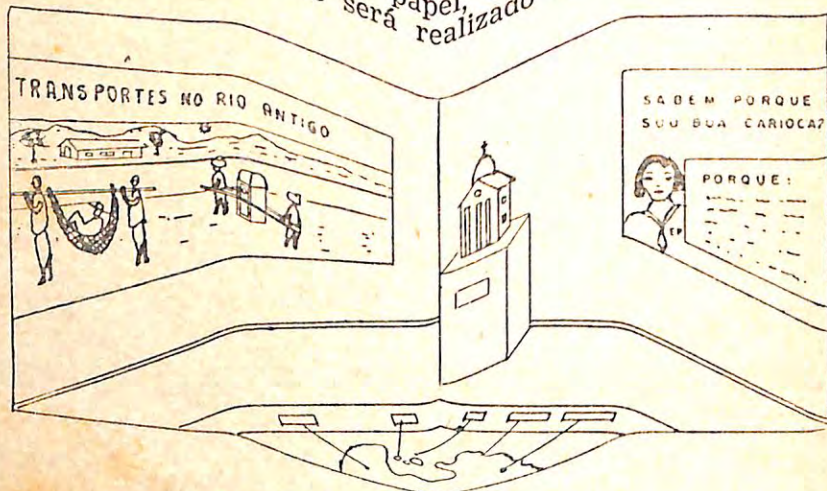
— cartaz com desenhos ou postais em que se possam apreciar o calçamento moderno, os veículos ou as casas atuais. Lembramos ainda um cartaz de agradecimento da turma pela visita à exposição ou mesmo a apresentação de dizeres que despertem, também no visitante, interesse pela "sua cidade".

Um biombo, delimitando a entrada e a saída, não só facilita a circulação no local, como deixa bem visível um convite ou propaganda da exposição (ver o biombo desenhado às páginas 200 e 201).

Um cartaz de propaganda à porta da sala.

No centro da sala a representação rudimentar de pontos importantes da cidade (massa plástica ou outro material de modelagem, como massa de papel, de farinha etc.).

O traçado da cidade será realizado sob a orientação de professora.



Serão modelados depois os pontos realmente importantes estudados pelas crianças. A professora orientará quanto à proporção de uns acidentes em relação a outros (exemplo: o Corcovado é mais alto que o Pão de Açúcar).

Representar monumentos, obras de arquitetura (Cristo Redentor, o Estádio do Maracanã, a igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, o monumento em homenagem aos nossos mortos da Segunda Guerra Mundial, os cabos e o bondinho do Pão de Açúcar).

Localizar o bairro onde está a escola (pintar apenas a área como ponto de referência para as crianças).

Representar ou localizar ainda outros pontos importantes: floresta da Tijuca, praia de Copacabana, lagoa Rodrigo de Freitas, praia do Flamengo, Esplanada do Castelo, Aeroporto Santos Dumont, Cais do Pôrto, as estações de estrada de ferro ou de rodagem, o local da fundação da cidade.

— mural de confronto do antigo e do moderno no Rio de Janeiro: postais, gravuras, desenhos, peças de vestuário em miniatura ou mesmo pequenos bonecos vestidos a caráter, revista de modas organizada pelas crianças.

— maquete de uma construção importante da cidade, utilizando cartolina. Se fôr uma igreja poder-se-á iluminá-la por meio de lâmpadas de pilha nas horas franqueadas à visita.

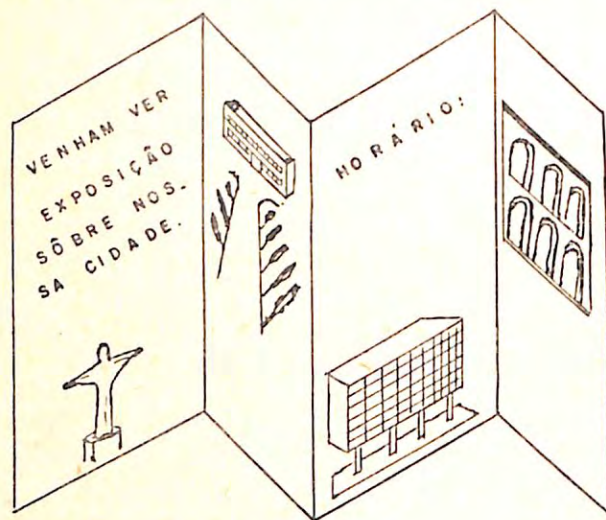
— quadro sugerindo atitudes adequadas a um bom carioca em relação à sua cidade.

Levar os alunos, se possível, a desenhar ou mesmo fotografar (durante as excursões) trechos da cidade de ângulos tais que obtenham o contraste do antigo e do moderno, dentro da cidade atual. Fazer depois um mostruário com o título, por exemplo, "Relíquias de nossa Cidade", escrevendo o nome das construções antigas e explicando a seguir a razão de sua importância ao tempo (ex.: os Arcos).

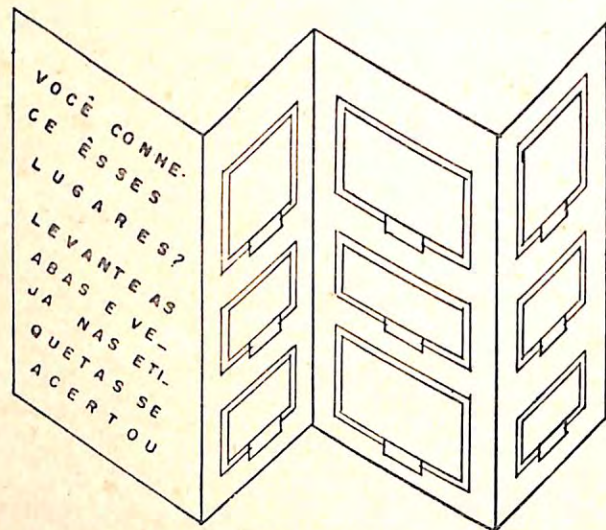
3 — As sugestões apresentadas a seguir visam a dar aspectos novos e de certo modo originais à exposição, embora as idéias das crianças devam ter preferência, se não para imediato aproveitamento, pelo menos como base para novas soluções.

Aparecerão naturalmente variadas maneiras simples e atraentes de expor os trabalhos, como, entre outras, um biombo de mesa, feito em cartolina dobrada em sanfona. Entretanto, se o local da exposição fôr o fim de um corredor, por exemplo, a professora, poderá levar as crianças a sugerir um biombo de chão que, resguardando melhor os trabalhos expostos, cria condições favoráveis de interesse e curiosidade, além de servir à apresentação de trabalhos em sua face interna.

a) biombo de chão — de altura adequada às crianças; feito com papel corrugado e letras recortadas.



face externa



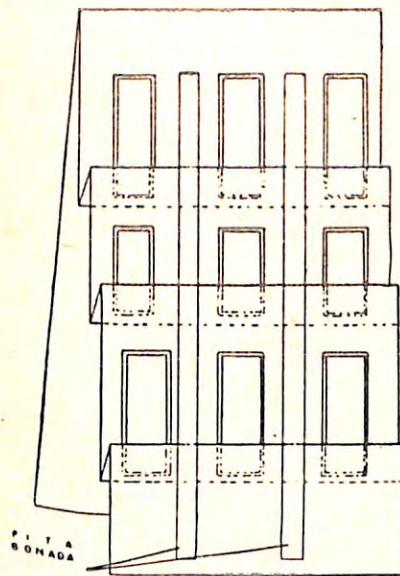
face interna

A face externa dêsse biombo funciona ainda como elemento de propaganda. Pode ser dividida em retângulos, os quais conterão, não só um convite amável e o horário de visitas, como elementos de decoração.

Assim, ilustrações em alguns retângulos, pinturas e composições à maneira de mosaico, feitas com papel lustroso.

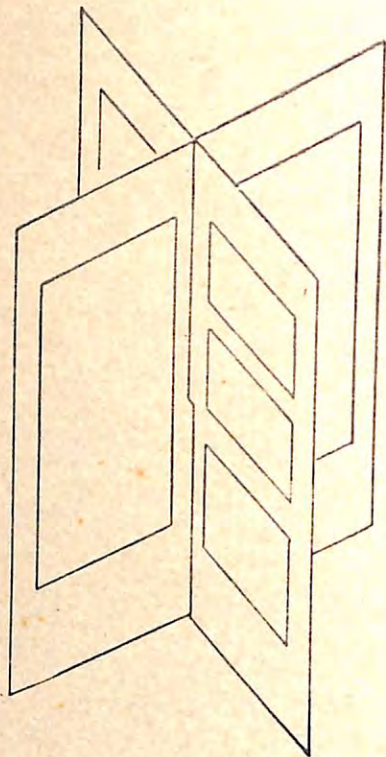
Na face interna, colar fotografias ou desenhos relacionados aos estudos feitos; abaixo, encoberta, informação sobre as mesmas, o que provoca curiosidade e esforço seguindo de verificação imediata.

b) O biombo poderá ainda ser substituído por um *cavalete* que, igualmente, trará propaganda numa das faces e, na outra, material de exposição propriamente dito. Pode ser feito de papelão comum.



Nesse se pregará papel pardo, dobrado em pregas no sentido horizontal, formando uma espécie de bolsos, de maneira a permitir a colocação de postais, desenhos ou fotografias. Este material deve ser colado sobre retângulos maiores, para que a prega do papel não esconda a parte inferior dos mesmos.

c) As faces laterais de um paralelepípedo podem servir para exposição em centro de sala — levantar ripas em continuação às arestas de um caixote, e revestir o conjunto de papel pardo.



d) Dois cartões encaixados produzem bom efeito.

2. CLUBES E ORGANIZAÇÕES, EM GERAL

Tem grande significação, no 3.º ano de Estudos Sociais, a fundação de clubes e outras organizações cujas leis ou regras conduzem ao cumprimento de obrigações e responsabilidades. As experiências nêles vividas preparam as crianças para o bom desempenho de seus deveres sociais e cívicos. Participar da vida do grupo representa, então, um novo e

vivo interesse. Aproveitêmo-lo dando à criança responsabilidades em relação ao grupo. (*)

Conforme os interesses da turma, os clubes poderão ser de:

Amigos da Escola,
Protetores das Árvores,
Amigos do bairro ou da comunidade,
Amigos dos Animais,
Estudos,
Leitura,
Recreação,
Beneficência,

ou

Agrícolas.

Em quaisquer dessas organizações serão desenvolvidas as mesmas fases, tôdas elas utilíssimas em valor formativo:

— determinação dos principais objetivos do clube, compreensão das vantagens, notadamente as culturais, que o clube trará,

— antevisão das atividades que poderá promover, tanto do ponto-de-vista da adequação, quanto das possibilidades de êxito,

— escolha do nome do clube e, talvez, de um distintivo,

— compreensão da necessidade de um grupo coordenador dos trabalhos, como também de estatutos.

— previsão dos cargos de diretoria e do quadro de sócios,

— determinação do processo de escolha da diretoria,

— levantamento das qualidades que devem distinguir cada um dos membros da diretoria

— campanha nos moldes democráticos,

— eleição,

— discussão e organização dos estatutos,

— seleção de atividades e escolha das comissões de trabalho,

— distribuição e execução de tarefas,

— apresentação de trabalhos,

— coleta e organização dos resultados de trabalhos individuais,

— apresentação dos trabalhos das comissões, registros, atas, prestações de contas (**), etc.

Durante tôdas essas fases haverá reuniões sob a direção da professora e, portanto, oportunidades para o desenvolvimento dessa valiosa técnica do trabalho em grupo.

(*) Ver 4.º ano, pág. 306.

(**) A professora, com habilidade e prudência irá conduzindo as crianças ao reconhecimento do mérito e do valor, próprios ou dos colegas, e da adequação de certas tarefas a determinados elementos da turma.

Organização interna de um clube

(Diretoria e quadro de sócios graduados constituídos inicialmente por alunos de uma só turma, no interesse do bom andamento das atividades).

O Grupo coordenador das atividades do clube poderia ficar assim constituído:

Presidente,
secretário,
tesoureiro, todos eleitos pelos componentes do grupo, e ainda:
diretor-conselheiro (professora da turma, sob cuja orientação se realizam as atividades do clube).

Os outros alunos da turma, sócios fundadores, serão aproveitados, sempre que necessário, em comissões de trabalho (compras, direção artística etc.). Os demais alunos da escola, se quiserem pertencer ao clube, ficarão na categoria de sócios simples, cabendo-lhes colaborar sempre que necessário.

Atividades de um clube

Muitas atividades podem ser desenvolvidas, colaborando o clube nos empreendimentos gerais ou promovendo pequenos movimentos particulares, com a aprovação da diretoria da escola.

Exemplificamos com o "Clube dos Amigos da Escola" por se tratar de um clube com objetivos menos específicos, podendo servir tanto para uma escola urbana, quanto rural.

Clube dos amigos da escola

1 — Campanhas:

- em prol da saúde — vacinação periódica ou durante epidemias, limpeza pessoal e boa aparência, uso do copo individual, limpeza e bom aspecto da escola etc.,
- de aproximação com a comunidade — no sentido de que profissionais, pais de alunos, orientem ou mesmo executem pequenos trabalhos de recuperação do material escolar e do prédio,
- beneficentes — auxílio para a Caixa Escolar (para aquisição de calçados, casacos etc.), para o Centro de Saúde (remédios), para a Merenda Escolar (pedido de dinheiro, de

vegetais, de ovos etc., ou campanha no sentido de preparar e cuidar, na escola, de um pequeno canteiro de legumes ou de pequena criação),

— culturais — relacionadas à Semana da Pátria, à divulgação de informações sobre a Bandeira Nacional, ao estudo da comunidade etc.,

— de propaganda — de empreendimentos e instituições escolares internas (Caixa Escolar, Cooperativa Escolar, Centros de Estudos, Clube Agrícola etc.).

2 — Exposições:

3 — *Festas e comemorações* — do Centro Cívico, do Dia da Árvore, do Natal, de cunho recreativo, com a finalidade de obtenção de capital etc.

4 — Iniciativas em prol da escola:

Aquisição e feitura de material didático, pintura de cercas e vasos, preparação de jardins, conservação do quintal, arranjos interiores: plantas, aquários, ornamentação de paredes etc.

Dêsse modo, as atividades do clube oferecem a possibilidade de:

— facilitar a compreensão da solidariedade e do alcance social da cooperação, por vezes mesmo do cooperativismo, no caso da participação nos trabalhos da Caixa Escolar e da Cooperativa,

— incentivar o amor e interesses pela escola,

— viver democraticamente situações coletivas, retirando delas o máximo em hábitos e atitudes desejáveis,

— selecionar a atividade mais importante dentre muitas necessárias e nela se empenhar até o fim,

— observar de mais perto a hierarquia escolar, o que será útil para apreender a noção de autoridade e o conceito de governo, experiência de valor na conceituação inclusive de nação, estado, cidade ou município,

— realizar pesquisas e entrevistas,

— entrar em contacto com técnicas e experimentar habilidades diversas,

— adquirir conhecimentos e capacidades no domínio das matérias do currículo relacionadas com as atividades escolares: desembaraço nas redações próprias do ano (recados, pedidos, agradecimentos em bilhetes, cartazes etc.), desenvolvimento do vocabulário, organização de listas, resolução de problemas, realização de cálculos, aquisição de noções (nas transações, nas medições) e muitas outras.

3. PREPARO DE UMA HORTA

(ver "O homem e o aproveitamento dos recursos naturais relativamente a suas necessidades primárias", pág. 142 em diante).

Colocar a semente na terra, ver surgir depois a planta, acompanhar-lhe o crescimento, colhêr, preparar e comer do que se plantou com as próprias mãos, todos êsses "segredos" atendem bem às características infantis e levam a inúmeros problemas que se resolvem pelas Ciências Físicas e Naturais (*).

Sendo a alimentação um problema básico, torna-se imprescindível, realmente, valorizar as práticas agrícolas, em face da interdependência entre as comunidades produtora e consumidora. Será essa uma faceta valiosíssima do trabalho, para o qual facilmente se encaminhará o grupo, como veremos mais adiante. Nas cidades, a sugestão poderá vir da passagem pela feira ou por uma quitanda ou mercado, por exemplo, estando as crianças naturalmente interessadas pelo comércio especializado no gênero. Nos subúrbios mais afastados e no interior pode surgir de uma visita ou referência a hortas, chácaras e fazendas.

OPORTUNIDADES CRIADAS A APRENDIZAGEM

(sugestões)

nas cidades

Durante as conversas a que são levadas a professora e as crianças pelo desejo de preparar uma horta

Apontar os motivos pelos quais não é comum fazerem-se hortas na cidade. Levar a buscar, em face da falta de experiência direta, informações em folhetos, revistas ou mesmo através de pessoas com prática no assunto

nos subúrbios e no interior

Apontar os motivos e as vantagens da existência de hortas na redondeza

(*) Entre êsses os aspectos de higiene e saúde ligados à vida rural (págs. 143 a 145), ressaltando a importância de se utilizar apenas adubo mineral e água límpida (prevenção do tifo).

nas cidades

nos subúrbios e no interior

— no estudo do terreno para o planejamento dos canteiros

— mostrar as vantagens que trazem uma determinada forma e tamanho, de modo a facilitar o cuidado com as plantas e a locomoção das pessoas

— conduzir ao melhor aproveitamento possível do terreno

— na escolha dos vegetais a plantar

— considerar a exposição ao sol, o tipo de terreno, a época, a facilidade de cultivo e a colheita rápida, como primeiro conjunto de fatores que devem influir na escolha dos vegetais

— levar a observar as hortas da localidade, buscando os motivos dos formatos e tamanhos dados aos canteiros

— levar a apontar, pela experiência e pela observação, os vegetais a plantar, tendo em conta a exposição ao sol, tipo de terreno, a época, a facilidade de cultivo, a colheita rápida etc.

— mostrar que também os agricultores planejam seu trabalho, levando em conta os fatores citados e outros ainda, com a facilidade de levar os produtos ao mercado (proximidade ou boa rede de transportes), boa aceitação do produto etc.

— ressaltar ainda o valor nutritivo, como um fator importante que deve influir na escolha dos vegetais a plantar, mesmo que as circunstâncias sejam menos favoráveis.

nas cidades

nos subúrbios e
no interior

- familiarizar as crianças com certos vegetais ricos em propriedades nutritivas e não muito bem aceitos por elas (trocar receitas saborosas)
- executar a planificação do terreno dividido em canteiros, e registrar a localização dos vegetais a plantar em cada um.

— em relação ao material necessário

1. durante o relacionamento dêsse material

— levar a obter uma relação do material agrícola necessário com a ajuda de livros, revistas, folhetos, impressos especializados, ou opinião de pessoas que tenham conhecimento do assunto

— levar a organizar uma relação do material agrícola necessário a cada tarefa

— levar, pela leitura de folhetos especializados, à verificação de possíveis esquecimentos ou da existência de instrumentos novos que venham a facilitar o trabalho, e incluí-los na relação feita anteriormente.

2. quando da aquisição do material

Tratando-se de instrumentos quase todos caros, levar também a pedir auxílio à escola que, às vezes, tem possibilidade de ajudar através de suas instituições ou de encaminhar o pedido a um órgão oficial especializado.

nas cidades

nos subúrbios e
no interior

— pelos trabalhos a realizar na horta (além das informações referentes às ciências naturais)

- valorizar o trabalho de grupo
- dar base científica às práticas agrícolas, levando a observar que cuidados maiores revertem em melhor qualidade de produção.
- assunto correlato: evolução de técnicas agrícolas (ver "Condições de trabalho no passado e no presente")

Locação de terras

Falta-nos esclarecer que as atividades aqui sugeridas, o preparo de uma horta, as campanhas em prol da conservação e recuperação dos recursos naturais, a organização de clubes, do ponto-de-vista social apresentam aspectos diferentes conforme a situação da escola.

O preparo de uma horta em escola de zona urbana ou mesmo suburbana ou em pequeno quintal e nas condições previstas neste trabalho produzirá resultados positivos e de grande alcance educativo. Entretanto, o preparo de uma horta em escola de zona rural importa em aspectos sociais, senão de maior importância, pelo menos de maior repercussão no meio, pelo que representam de sugestões e ensinamentos.

Um desses aspectos de importância no meio rural, por exemplo, o da locação de terras foi bem compreendido e desenvolvido na Fazenda do Rosário em trabalho realizado por iniciativa de Helena Antipoff.

Nessa Fazenda, cada grupo de seis professores-alunos (*) recebe pequeno lote de terra para cultivar, após assinar com o clube agrícola um contrato de locação que abaixo reproduzimos. Analisando-o, a professora perceberá o valor social do mesmo.

Exemplo:

CONTRATO DE LOCAÇÃO QUE FAZEM, COMO LOCADOR, O CLUBE AGRÍCOLA FAUSTO TEIXEIRA, N° 2292, E COMO LOCATÁRIO, A EQUIPE N°..... CONFORME AS SEGUINTE CLÁUSULAS:

- 1° — A área ora locada é de 20 metros quadrados.
- 2° — *Localização* — Está situada no recinto da horta do Clube Agrícola com a denominação de

(*) Trata-se de curso para formação de professores do ISER.

3º — O terreno é entregue ao locatário, em sua forma natural, tal como se apresenta na ocasião do contrato, devidamente avaliado em inventário.

4º — O locatário poderá explorar a área locada como melhor lhe aprouver, satisfeitas, naturalmente, as exigências do Curso.

5º — O saldo credor ou devedor que porventura houver no vencimento do contrato reverterá ao locador.

6º — O prazo de vencimento do presente contrato, corresponderá ao período letivo do Curso do I.S.E.R.

7º — Obrigações dos contratantes

A — Do Locador:

a) Fornecer ao locatário todos os materiais necessários à exploração da área locada tais como: moirões de cêrca, arame, bambu, sementes, mudas, adubos, inseticidas, fungicidas etc. ao preço de custo, contabilizados na conta-corrente do locatário.

b) Fornecer, a título de empréstimo, ferramentas, utensílios e todos os materiais necessários ao cultivo da terra.

c) Fornecer água para irrigação das culturas e uso das criações.

d) Aceitar como pagamento, no vencimento do contrato, as culturas e criações existentes, avaliadas por uma comissão aceita pelas partes contratantes.

B — Do Locatário:

a) Explorar racionalmente o terreno, devolvendo-o ao locador, no vencimento do contrato, nas melhores condições possíveis de fertilidade.

b) Usar os utensílios e todo o material cedido ou emprestado pelo locador conscienciosamente, procurando conservá-los.

c) Entregar no vencimento do contrato o terreno totalmente aproveitado com culturas que não exijam maiores cuidados no período de férias ou nos intervalos entre os Cursos.

d) Requerer do locador, por escrito, todos os utensílios e materiais necessários à exploração da área locada.

e) Pagar o débito contraído com o locador, entregando os frutos da produção na época da colheita, avaliados pelo preço vigente do mercado local.

8º — E por assim terem convencionado, firmam, com as testemunhas abaixo, este documento em duas vias.

I.S.E.R. — Fazenda do Rosário, de de 19..

Pelo locador

Locatário

Testemunhas: _____

COMENTÁRIOS:

Essa experiência referente ao aspecto jurídico da locação de terras, embora apresente certa complexidade para as crianças de nove anos, poderá ser aproveitada em linhas gerais e se a professora, que conhece seu grupo, a julgar realizável, principalmente pelas condições do meio, deve ser posta em prática, dado seu alto valor educativo.

A criança irá percebendo o valor da terra e a responsabilidade daquele que dispõe de um pedaço de terra, por menor que seja.

Se fôr dado, às crianças, cultivar um pedaço de terra, depois de estipuladas com toda a seriedade as cláusulas de um contrato, a experiência revestir-se-á, para elas, de maior importância e, portanto, de mais vivo interesse. Entretanto, dado o nível de 3.º ano, essas cláusulas de contrato devem ser redigidas em linguagem mais acessível e mesmo simplificadas em seu próprio conteúdo. E se o trabalho fôr levado a termo e forem colhidos os resultados esperados, com o cumprimento integral das cláusulas do contrato, as crianças terão vivido uma das experiências de maior valor social que a escola lhes pode oferecer.

Não se trata, é claro, de um contrato individual, mas um contrato realizado com um grupo de alunos ou de uma turma que tem, a orientá-la, uma educadora.

Para maior esclarecimento do assunto, referimo-nos aqui ao que se convencionou chamar na Fazenda do Rosário, de "caixa do grupo" e que consiste em uma caixa comum de papelão, onde o grupo locatário coleciona o que diz respeito a suas atividades.

CAIXA DO GRUPO E SEU CONTEÚDO

- 1) Contrato de locação que fazem, como locador, o clube agrícola, e, como locatário, o grupo de alunos em questão.
- 2) Inventário das plantas e animais existentes no terreno.
- 3) Planejamento dos canteiros e dos vegetais a plantar.
- 4) Diário de trabalho (registro das atividades agrícolas).
- 5) Registro em fichas das observações sobre a evolução dos vegetais plantados.
- 6) Livro-caixa.
- 7) "Fita-métrica dos índios" (5 metros de barbante com nós de metro em metro; no último metro há nós limitando decímetros e, no último decímetro, separando os centímetros).

Observação: Os exemplares de plantas e de animais encontrados no terreno passam a constituir herbários ou pequenos museus individuais, em caixas cobertas com celofane, sendo oferecidos ao museu da escola os exemplares que ainda não façam parte de sua coleção.

Sugerimos que cada criança tenha seu "diário" onde anote o que se refere aos itens 1, 2 e 3, dando ainda ligeira notícia do movimento do livro-caixa. Essas anotações poderão ter por vêzes caráter pessoal, ou ser obtidas através de ditado, redação em conjunto etc.

4. ORGANIZAÇÃO DE UM "CINEMA" DE CLASSE (*)

A organização de um cinema de classe é interesse comum na idade de nove, dez anos ou que, sugerida, é entusiasticamente aceita pelas crianças. Essa atividade oferece à professora muitas ocasiões de levar a classe a um aprimoramento no que diz respeito a hábitos, atitudes e habilidades, além de facilitar a aquisição de conhecimentos em determinados assuntos.

A armação da tela — os tipos de "filme"

Orientado pelo professor, o grupo planejará uma armação de uma tela que venham a permitir assistência de certo modo numerosa, para dar oportunidade a convites. O tipo de filme usado será o mesmo do cineminha simples divulgado nas primeiras séries (**), valorizado agora pela narração, pelos diálogos, pela música etc.

Determinado o material de construção, esta poderá ir sendo executada enquanto se discutem os demais problemas.

A boa escolha do "filme" para a sessão inaugural

A boa escolha do programa para a sessão inaugural depende, é claro, do trabalho da professora no sentido da compreensão, pela criança, da qualidade dos filmes que a escola deve apresentar. O que não exclui, absolutamente, a apresentação de um filme recreativo ao lado de um filme cul-

(*) Ou de um teatro.

(**) Se a escola dispuser de um episcópio (projektor para material opaco) as crianças poderão utilizá-lo com freqüência.

tural ou documentário. Mesmo este último procurar-se-á tornar mais sugestivo, mais vivo através do desenho, da narração animada ou de simples comentários oportunos.

"FILME" RECREATIVO

O filme recreativo, de provável inspiração nos desenhos animados, poderá apresentar algo de útil ou significativo como idéia central, mas o que visamos principalmente é divertir as crianças. O enredo do filme recreativo poderá ser original ou não; o que importa realmente é que seja elaborado pela turma sob a coordenação do professor, ou por grupos de alunos, já que haverá por certo mais de uma oportunidade para a criação de filmes recreativos.

"FILME" DE CONTEÚDO (DOCUMENTÁRIO OU CULTURAL)

Desde que a turma seja bem conduzida, as crianças, no 3.º ano, poderão selecionar assuntos de grande interesse, e mesmo pitorescos, alguns deles, para servir de temas aos filmes. Como exemplo, citamos: o silvícola brasileiro, a evolução da habitação, dos meios de transporte, a ação dos jesuítas etc. Os estudos sobre a cidade e o estado encontram valiosos meios de expressão através de filmes que retratem os primeiros fatos importantes de nossa História ou aspectos de nossa terra.

E, como sempre, é nas mãos do professor que se encontram tôdas essas oportunidades tão ricas e sugestivas. Se os alunos muitas vêzes as fazem surgir, são os professores que as tornam significativas, que as aproveitam e valorizam.

No caso, por exemplo, de um filme sobre a vida dos primitivos habitantes do Brasil, o entusiasmo levará, por certo, à organização de um roteiro. Deve ficar evidente a responsabilidade de realizar um trabalho realmente proveitoso e útil.

EXEMPLIFICANDO:

Reunido material razoável de informações conseguidas em aula ou através de pesquisas em livros e revistas, inclusive por meio de uma excursão ao Museu do Índio se se estiver no Estado da Guanabara, estarão as crianças qualificadas a realizar trabalho de expressão como desenhos, redações, teatrinhos etc., que naturalmente virão a fornecer o necessário material para o filme.

Seguir-se-á o estudo das cenas que devem ser apresentadas e das legendas que se fizeram necessárias, bem como dos diálogos e narrações, das músicas a serem incluídas e da técnica a usar na apresentação dos quadros (recorte e colagem, silhuetas, pintura, desenho a lápis cêra).

A fim de obter melhor enquadramento das cenas e mais perfeito entrosamento entre o som e o desenho é aconselhável que, no verso do filme, as cenas sejam limitadas por traços e que se escreva indicações sôbre a parte falada no lugar adequado, isto é, atrás da cena a que diz respeito.

Dessa maneira o operador, que será igualmente o locutor, terá maiores possibilidades de êxito em suas funções.

A ORGANIZAÇÃO DE QUADROS

Uma redação simples sôbre a vida dos indígenas brasileiros, por exemplo, poderá constituir o roteiro. De posse dêste, as crianças passam à discussão das cenas, organizando-se uma lista das que forem idealizadas. Em seguida, procurarão representar gráficamente essas cenas, que podem ser distribuídas de modo a que várias crianças façam o mesmo desenho, dando-se, assim, oportunidade a uma escolha final.

Problemas que surgem e oportunidades de aprendizagem

Enquanto vai sendo providenciado o programa de estréia, as sugestões que forem aparecendo, inclusive de parte da professôra, serão aceitas ou rejeitadas, conforme a possibilidade de êxito que possam oferecer. Os problemas irão, então, aparecendo, juntando-se a outros, resultantes do desenvolvimento do trabalho.

Citaremos aqui, apenas no intuito de colaborar, alguns dêsses problemas, acompanhados dos conhecimentos, atitudes e iniciativas que permitirão desenvolver.

Qual o tipo de papel a utilizar no filme, ou nos filmes? Ter conhecimento do material apropriado. Dar valor à economia.

Que quantidade de papel será precisa? de tinta? Fazer os cálculos adequados.

Quanto gastaremos? Onde adquirir o material necessário? Fazer pesquisas pessoalmente ou por telefone. Ter conhecimento das lojas especializadas; dar valor à economia, esco-

lher a loja que oferecer mais vantagens. Fazer cálculos com dinheiro e problemas de compra com abatimento. Aumentar o vocabulário pela inclusão de termos como: gasto, despesa, abatimento, desconto.

Como conseguir dinheiro para as compras?

Ter iniciativa. Obter contribuições e empréstimos. Constatar o valor da cooperação. Estabelecer contacto com pessoas. Fazer pedidos, verbais e por escrito, à escola.

Serão distribuídos programas? Haverá anúncios nos programas? (*) (da Lojinha de Doces, do Banco do Estudante, etc. se houver). Anúncios pagos?

Redigir. Aperfeiçoar o vocabulário pela precisão de termos. Ter conhecimento do valor do anúncio como fator de aumento da procura. Compreender que o lucro deve ser pequeno, não só por honestidade como também para que haja procura.

Como fazer propaganda do cinema?

Constatar a necessidade de divulgação. Ter conhecimento de alguns meios de propaganda empregados na vida real. Adquirir noções básicas da organização de propaganda possível na escola: cartazes, notícias etc. Utilizar os meios de propaganda que há na escola (o jornal, a televisão escolar etc.).

As entradas serão pagas? Quanto poderão custar? Que fazer do dinheiro arrecadado? Como serão os ingressos? (observar uma entrada verdadeira ou, mesmo, um canhoto).

Reconhecer as possibilidades de estudo e de treino que terão com o manejo de dinheiro. As vantagens de cobrir as despesas e de possuir um saldo para trabalhos futuros ou para qualquer eventualidade. Aprender a dar valor justo ao trabalho, de modo a ser honesto e a ter freguesia. Reconhecer as vantagens que trazem, para contrôle, os ingressos numerados e sob a forma de talão. Mostrar a significação do selo, no ingresso. Enriquecer o vocabulário: despesa, lucro, prejuízo, capital, impôsto. Compreender o sentido do impôsto e ser informado sôbre vários dêles que há na vida real. Examinar as instituições de auxílio que há na escola.

(*) Caso as crianças se lembrem de preparar anúncios para passar durante a sessão cinematográfica, deve-se dissuadi-las, mostrando-lhes a inoportunidade dos mesmos.

Instituir um pequeno impôsto sôbre o preço da entrada, em benefício, por exemplo, da Caixa Escolar.

Sentir a necessidade de escolher um tesoureiro e de precisar as qualidades necessárias a quem exercer essa atividade. Organizar um livro-caixa simples. Fazer cálculos e resolver problemas.

PROBLEMAS DA EXECUÇÃO PRÔPRIAMENTE DITA

Como dividir as tarefas exigidas no preparo do filme: desenhos, parte falada, ruído, música?

Reconhecer as diferentes aptidões (concursos).

Trabalhar em grupo desenvolvendo grande número de hábitos e atitudes.

Desenvolver a expressão artística.

Quem manejará a "máquina de cinema"?

Dar uma incumbência de responsabilidade a alunos que não tiveram muitas oportunidades de realização, anteriormente.

Como atender às turmas? (*) Serão precisas várias sessões?

Reconhecer a necessidade de um planejamento prévio para que haja ordem. Compreender que devem pesar os interesses da escola na escolha dos horários. Levar a acatar a opinião dos mais experientes.

Quem venderá as entradas?

Promover treinos e concursos de cálculo mental para escolha dos vendedores. A organização pessoal e o método no trabalho. Dar oportunidade de trabalho a certas crianças indicadas para essa atividade.

Quem se encarregará da ordem dentro do recinto?

Fazer compreender a liberdade de cada um, dentro dos interesses gerais. Fazer sentir a necessidade de ordem. Valorizar a autoridade. Valorizar a presença de espírito e a urbanidade no trato com pessoas etc.

Haverá possibilidade de o cinema continuar funcionando?

Recapitular com a turma o trabalho de maneira a pesar as vantagens que êle trouxe, inclusive no setor dos estudos feitos. Valorizar a persistência no trabalho e o aproveitamento de realizações anteriores.

(*) Turmas de 3.º ano, inicialmente.

Capítulo 7

AVALIAÇÃO DOS TRABALHOS E FIXAÇÃO DE NOÇÕES NO 3º ANO

Por volta dos nove anos, devido ao grande desenvolvimento por que passam as crianças, a escola pode e deve oferecer-lhes o máximo em oportunidades de ação, atendendo a suas necessidades e contribuindo para que êsse desenvolvimento se vá processando de modo satisfatório. E assim as crianças participam mais do planejamento dos trabalhos (preparo da horta, organização do clube etc.) e fazem balanços e relatórios, recursos êstes de amplas possibilidades quanto à auto direção e de grande interesse para as professoras no que diz respeito à sondagem, apreciação e contrôle dos resultados da ação educativa.

AVALIAÇÃO PELOS ALUNOS (INDIVIDUAL OU NÃO)

Sugestões

a) *Hábitos e atitudes formativas*

(Ver campanhas do "Clube dos Amigos da Escola" pág. 204)

CADERNETA INDIVIDUAL

Meu trabalho na *Campanha dos casacos*

2a. feira, 15/5/61 — Hoje trouxe um casaco do meu primo Edgard, que estava curto para êle.

2a. feira, 22/5/61 — Pedi a mamãe que fizesse biscoitos para vendermos na escola em benefício da Campanha. Ela disse que sim. Todos gostaram da idéia. Vou trazer os biscoitos amanhã.

DIARIO DA TURMA

Nosso trabalho na Campanha dos Casacos

- 2a. feira, 15/5/61 — Trouxemos hoje cinco casacos. Três servem para crianças de sete anos e dois para crianças de nove anos.
- 3a. feira, 16/5/61 — Recebemos hoje a visita dos representantes de outras turmas. Eles nos entregaram vinte casacos e mais Cr\$ 300,00.
- 4a. feira, 17/5/61 — Uma colega trouxe Cr\$ 50,00 que ganhou do avô. Vimos no livro-caixa que já temos Cr\$ 720,00.
- 2a. feira, 22/5/61 — Um colega vai vender biscoitos feitos pela mãe. Vamos fazer um cartaz anunciando a venda dos biscoitos e explicando para que servirá o dinheiro.
- 4a. feira, 24/5/61 — A venda de biscoitos rendeu Cr\$ 400,00. Vamos fazer limonada amanhã. A escola dará o açúcar e o Artur vai trazer limões do quintal da casa dele.
- 6a. feira, 25/5/61 — Vendemos a limonada e conseguimos Cr\$ 380,00.
A turma 11 organizou uma sessão de cinema e ofereceu Cr\$ 500,00 à Campanha. Temos em caixa Cr\$ 2.000,00 que vamos depositar no banco do 5º ano.
- sábado, 27/5/61 — Terminamos hoje a campanha. Vamos publicar os resultados no próximo número do jornalzinho.

b) *Habilidades no uso de técnicas e de fontes de estudo*

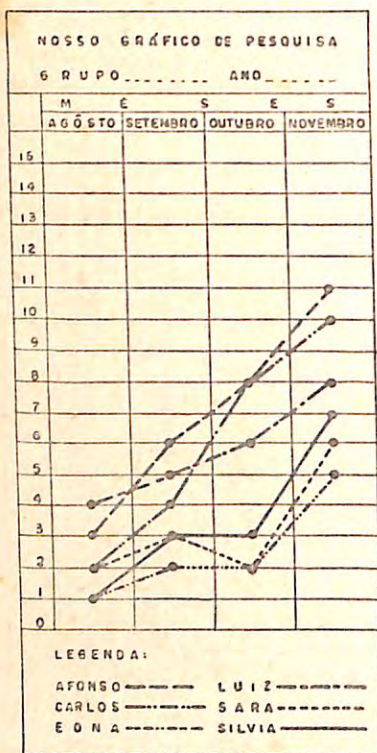
Aventada a idéia de apreciar o interesse das crianças por livros de recreação e de pesquisa em geral, poderão as crianças organizar com a professora fichas do tipo da que apresentamos embaixo como exemplo:

Assunto: Interêsse por leituras recreativas e de consulta			
Nome: Eduardo José Guimarães		Ano:	
		Data	
		abril	maio
Recreação	Procurei livros espontaneamente	2-3-6	
	Li até o fim		
Pesquisa	Consultei livros		
	Anotei nos trabalhos a bibliografia utilizada		
	Usei índices		
	Utilizei dicionários		

Cada aluno poderá preparar o seu próprio gráfico de pesquisa.

Se a professora julgar aconselhável, cada grupo de trabalho poderá organizar, baseado em seus próprios gráficos ou em anotações, um gráfico único, usando cores diferentes em que cada aluno representa o número de livros lidos pelos alunos individualmente, por exemplo, em um mês.

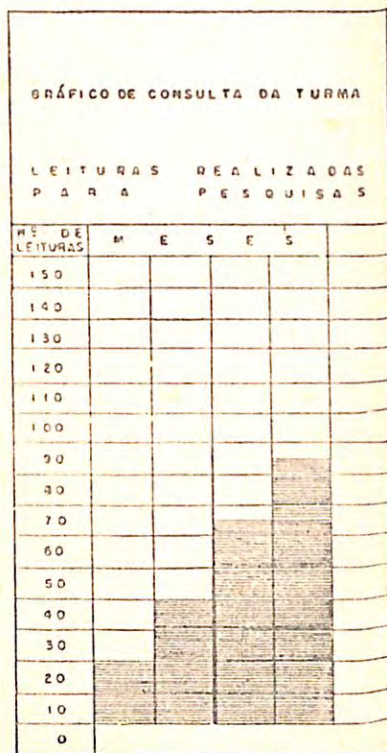
Exemplos de gráfico de pequenos grupos



A professora poderá ainda colaborar com as crianças na organização de um gráfico da turma, baseando-se nos gráficos pessoais ou de grupos. Cada coluna representa o número de livros consultados num mês.

c) Conhecimentos e informações

Fichas são preparadas pela professora e preenchidas pelas crianças, que colocam nos lugares adequados algumas das tiras existentes em envelopes colados nos versos das mesmas. Comparando os trabalhos realizados com as respectivas fichas de respostas, as crianças avaliarão de imediato o grau de acerto a que atingiram. Os resultados obtidos serão anotados numa caderneta adiante do número da ficha.



Nessas fichas as tiras poderão ser:

— colocadas de modo a responder a questionário sobre: o descobrimento do Brasil; a vida dos indígenas; a vida dos primeiros colonos; práticas agrícolas ou de pesca recomendáveis etc.;

— postas em ordem de maneira a mostrar a evolução ocorrida ou o progresso de determinada técnica; a ordem de acontecimentos ligados à vida da criança etc.;

— colocadas paralelamente a dizeres estabelecendo a correlação: base física e atividades humanas; acidentes físicos e seus conceitos; legendas e seu significado etc.;

— separadas em colunas de acôrdo com as épocas — “antigamente” e “agora” (ver evolução dos meios de transporte, focalizar usos e costumes etc.);

— selecionadas dentre várias e agrupadas de acôrdo com o título dado: “Assim se conserva o solo”; “As tabas eram assim”; “Aspectos de minha cidade”; “Eis o govêrno do meu país” etc.

Utilizando listas, desenhos, fotografias, e planificações a professora poderá organizar novas fichas ou, por vêzes, exercícios individuais. No primeiro caso as crianças avaliarão o trabalho de acôrdo com as fichas de respostas.

Exemplos de exercícios

À vista de uma lista:

— marcar as atividades de boa vizinhança nas relações das diferentes comunidades;

— separar as características de sua localidade, de localidades próximas (condições de clima, localização geográfica, indústrias, produções, comércio etc.);

— reconhecer o que uma comunidade recebe da outra;

— reconhecer as características de sua localidade;

— colocar em ordem de aparecimento os meios de transporte, os tipos de iluminação ou de habitação etc.;

— escolher as ferramentas ou instrumentos para se executar um determinado trabalho;

— reconhecer o trabalho que será executado de acôrdo com os materiais e instrumentos citados (trabalho agrícola, construção de uma casa, os cuidados com a casa, os primeiros socorros em casos de acidentes etc.).

À vista de duas listas:

— Ordenar uma coluna de acôrdo com a outra, utilizando:

— características de localidades e modos de vida;

— características da localidade e possibilidades econômicas etc.

À vista de uma lista de transportes escolher (*) o que se deve usar em viagens de uma localidade a outra, da capital à localidade em que a criança mora de acordo com:

- a premência de tempo;
- o desejo de ver a paisagem;
- a economia;
- a época (muitas chuvas etc.).

Utilizando mapas (do Brasil, do estado ou território em que vive o aluno), determinar, por exemplo, que:

- seja colorido o estado ou território colocando-se o nome do mesmo;
- seja colorido o mar;
- se escreva no lugar já assinalado o nome da capital do estado, da cidade em que a criança vive, ou da que fica mais próxima a essa localidade;
- se reconheça alguns acidentes geográficos: rios, baías etc.

À vista de paisagens (desenhos, gravuras de revistas ou fotografias):

- responder a questionário, interpretando-as. Exemplo: reconhecer se é local marítimo, montanhoso, situado em vale etc.; quais as características econômicas do lugar (pela existência de muitas fábricas, de culturas agrícolas etc.); citar os acidentes geográficos conhecidos, indicar direções etc.;
- fazer a planta.

À vista de várias paisagens:

- reconhecer as principais diferenças entre uma e outra, do ponto-de-vista geográfico;
- reconhecer o que têm em comum;

Apresentando-se a mesma paisagem (em momentos diferentes, tiradas de alturas ou ângulos diferentes, uma sendo parte da outra etc.):

- reconhecer quais as condições que as diferenciam (condições de tempo, alturas em que as fotografias foram tiradas, um novo prédio, um novo ângulo etc.);

(*) Todas as escolhas devem parecer cabíveis. Assim, tratando-se de transporte, não poderá haver na lista organizada nomes de acidentes geográficos ou de mobiliário etc.

— mostrar, numa e noutra, os mesmos prédios, acidentes etc.;

Apresentando-se plantas ou paisagens, fazer exercícios idênticos aos já citados e, ainda:

- indicar ou descrever percursos;
- reconhecer o que o homem poderia fazer para facilitar a comunicação entre dois locais (túneis, pontes etc.).

À vista de alguns dados:

- fazer um gráfico de colunas;

Utilizando desenhos de produtos da localidade:

- reconhecer o produto por suas características;
- colorir adequadamente.

Quadros para preencher, usando, se possível, ilustrações.

N.º 15	
O QUE VOCÊ USA	O QUE OS INDÍGENAS USAVAM
COMO ALIMENTO	
PARA FAZER FOGO	
COMO MEIO DE TRANSPORTE	
COMO HABITAÇÃO	
COMO DIVERTIMENTO	

Responder a questionários

- 1 — Que benefícios a Caixa Escolar faz?
- 2 — Como a Caixa Escolar consegue o dinheiro para realizar esses benefícios?
- 3 — Se poucos ajudassem, a Caixa Escolar poderia fazer os benefícios que faz?
- 4 — A Caixa Escolar é de todos os alunos da escola, ou só das crianças mais pobres?

Outros assuntos para questionários:

- manutenção dos serviços públicos — o impôsto;
- higiene da alimentação, da habitação, das ruas;
- hábitos higiênicos, profilaxia de doenças etc.

AVALIAÇÃO PELA PROFESSORA

A professora poderá ainda avaliar hábitos e atitudes, principalmente pela observação e ainda utilizando pequenas histórias que ofereçam às crianças oportunidades para:

- apreciar atitudes;
- pensar e resolver como agiriam em determinada situação;
- escolher a personagem de uma história, de um fato verdadeiro etc. que julgam de maior valor do ponto-de-vista da formação moral.

As próprias histórias criadas pelas crianças importam em boa fonte de verificação do grau atingido no desenvolvimento ou aquisição de hábitos e atitudes desejáveis.

Quanto à habilidade no uso de técnicas e fontes de estudo, ou à aquisição de conhecimentos e informações, a professora faz o devido julgamento, levando em conta a reação dos alunos a conversas, discussões, pesquisas e ainda os resultados de exercícios e de provas.

Seja na avaliação de hábitos e atitudes, comò na de habilidades específicas ou, ainda, na de conhecimentos e informações, a professora deverá tomar anotações que facilitem não

só acompanhar o progresso de seus alunos, como aperfeiçoar o próprio trabalho, sanando as falhas observadas.

O importante é anotar, com relação a cada criança, os fatos que revelem atitudes *objetivamente*, isto é, descrevendo-os e não sob a forma de qualidades. Assim, deve-se evitar anotar: "F. coopera, F. é cooperador", e escrever: "F. hoje trouxe um casaco para a Campanha".

Essas anotações serão de grande auxílio para a professora e para as mestras de anos futuros, porque se referem ao aspecto mais importante da educação — a formação de atitudes.

4.º ANO DE ESTUDOS SOCIAIS

A REALIDADE BRASILEIRA

OS ESTUDOS SOCIAIS NO 4º ANO

Objetivos e programa (*)

a) Desenvolver os conhecimentos relativos à base física e sua influência sobre a vida humana, levando a criança à compreensão:

— de que o solo e o clima de uma região têm influência decisiva sobre as condições de vida do homem;

— de elementos de tempo: a temperatura, os ventos, a umidade e as chuvas;

— de fatores do clima: latitude, solo, floresta, relêvo, massas d'água;

— de que o solo não apresenta sempre as mesmas condições: fazê-la compreender que há solos mais favoráveis à vegetação, outros menos; como exemplos de fácil compreensão: o massapê, a terra roxa etc.;

— de que a região, conforme o solo e o clima, torna-se mais ou menos favorável à vida do homem, bem como ao desenvolvimento dos vegetais que lhe são úteis.

b) Desenvolver o interesse pelos problemas sociais e econômicos do País, levando a criança ao conhecimento:

— da diversidade de condições de vida nas diferentes regiões do País;

— das razões dessa diversidade: condições geográficas, processos de ocupação etc.;

— da adaptação do brasileiro à diversidade de condições de vida que o Brasil oferece: o vaqueiro do N.E., o seringueiro, o gaúcho etc.;

(*) O programa com maior desenvolvimento encontra-se às págs. 330, 331 e 332.

— da contribuição de cada uma das regiões à vida econômica do País: produção agrícola, animal, mineral e industrial.

c) Levar à melhor compreensão e caracterização do meio em que vive o aluno, pelo conhecimento do panorama geral do País.

d) Desenvolver o amor ao Brasil pelo conhecimento da maneira por que se foi formando.

e) Fazer apreciar e respeitar a contribuição daqueles que alicerçaram os fundamentos de nacionalidade brasileira, conduzindo a criança ao conhecimento:

— dos maiores eventos e do papel de indivíduos e de grupos nos vários períodos de nossa História e das condições sociais em geral.

f) Valorizar, na formação cultural brasileira, a contribuição do elemento estrangeiro.

g) Levar a criança a identificar, em sua própria experiência de vida, o processo democrático, levando-a a conclusões que lhe dêem nítida compreensão do mecanismo democrático, seus princípios e normas.

h) Desenvolver o senso estético através de contacto com músicas, danças e outros aspectos artísticos regionais convenientemente selecionados.

Assim, ao fim do 4.º ano de Estudos Sociais, as crianças terão adquirido conhecimentos e informações relativamente:

- à base física e sua influência sobre a vida humana, fatores de influência no clima, conclusões a respeito de clima, no Brasil.
- às regiões do Brasil, do ponto-de-vista físico e, principalmente, da ocupação humana, processos de ocupação e colonização nas diferentes regiões, influência do ambiente geográfico — influência do solo, da água, da vegetação e do clima na adaptação do colonizador português.
- à ocupação territorial como base ao desenvolvimento econômico e social do Brasil do século XVI ao XIX,
- à compreensão de tempo histórico — épocas e períodos de nossa História,
- à sucessão de fatos históricos nas suas relações de causa e efeito,

— a aspectos regionais que auxiliam a caracterizar a vida em cada uma das regiões,

— a etnias emigradas,

— à compreensão do que seja Nação,

— ao Governo Brasileiro: os três poderes.

— à Constituição Brasileira — processos democráticos de governo,

— às características do processo democrático.

Serão desenvolvidas habilidades relativas:

— à utilização do globo terrestre e do mapa,

— ao trabalho de equipe,

— à pesquisa,

— aos recursos de aprendizagem, em geral,

— à prática da democracia.

Ao mesmo tempo que as crianças irão adquirindo consciência da importância de nossa herança histórica, situando-a em seu meio geográfico e em sua época, a fim de compreendê-la como patrimônio da humanidade.

A CRIANÇA E O CONHECIMENTO DA REALIDADE BRASILEIRA

Sentido da aprendizagem

A compreensão, pela criança, da realidade brasileira será decorrência natural das experiências de aprendizagem que lhe vêm sendo propiciadas desde o 1.º ano de Estudos Sociais. Principalmente no que diz respeito a:

- caracterização, pela criança, da vida em sua comunidade
- conhecimento da base física e sua influência sobre as atividades humanas e, portanto, sobre o modo de vida
- conhecimento e valorização de experiências passadas, não só como resultado de um esforço comum pelo aperfeiçoamento no campo da ciência e da técnica, mas, e principalmente, como constante e sempre renovada experiência no sentido de melhores condições de vida individual e social.

Essas experiências de aprendizagem se vêm processando com base nas relações humanas, pela compreensão, por parte da criança, dos aspectos comuns das necessidades do homem nas situações as mais diversas, pela tomada de consciência do que representam, para nós, as lições do passado.

Nesse sentido ainda é que pretendemos orientar as crianças, no 4.º ano de Estudos Sociais, para o conhecimento da realidade brasileira, em seu conjunto.

Tendo as crianças compreendido as relações entre o homem e seu ambiente físico, as várias maneiras por que o homem utiliza o ambiente e os conseqüentes gêneros de vida que daí decorrem, estarão em condições de iniciar o

estudo das *comunidades brasileiras*, tão diversificadas realmente em seus aspectos de clima e vegetação, recursos naturais e solo.

E estarão em condições de ir aos poucos compreendendo os processos de colonização e formação brasileiras. Pelo menos, estarão adquirindo um lastro nesse sentido.

A criança, no 4.º ano de Estudos Sociais, verá desenvolver-se a seus olhos todo o processo de formação de uma *nacionalidade*; é um momento de grande importância, pelo qual é responsável a *escola primária*.

Não serão fatos justapostos — o descobrimento, as expedições exploradoras, as capitânicas hereditárias, o governo geral etc. — que darão à criança *consciência da formação da sociedade a que ela pertence*, e que é o resultado da ação contínua e coletiva das gerações que a precederam; nem tampouco será esse conhecimento suficiente para fazê-la reconhecer o sentimento de solidariedade que inspirou essas gerações umas em relação às outras, e que irá agora guiar seus próprios atos no sentido de preservar e transmitir sua herança.

É preciso tomar consciência da natureza e importância dessa herança, e situá-la em seu meio geográfico e em sua época, a fim de compreendê-la como patrimônio da humanidade.

É importante que a criança tome consciência dos fatos, que os veja como processos de vida, os últimos interferindo em sua própria experiência.

Se a História política fornece realmente à criança os marcos que lhe permitem perceber os avanços e o progresso, e facilitam a visão cronológica, é preciso, entretanto, valorizar os aspectos econômicos e sociais que vão imprimindo à História um cunho de realidade, de cotidiano, se assim podemos dizer, de maneira a conferir autenticidade aos grandes acontecimentos, àqueles que importam em *transformações*, em *mudança*.

Através de uma pesquisa bem orientada pelo professor, a criança irá redescobrir a História de sua Pátria, através da evolução econômica, dos gêneros de vida, do panorama da ocupação e das transformações que sofreu a sociedade brasileira, de tudo enfim que não se resume em uma data apenas, ou em um acontecimento. E a aprendizagem nesse sentido só poderá ser feita através das buscas dirigidas, da pesquisa, de maneira que a criança apreenda a continuidade desses processos de vida.

A aprendizagem far-se-á, portanto, conduzindo a criança de maneira a compreender que, apesar da vastidão de terri-

tório, da diversidade de sua fisionomia geográfica, diversidade de clima e vegetação, de recursos naturais e solo, a ocupação se processou transmitindo uma herança que nos cumpre respeitar e manter especialmente a tradição de unidade territorial e cultural básica, dentro da própria diversificação da paisagem física e humana.

Aprendizagem facilitada pelas características da criança aos dez anos

Aos dez anos, as crianças já podem participar de um trabalho mais profundo e complexo.

A leitura e a escrita não constituem mais obstáculos, pelo contrário, são agora recursos favoráveis dos quais podem lançar mão para ampliar seu campo de aquisições. Além disso, as crianças mostram-se capazes de colher dados e resumi-los grãficamente, e de compreender gráficos e diagramas simples que se lhes apresentem. E embora ainda precisem de uma base concreta, sua compreensão e discernimento possibilitam análises mais profundas e generalizações mais amplas. A fase favorece a reflexão, o aspecto crítico, o interesse intelectual.

É nesta época, portanto, que devem aparecer *as pequenas monografias* e *as pesquisas mais minuciosas* sobre determinados assuntos.

A criança está ansiosa por aprender e formar seus padrões próprios de conduta, buscando independência e responsabilidade. Cabe-nos criar-lhe oportunidades de aquisição de valores básicos e padrões adequados. É um período em que as crianças se interessam profundamente pelos Estudos Sociais, cujo aspecto de autenticidade as atrai, procuram informações verídicas sobre seu mundo.

As experiências de aprendizagem que aqui lhes oferecemos são ricas de situações que atendem a essas características.

Os aspectos histórico-geográficos, desde a ocupação pelo colonizador até a afirmação da nacionalidade, apresentam-se plenos de espírito pioneiro, dramaticidade e auto-afirmação. Emocionam e inspiram; cumpre à professora levar a uma apreciação adequada dos fatos, através do senso crítico que se vem desenvolvendo nas crianças nessa fase de crescimento.

É óbvio que as *excursões*, as *visitas*, as *entrevistas* estarão sempre presentes ao estudo dos fatos históricos, constituindo

mesmo atividades imprescindíveis, dado o sentido realista que imprimimos à aprendizagem, e à relação íntima entre os fatos históricos e geográficos.

Os acontecimentos históricos serão apresentados desde o início em função também da base física, dando-se relêvo ao papel do *mar*, do *rio*, do *solo etc.* no desenrolar desses acontecimentos. É portanto imprescindível a observação local, do mesmo modo que se fazem necessários os recursos áudio-visuais de que pudermos dispor.

COMPREENSÃO DE ASPECTOS HISTÓRICOS

As crianças, desde o 1.º ano de Estudos Sociais, têm sido levadas a interessar-se pela história do que as cerca e forma seu ambiente; já aos sete anos, demonstram marcado interesse por histórias da vida cotidiana, histórias de pessoas comuns. A escola e a comunidade ofereceram-lhes variados aspectos nesse sentido. A história de sua escola, a das personagens de destaque na comunidade e a história desta própria comunidade constituíram-se, pois, em experiências de aprendizagem.

No 2.º ano de Estudos Sociais penetraram as crianças mais profundamente na vida dos adultos e na história de suas experiências relativamente ao progresso dos meios de transporte locais, das habitações, enfim dos aspectos de vida da comunidade em crescimento.

Aos nove anos, no 3.º ano de Estudos Sociais, a criança, que é mais realista, aprecia as histórias verdadeiras e que já entrou em contacto com lugares longínquos e pessoas de outros meios, procura de preferência *informações*. Levamo-la então a pesquisas que lhe contam a história de nossos hábitos alimentares, o progresso observado nas técnicas de trabalho, em nossas habitações e meios de transporte, a mesmo tempo que lhe narramos histórias dos índios, do colonizador, dos jesuitas e dos negros-escravos. A criança já vai sendo conduzida, dêsse modo, aos domínios mais afastados da História, para os quais seus próprios interesses a impelem.

O confronto entre o presente e o passado, em que vimos insistindo, imprime continuidade às suas experiências e a conduz para além dos dias presentes através do progresso de que ela vai tomando consciência.

Os monumentos, as inscrições, até mesmo os velhos caseiros terão linguagem eloqüente para a criança, levando-a a reviver grandes feitos, personagens ou mesmo épocas que ela vai compreendendo terem tido seu lugar no tempo.

A criança compreende ainda que o passado foi vivido como "momento presente", e que as pessoas voltavam-se para o futuro, procurando torná-lo favorável; que êsse futuro já agora é passado para nós e que nos temos beneficiado do que foi conseguido no sentido de torná-lo favorável.

A documentação do que foi realizado ou apenas sonhado encontra-se viva em certas memórias, inscrições, monumentos etc. Levando a criança a compreender o valor dessa documentação e seu sentido humano — intenções, esperanças, receios, decepções e alegrias — o professor a estará estimulando, não só em relação ao desejo de tornar igualmente favorável o futuro, como também em relação à importância de documentar, de maneira séria e honesta, seus esforços nesse sentido.

É preciso, pois, que o professor saiba aproveitar os recursos locais, partindo de sua vila ou cidade e de sua região para as demais vilas, cidades e regiões do Brasil.

Aos dez anos a criança caminha com segurança para as considerações de ordem geral. E já agora, no 4.º ano de Estudos Sociais, a criança que se habituou a informar-se sobre a evolução das coisas que a cercam poderá chegar a certa sistematização dos fatos históricos, sem perder o interesse ante o afastamento no tempo e no espaço. A objetivação em que assentaram suas experiências anteriores, o sentido da sucessão no tempo que vem aos poucos apreendendo; o atendimento às suas características psicológicas dão-lhe apoio a essa incursão no tempo e no espaço.

Além disso, a criança de dez anos, apreendendo mais nitidamente as relações de causa e efeito, encontrará na lógica dos fatos outro apoio de valor.

Capítulo 3

CLIMA E CONDIÇÕES DE VIDA

No 4.º ano de Estudos Sociais, encontramos as crianças, por um lado, familiarizadas com os problemas, que os há sempre, de sua comunidade e do meio físico local, e, por outro, com a compreensão já bastante clara do modo por que o homem tem procurado adaptar-se ao meio, solucionando da melhor maneira seus problemas de vida.

E como um passo já bastante avançado no sentido das *relações humanas*, a compreensão da maneira porque outras pessoas têm reagido a condições de vida diversas das suas próprias.

Procurou-se, assim, dar à criança possibilidades de caracterizar a vida em sua comunidade, e de relacioná-la com a vida em outros locais. Sempre, conforme a orientação que lhe vem imprimindo a escola, no sentido de altos ideais de vida, e da realização, pelo esforço individual e do grupo, de aspirações legítimas, inclusive de ordem espiritual.

Com êsse objetivo, as crianças foram iniciadas em atividades que as fizeram perceber

— a importância do aproveitamento e da conservação dos recursos naturais da localidade,

— a inter-relação entre condições de solo, fenômenos atmosféricos e acidentes geográficos e,

— a influência desses fatores sobre os recursos naturais e, conseqüentemente, sobre as atividades humanas e o modo de vida da comunidade.

Agora, no 4.º ano, visamos a levar a criança mais longe, isto é, tencionamos que ela condicione, a *clima e solo*, as facilidades oferecidas à vida na região e, conseqüentemente, que compreenda o valor de todo o trabalho realizado no

sentido da melhoria dessas *condições de vida*. Estudando, pois, a vida nas diferentes regiões brasileiras, as crianças terminarão por concluir que as condições em que esta se processa são tanto mais favoráveis ao homem, quanto melhores se apresentam o clima e o solo da localidade.

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO CLIMA NO 4.º ANO

Usando os registros de observações de fenômenos atmosféricos, e os resultados dos estudos sobre solo e vegetação (3.º ano) as crianças poderão realizar um trabalho comparativo, utilizando também, caso haja, anotações de turmas anteriores.

O professor orientará as crianças de modo a sentirem que as características de cada época se vão repetindo *ano após ano*. Dirá que, embora se dêem retardamentos e antecipações, estes não prejudicam a unidade geral. Da mesma maneira, um ano pouco chuvoso ou um ano mais úmido não têm significação dentro de *dezenas de anos* cujas marcas peculiares determinam a unidade geral.

Através de pesquisas, da vista a um posto meteorológico oficial (*) ou da correspondência mantida com funcionário desse posto, as crianças confrontarão suas observações com registros antigos, chegando à redescoberta das características climáticas da *localidade*.

A clássica demonstração da lanterna que se projeta sobre uma esfera realizada em local escuro (ver 2.º ano, pág. 195) poderá ser agora repetida com o globo terrestre a fim de conduzir a criança às seguintes conclusões:

- há uma faixa de Terra em que os raios solares caem quase verticalmente: zona entre os trópicos,
- à medida que se consideram as zonas mais para o sul ou mais para o norte, a *obliquidade dos raios aumenta*, (**)
- o sol está *mais próximo do Equador que dos pólos* a intensidade de luz e de calor vai, pois, diminuindo para os pólos.

(*) Seguindo a orientação já prevista para excursões em geral (2.º ano pág. 106) o professor deverá visitar um posto meteorológico. Encarregado de receber a turma, a fim de que os esclarecimentos correspondam à capacidade de compreensão da criança e aos objetivos da excursão.

(**) As crianças verificarão que o mesmo foco de luz se difunde por uma área maior: a concentração de calor é então menor.

Essas observações levarão a compreender os motivos que determinam a *temperatura* nos vários pontos do globo.

A turma poderá ainda, modelando, executar a miniatura do conjunto Sol-Terra-Lua.

A *posição do Brasil no globo terrestre* irá mostrar às crianças que a temperatura do país é, de modo geral, elevada.

Impõe-se agora a necessidade de apontar outros

Fatores de influência no clima

As crianças já compreenderam ser a *latitude* o fator primordial do clima, a sua *determinante máxima*. Sabem igualmente que o *solo* e as *florestas* são outros desses fatores, por sua influência na retenção do calor do sol, na distribuição e infiltração das chuvas etc. (ver 3.º ano).

As observações locais e o intercâmbio escolar vêm possibilitar o delineamento de outros fatores como, por exemplo, **a altitude e a proximidade do mar**.

As crianças compreenderão facilmente a influência de todos esses fatores do clima, comparando informações climáticas de locais diversos com o clima de sua localidade.

Com relação à **altitude ou ao relêvo**, as crianças já devem ter conhecimento do fato de veranistas procurarem as cidades serranas em demanda de temperatura mais amena. O confronto dos registros de localidades de altitudes bastante diferentes (uma das localidades, a da própria escola) fará concluir que, nas grandes altitudes, não só a temperatura é menos elevada, como também o vento e as chuvas são mais frequentes.

Será explicado, então, que, em cada 200m a temperatura cai de 1º C, pois a atmosfera se aquece de *baixo para cima*, através do calor que a terra retém e reflete e, ainda, que os ventos trazem nuvens que se transformam em chuva ao se chocarem contra a vertente que lhes faz face.

Se a localidade estudada ficar na vertente oposta, não haverá muitas chuvas, visto como o vento, aí, já chega seco.

Quanto à **proximidade do mar**, as crianças, confrontando registros, perceberão que as diferenças entre as temperaturas *diurna e noturna*, e entre a época *mais quente* e a *mais fria*, no ano, são menores nos locais de clima marítimo e que as chuvas, nesses lugares, se distribuem com mais regularidade

durante o ano. Compreenderão assim que as épocas de maior calor e de mais frio são amenizadas pela massa d'água.

As crianças podem, talvez, tirar conclusões sobre o que motiva essa *estabilidade maior* (retenção diferente do calor do sol, pelas terras e pelas águas).

Farão, ainda, outras observações importantes:

— que a brisa sopra dos lugares mais frescos para os mais quentes (como percebemos pela sensação de frescor que sempre nos traz), que a terra, durante o dia, está mais quente que a água e, à noite, mais fria (conforme terão oportunidade de verificar, por si mesmas, as crianças que moram em locais à beira-mar).

Compreendido que a água se aquece mais lentamente que a terra, ao calor do sol (*), mas retém este calor por mais tempo, será fácil concluir que, durante o dia, a água do mar envia, à atmosfera, irradiações mais frias que as da terra, refrescando o ambiente, e que à noite, perdendo calor mais lentamente que a terra, mantém uma temperatura mais estável.

O desenvolvimento desses assuntos possibilitará às crianças se informarem sobre as maneiras de defesa das pessoas contra excessos do clima e sobre os princípios científicos que fazem funcionar, por exemplo, barômetros, frigoríficos, ventiladores etc. (entrosamento com Ciências Físicas).

Conclusões a respeito do clima, no Brasil

As crianças, já tendo agora conhecimento da inter-relação dos elementos do clima (ver 3.º ano, pág. 149) bem como dos fatores que nêle interferem, e, ainda, da importância de cada elemento e de cada fator no conjunto-clima, estarão em condições de concluir que, dada a sua extensão, deverá o Brasil possuir regiões de climas variados.

(*) O que terão verificado nos banhos de mar e rio.

Capítulo 4

PROCESSOS DE OCUPAÇÃO E COLONIZAÇÃO

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS REGIÕES DO BRASIL

No interêsse da compreensão de nossa realidade faz-se mister conheça, a criança, tanto quanto possível, as condições de vida nas regiões do Brasil.

Do surto de progresso que ora se verifica, principalmente no que diz respeito aos meios de comunicação e transporte, resultará a aproximação dos brasileiros do Norte, Sul, Leste e Oeste. Essa aproximação, essencial ao desenvolvimento do país, deverá encontrá-los familiarizados com os problemas gerais e regionais do Brasil, e as dificuldades que a cada um cumpre vencer, a fim de que se estabeleçam, entre êles, maiores laços de simpatia e solidariedade.

Daí o dever a *escola primária* levar a criança ao conhecimento das regiões do Brasil, não apenas do ponto-de-vista físico, mas principalmente, do ponto-de-vista da ocupação humana (*).

E esta só poderá ser compreendida através do conhecimento, pela criança, da ação constante do homem no sentido da adaptação em cada uma dessas regiões do Brasil, de base física tão diferenciada realmente. Estudos nesse sentido iniciarão a criança na história econômica e social do Brasil, dando-lhe base para estudos futuros de grande utilidade nesse sentido.

(*) Embora reconhecamos que a diversidade de aspectos de certas regiões brasileiras, como a região Leste, por exemplo, invalida em parte o conceito de regiões naturais, o que torna o assunto por demais elevado para a escola primária, ainda assim o professor poderá dizer às crianças que as regiões geográficas são áreas agrupadas por suas semelhanças, com o objetivo de estudo, de síntese. O estudo das regiões Norte e Nordeste, tão dissemelhantes, embora contíguas, e com características próprias tão pronunciadas, prepara a criança para compreender, no futuro, o conceito de região natural.

Visando a êsses objetivos, faz-se necessário desenvolver os conhecimentos que a criança adquiriu no 3.º ano relativamente ao processo de colonização, fazê-la compreender a influência que o ambiente geográfico exerceu sobre o colonizador, principalmente pela diversidade de aspectos que apresenta, tendo em vista a extensão territorial. As experiências de aprendizagem anteriores já lhe permitem melhor compreensão nesse sentido.

Realmente, os aspectos da colonização, estudados no 3.º ano, já o foram no sentido da compreensão, pela criança, da maneira por que o colonizador português adaptou-se às condições de vida na nova terra, reagindo de maneira positiva à diversidade de aspectos encontrados, aproveitando recursos naturais, assimilando muitos dos usos e costumes de seus habitantes e nos transmitindo, por sua vez, valores culturais, o que assegurou para o Brasil, desde logo, sua unidade cultural e espiritual.

Faz-se necessário, portanto, levar a criança a sentir essa unidade, a fim de prepará-la para receber a herança que lhe é transmitida, conservando-a e aperfeiçoando-a.

Ela necessita saber, portanto, como reagiram os colonizadores ao solo, ao relêvo, à flora, ao clima da nova terra, de maneira a estabelecer um sistema de vida e colonização, que foi a base das condições atuais de vida de nossa gente.

Sentido da aprendizagem

É de grande importância, portanto, para o *ensino primário*, o conhecimento dos processos de ocupação e colonização, no Brasil. Importa êsse conhecimento, como vimos, na futura compreensão dos aspectos regionais brasileiros e na iniciação ao estudo do desenvolvimento econômico e social do Brasil.

O professor deverá conduzir a aprendizagem, conforme o que acima expusemos, no sentido da compreensão, pela criança, da influência do solo, da água, da vegetação e do clima na adaptação do colonizador português. Êsse processo de adaptação, ou melhor, de ocupação e colonização se foi processando através de fatos de relêvo (Capitanias Hereditárias, Governo Geral, Bandeirismo etc.) que iam compondo nossa História e iniciando a ocupação efetiva da nossa terra e que, portanto, devem ser dados de maneira a manter a visão global dos fatos. Assim levaremos a criança à compreensão objetiva de que o desenvolvimento econômico e

social do Brasil, do século XVI ao XIX, teve por base sua ocupação territorial.

A aprendizagem far-se-á de maneira natural, através de pesquisas convenientemente orientadas pelo professor e que terão por base o uso do *mapa* que se constituiu assim, no 4.º ano, em *instrumento de trabalho indispensável* (ver Mapa no 3.º ano pág. 194 e no 4.º ano pág. 283).

Assim, levar-se-á a criança a compreender:

— o papel do *mar*, influenciando na fixação dos núcleos litorâneos de povoamento, facilitando o intercâmbio com o exterior e os contactos entre os próprios núcleos de povoamento litorâneo,

— a importância do *rio* no processo de ocupação do Brasil, pelo homem: aglutinador de populações e via de penetração, ao lado dos caminhos primitivos dos indígenas (a importância do Rio S. Francisco, à época da ocupação, via de penetração e centro de comunicações, verdadeiro "*rio da unidade nacional*"),

— o papel do *relêvo do solo* no processo de ocupação

— o planalto dificultando a penetração; as escarpas da Serra do Mar, recobertas de mata espessa, contribuindo para a fixação do colonizador ao litoral,

— a *natureza do solo*, favorecendo o cultivo da cana-de-açúcar no litoral nordeste, cultura que tão bem se aclimatou, a ponto de se constituir em fator de colonização,

— a importância, enfim, *dos campos* adequados ao criatório, *das florestas e das matas*.

Dentro da orientação que vem sendo seguida, o professor levará a criança a verificar que Portugal enviou expedições exploradoras e guarda-costas:

- pela necessidade de tomar posse da terra,
- de defendê-la da ambição de outros povos e
- pelo interesse de comércio suscitado pelo pau-Brasil.

Dêsse modo, sentirá necessidade de conduzi-la a atividades como as seguintes:

— acompanhar no mapa o caminho percorrido pelos primeiros exploradores;

— observar as vias naturais de penetração — auxílio prestado pelos índios,

— dar conhecimento das condições da costa brasileira ao tempo: abrigos escassos; em alguns lugares, alagadiços e man-

gueirais, noutros, depósitos arenosos obstruindo a barra dos rios e das lagunas, dificultando a penetração. (Condições mais favoráveis na costa do Rio Grande do Norte a Maceió, um dos motivos da maior densidade de população que se observou aí nos primeiros tempos),

— localizar, no mapa, os primeiros rios explorados.

Deverá ainda, o professor, chamar a atenção da criança para as condições da costa onde se fixou mais tarde o colo-

nizador, esclarecendo a respeito do *Recôncavo Baiano*, região de contorno de larga baía com mais de mil quilômetros quadrados de superfície, em que vão desaguar vários rios navegáveis por dezenas de quilômetros e que irrigam terras férteis (essa explicação será útil à criança, preparando-a para compreender, mais tarde, as razões da densidade de população e riqueza desse ponto da colônia).

Em relação às feitorias fundadas, e que não deram resultado positivo quanto ao povoamento, será importante saber os motivos de sua situação à beira-mar:

- necessidade de defender a terra,
- facilidade de comunicação com o Reino e das feitorias entre si,
- receio de tribos ferozes e de animais bravios
- aproximação das matas (mar e floresta: elementos econômicos de valor),
- o Maciço Oriental como barreira à penetração.

E será importante localizar as primeiras colônias fundadas:

Vila de São Vicente, no litoral paulista — primeira colônia agrícola — militar (Martim Afonso de Souza; plantio da cana-de-açúcar, criação de gado miúdo).

Vila de Piratininga, substituída pouco depois pela 1.^a povoação oriunda da iniciativa particular no planalto paulista — Santo André-da-Borda-do-Campo.

Santo André-da-Borda-do-Campo, cujos habitantes, sete anos mais tarde, transferiram-se para a vila jesuítica que é hoje a cidade de São Paulo — João Ramalho — lenda.

Santos — Braz Cubas.

Olinda — Duarte Coelho.

a) ocupação litorânea

Levar a compreender que a *ocupação litorânea* começou realmente com as capitanias hereditárias, tendo sido o Governo Geral outra medida administrativa que concorreu para a ocupação do território.

É útil traçar no mapa-mundi a linha do Tratado de Tordesilhas e a divisão das capitanias; não há necessidade de fixar nomes de capitanias e donatários. É suficiente conhecer os *direitos e deveres* dos donatários, assim como as capitanias que mais se desenvolveram (S. Vicente e Pernambuco), indicando as principais causas que concorreram para o desenvolvimento dessas capitanias e o fracasso de outras, os principais fatos ocorridos. Acentuar que assim que chegam colonos portugueses, os jesuítas começam a catequese dos indígenas espalhados pelo litoral e vizinhanças, desenvolvem-se o plantio de cana-de-açúcar e o fabrico de açúcar.

Destacar a prosperidade de S. Vicente e Itamaracá, e levar a compreender que S. Vicente progrediu rapidamente graças à produção de açúcar tendo aí surgido vários engenhos e os primeiros monjolos; a produção de açúcar decaiu, entretanto, quando os habitantes passaram a dedicar-se ao *bandeirismo*.

Serão pontos importantes a destacar:

— o açúcar: moeda corrente na época, nosso primeiro produto industrial exportado (o açúcar era, na Europa, muito procurado e raro, de tão precioso chegou a figurar como dote em enxovais de rainhas),

— Olinda — Duarte Coelho deu logo início à cultura da cana-de-açúcar, que aí prosperou de maneira notável

— em *Pernambuco*, portanto, e na *Bahia*, o maior desenvolvimento da produção açucareira (na Bahia, no chamado *Recôncavo Baiano*, região de contorno da baía de Todos os Santos),

— engenhos de açúcar em Pernambuco, no *Recôncavo Baiano*, em Ilhéus e Pôrto Seguro, e também no Espírito Santo e Rio de Janeiro,

— progresso, portanto, das capitanias do Norte, graças à *lavoura* e às *indústrias rurais* (*) do que resultou, para o Brasil, uma *organização rural*: antes de possuir *idades*, o

(*) A do açúcar, a da aguardente.

Brasil possuiu *engenhos, fazendas, sítios*. Os *senhores de engenho* formavam verdadeira aristocracia (*aristocracia rural*), que impunha normas de vida às sedes administrativas da colônia.

— a ocupação litorânea teve, portanto, base na indústria açucareira (ciclo do açúcar).

É interessante observar, no mapa, o trecho da costa em que se desenvolveu, realmente, a ocupação, e procurar os motivos que levaram os colonizadores a preferir essa parte do litoral:

maior proximidade do Reino,
condições propícias à navegação costeira,
rios que oferecem condições de fácil acesso ao interior,
relêvo propício,

a terra favorável à agricultura (o massapê*),
mudança de estação em períodos regulares,
o mar amenizando o clima, com as brisas marítimas,
chuvas de verão chamadas "chuvas de caju",
a mata nas proximidades do mar, fornecendo combustível para engenhos e bom material para as construções.

E, ainda, dar conhecimento das
Cidades litorâneas do Século XVI (**) — S. Vicente, Santos, Olinda, Salvador, Vitória, Itanhaém, Rio de Janeiro, Paraíba (atual João Pessoa), Natal.

Surgidas no Século XVII — Fortaleza e São Luís do Maranhão, Paranaguá, S. Francisco.

Será interessante uma pesquisa relativa a cultura de plantas européias no Brasil.

— procurar informações que habilitem a compreender a razão do êxito, ou fracasso, em alguns casos, da cultura de plantas que foram trazidas.

— natureza do solo do Brasil nordeste, oriental e meridional (mapa),

— a cana-de-açúcar, sua proveniência e aclimação; primeiros engenhos (mapa),

E ainda, sobre a conservação da espécie de gado trazido e das aves domésticas.

os processos usados pelos índios na dissecação e conservação de aves.

(*) Terra negra, compacta, profunda, viscosa — "pegajosa, melada, doce. Triturando-a nos dedos deixa uma sensação de untuosidade; lavando-se esses dedos numa bacia com água pura nesta se vê surgir uma porção de óleo vegetal natante e mesmo terra" (Gilberto Freyre, "Nordeste", edição de 1937, págs. 27 e 28).

(**) Noção de século — ver "Desenvolvimento de noção de tempo" (pág. 271).

b) ocupação mediterrânea

Levar a compreender que o povoamento do interior teve como fatores principais as *fazendas de criação de gado* e a *mineração* e que, além desses, houve outros fatores; as *missões católicas*, ao norte, e a *colonização orientada pela metrópole*, como, por exemplo, a que teve por base a exploração dos produtos da floresta amazônica (cacau, cravo, salsa-parrilha, canela, enfim, as especiarias).

Além disso, levar a criança a apreender o papel de relêvo das *entradas e bandeiras* — principalmente estas — à caça do índio e à procura de ouro e pedras preciosas e que abriram caminhos, exploraram a terra e repeliram a colonização espanhola, fazendo notável obra, senão de ocupação própria, pelo menos de penetração, o que favoreceu a *ocupação* pela *mineração* e pelas *fazendas de gado*.

Para que a criança possa ter uma visão geral da ocupação, levá-la a traçar no mapa esses diferentes núcleos de ocupação e as direções tomadas pelas entradas e bandeiras.

Será fácil à criança compreender que a *criação do gado*, levando o elemento humano, principalmente o mameluco, a fixar-se, foi motivo do povoamento, e o gado, multiplicando-se, levou à expansão desse povoamento. Os núcleos de população se foram formando aos poucos, acompanhando os rios e estradas de passagem do gado, seguindo portanto a linha dos vaus e contornando as caatingas. (Esses núcleos de povoamento eram, às vezes, simples pousos de gado; outras vezes constituíam-se em centros de troca, verdadeiras feiras de gado e outros produtos).

As crianças seguirão, através do mapa, os criadores pernambucanos e baianos, conduzindo o gado para o interior através dos caminhos abertos pelo rio S. Francisco, em cujas margens se foram disseminando as *fazendas de criação* que deram ao rio o apelido de "rio dos currais".

É interessante destacar que o índio e o mameluco, mormente este, guiavam as boiadas que saíam de Pernambuco e da Bahia.

Dêsse modo, o rio S. Francisco, irradiando para o interior as fazendas de gado, configurar-se-á às crianças como rio da unidade nacional:

— às suas margens encontravam-se os povoadores, inclusive paulistas vindos de São-Paulo-de-Piratininga;

— nos locais em que se fazia necessário atravessá-lo, enquanto eram esperadas as barcas de passagem (*), descan-

(*) Há localidades, à beira do São Francisco, que tiveram essa denominação de "passagem" — Passagem do Juazeiro, de Boa Vista etc. (atuais cidades do Juazeiro e Boa Vista).

savam caminhantes e boiada, estabeleciam-se relações entre os criadores dos sertões — era o S. Francisco um rio de irradiação e comunicação; por êle os criadores baianos e pernambucanos abriram caminho para o norte, tendo, mais tarde, os paulistas a êles se reunido; por êle foram atingidos os sertões do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Piauí, o lugar chamado "Território dos Pastos Bons", no Maranhão, e terras que são hoje goianas, para Oeste (*).

As crianças perceberão, agora, que as estradas das boiadas substituíram os *caminhos dos índios* (aos criadores se deve a abertura de estradas que comunicavam as capitânicas entre si).

E que os campos de criação se foram ligando aos centros de consumo do litoral pelos caminhos abertos pelas boiadas que eram conduzidas pelos *vaqueiros*, ora para o abate, ora para o trabalho nos engenhos. Era o gado "uma mercadoria que se transportava por si mesma".

A mineração intensificando o povoamento

Tendo as crianças tomado conhecimento, através de pesquisa, da descoberta das minas de ouro, fãcilmente compreenderão que o *ciclo de açúcar* seria substituído pelo *ciclo do ouro* (agricultura litorânea em declínio, ruína de muitos engenhos — a *economia* da colônia começando a deslocar-se para o Sul).

Mais uma vez a criança apreciará o auxílio do indígena, e principalmente do mameluco, guiando os povoadores brancos através da cordilheira da serra do Mar, conduzindo-os do planalto de Piratininga para os sertões das "minas-gerais", do "mato-grosso" e dos "goiases" (tribo indígena extinta) para Oeste portanto — inestimável serviço prestado pelo elemento nativo às bandeiras, indicando caminhos, abrindo estradas.

As crianças localizarão no mapa os núcleos de povoamento de origem mineradora situados em Minas Gerais e Mato Grosso.

Prosseguindo no estudo da ocupação, o professor mostrará que, para o abastecimento desses núcleos, tornou-se necessária a vinda do gado das fazendas do rio S. Francisco (Bahia): novas *fazendas de gado* surgiram então, estimuladas

(*) Seria mesmo interessante que o grupo fizesse, em equipe, um estereograma rudimentar.

pelo mercado da região das minas. Novas povoações, portanto, com base na pecuária (sul de Minas).

As crianças, através do mapa, seguirão agora os paulistas em sua caminhada para o sul, tendo conhecimento de que foi através das *fazendas de gado* que o povoamento chegou aos *campos gerais*, como eram chamados então os campos de Curitiba, o sertão de Lages (Santa Catarina) e os campos de Vacaria (Rio Grande do Sul).

Será interessante destacar que:

Os campos de Curitiba alcançaram maior densidade de povoamento no sul, embora até os princípios do século XIX êsse povoamento fôsse ainda escasso, fazendo-se aí um pouco de agricultura e a extração da erva-mate, existente na mata que reveste a serra do Mar.

Como o povoamento nos sertões do N.E. atingisse maior densidade, apesar de não serem, aí, as condições tão propícias ao gado quanto nos campos gerais, é útil mostrar que isso se deu porque os sertões do N. E. estavam ligados à mais povoada região da colônia: o litoral açucareiro.

Aspectos da ocupação nas diferentes regiões

REGIÃO NORDESTE

A região Nordeste será melhor compreendida através dos aspectos de sua ocupação:

- o da *indústria açucareira*, no litoral,
- o da *criação do gado*, no interior.

Perceberá a criança que foi uma das primeiras regiões colonizadas pelos portugueses, e, tradicionalista, conserva ainda a influência da vida rural, apesar do caráter urbano da *invasão holandesa* e do surto de progresso das capitais da região, principalmente do Recife, verdadeira metrópole regional.

As crianças já têm conhecimento de que, na faixa litorânea, a ocupação se processou à base do trabalho escravo, principalmente pelo plantio da cana-de-açúcar e sua exploração econômica. É preciso ressaltar agora que o plantio da cana-de-açúcar e sua industrialização tinham por fim a *ativi-*

dade comercial que é, ainda hoje, a principal função das capitais do N.E.

As crianças deverão conhecer ainda outros valores econômicos da região, embora de menor importância, como o fumo, a mandioca, de que se fazia a farinha para o consumo da colônia e exportação, o algodão e o fumo usado para troca de escravos destinados à lavoura.

Havia, naturalmente, roças de cultivo de milho e feijão, para a subsistência.

As crianças serão informadas, e nisso terão real interesse, de que o engenho de açúcar, além de centro de exploração econômica, era, ainda, centro social, político e núcleo de povoamento. Povoados, vilas e cidades nasceram, por vezes, em terras de engenho, ou sob a influência da produção açucareira, o que os colocava sob a jurisdição do *senhor do engenho*.

Foi em Pernambuco que mais se desenvolveu a indústria açucareira.

As crianças seguirão no mapa a irradiação do povoamento para o Norte e o Sul de *Olinda* (hoje cidade-monumento do N.E.), através do plantio da cana-de-açúcar à beira-mar e às margens dos rios e compreenderão que a plantação da cana-de-açúcar fixava o homem à terra e ia ocupando a região litorânea do N.E.

Assim, para o norte de Olinda, ocupou-se o litoral da Paraíba e do Rio Grande do Norte, e, para o sul de Olinda, ocuparam-se as terras do cabo de Santo Agostinho e as Alagoas.

A FAZENDA DE AÇÚCAR, NOSSO PRIMEIRO CENTRO DE COMUNIDADE

Características das crianças aos dez anos — a criança e as informações de ordem social

Nos engenhos-de-açúcar, a família assentou as bases da sociedade brasileira. É no regime patriarcal dos engenhos que vamos encontrar as raízes de muito de nossos usos e costumes. Os vínculos de família marcaram a índole do brasileiro.

Dêse modo, conduziremos a criança à compreensão da importância da família na vida brasileira. E levaremos a criança à valorização do elemento negro-africano, como um dos esteios da estrutura social no Brasil.

A criança, aos dez anos, é sensível às informações de ordem social, às idéias e aos preconceitos, os mais variados, bons ou maus. É esse, pois, o período em que se torna possí-

vel conversar com a criança sobre os problemas sociais como o papel da família na formação brasileira, a necessidade de conservar intactos os laços familiares, as relações entre patrões e assalariados, e a garantia de iguais oportunidades a todos, independentemente de origem, cor ou condições de fortuna, abrindo-lhes o espírito para a compreensão da importância da família e dos princípios de igualdade entre os homens.

Os Estudos Sociais, agora realmente iniciados, exercerão influência sensível sobre as crianças de dez ou onze anos.

É preciso que o professor esteja atento a essa influência, de maneira a conduzir a criança no bom sentido, aproveitando-lhe a plasticidade de espírito na formação de idéias liberais, do respeito às liberdades fundamentais e às condições do bem-estar humano.

REGIÃO SERTANEJA DO N.E.

As crianças já tomaram conhecimento de que, para o interior, a fixação se foi processando através das *fazendas de gado*. Agora receberão a esse respeito maiores esclarecimentos, de maneira a caracterizar melhor a ocupação do interior pelo gado.

Proibido o criatório nas proximidades dos canaviais, para não danificá-los, o colono caminhou para o interior, onde se encontravam ótimas pastagens e aguadas.

A princípio, dada a quantidade de caça, peixes e frutos, não se cogitava do abate sistemático do gado, que era útil ao engenho. As vacas forneciam o leite, e só vez por outra matava-se uma rês.

Mais tarde, tornando-se difícil explorar a agricultura e a indústria longe da costa, pela falta de caminhos e meios de transporte para o produto, e também devido aos ataques dos gentios, no litoral, foi a criação de gado atraindo o colono e o aborígine para o *sertão*, já agora no intuito da criação para o engenho e o abate.

O índio guiou então o colonizador, e é principalmente o mameluco, isto é, o descendente de europeus e indígenas, que ensina o português colonizador a vencer o planalto, encaminhando a boiada para o vale do S. Francisco, de onde irradiaram os campos de vacaria até os confins da serra de Borborema e da serra de Ibiapaba. E estes campos ligaram-se ao centro de consumo do litoral pelos caminhos abertos pelas próprias boiadas que caminhavam para o abate ou para o trabalho nos engenhos. O gado abria estradas na região das caatingas, onde se fixava o elemento humano, principal-

mente o mameluco, que deu origem ao *caboclo* da região nordestina.

Aos *caminhos dos índios*, sucederam-se, pois, os *caminhos do gado*.

O gado seguia *curtos de rio*, e, em particular, barreiras de sal, indispensáveis ao seu sustento.

Foi o rio São Francisco o elemento de comunicação entre as povoações litorâneas e os sertões piauienses; daí resultou o Piauí ter sido povoado do centro para o litoral, caso único em nossa História e que lhe determinou a forma peculiar

Quando os paulistas chegaram ao São Francisco, em pleno sertão, já aí encontraram as fazendas de gado dos criadores baianos e pernambucanos.

As crianças serão levadas a concluir então que a penetração dos sertões do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba foi feita pelos fazendeiros de gado do São Francisco, o que aconteceu igualmente, como vimos, com o povoamento do Piauí.

E, ainda, que as fazendas de gado também foram centro de exploração econômica, de povoamento, e centro social, embora não tivessem, na vida brasileira, a significação das fazendas de cana-de-açúcar. Nelas, entretanto, se formou uma verdadeira *"civilização do couro"*, típica na região e da qual resultou um dos tipos característicos do Brasil, o *vaqueiro* da região nordeste. O título de *vaqueiro*, na época, chegou a constituir título de honra, isso porque exigia fé, tenacidade, bravura. Cabe à professora despertar o interesse das crianças por esse *tipo regional*, levando-as a,

atividades de pesquisa, no sentido de esclarecer:

— o traje do vaqueiro do nordeste, um dos trajes típicos do Brasil

— as festas sertanejas: a *vaquejada*; as festas de caráter religioso, festas de padroeiros ou de santos de maior veneração

— o culto que se presta ao *boi*, em folguedos, danças e cantos

— o conhecimento, em pleno sertão do nordeste, dos brinquedos da *"cabra-cega"*, *"velhinha dá-me louça"*, *"boi brabo"*, *"pega"*, brinquedo do anel, de *"amigo — amiga"* e de esconder

— as condições da *"Casa de Telha"* do proprietário da fazenda, o *"Coronel"*

— as condições da *"Casa de Palha"* ou rancho, dos empregados e agregados.

Será útil às crianças chegar às seguintes conclusões:

— influência do *"Coronel"* sobre os vaqueiros, agregados e demais pessoas que exerciam atividades nas fazendas; vestígios dessa influência em nossos dias

— aproveitamento, nas construções, dos elementos que o meio oferecia; o grande aproveitamento da *carnaúba*

— o gado caracterizando os hábitos de vestuário, habitação, alimentação e utensílios de uso doméstico e profissional, criando uma verdadeira *"civilização do couro"*.

REGIÃO LESTE

Dentre os fatores de povoamento que a criança já conhece, destacar os da região Leste:

entradas e *bandeiras*, principalmente estas, motivando a ocupação

pela mineração

a expansão do gado e

a indústria açucareira, no Recôncavo Baiano, onde se construíram muitos engenhos.

Será interessante localizar no mapa os primeiros núcleos de povoamento da região, que datam do século XVI, tendo sido esse povoamento facilitado pela divisão do Brasil em capitânicas hereditárias e pela posterior instalação do Governo Geral. (Salvador é a mais antiga cidade do Brasil, datando de 1549; a ela seguiu-se, na região Leste, Vitória, e depois o Rio de Janeiro, em 1567).

As crianças já acompanharam no mapa a irradiação do gado do Recôncavo Baiano para o vale do São Francisco, onde os *"currais"* se multiplicaram. O mameluco guiava o colonizador português através do planalto baiano.

Concluem agora que o povoamento pelo gado, seguindo o São Francisco, atingiu Sergipe e alastrou-se por todo o planalto baiano.

É interessante notar que quando os paulistas, através das entradas e *bandeiras*, chegaram ao São Francisco, já aí encontraram as fazendas de gado dos que vinham de Pernambuco e da Bahia.

O professor levará as crianças a compreender melhor o bandeirismo, esclarecendo que esse movimento partiu do planalto paulista, que tinha agricultura pobre, nada exportava, pouco influenciando na economia colonial e que era prejudicado pelos obstáculos naturais e a dificuldade de comunicação com a Metrópole. Fazia-se necessário procurar além as riquezas, o que o espírito de aventuras incentivava.

Foi vencido assim o planalto mineiro, zona privilegiada, onde se fundaram "arraiais" prósperos, futuras cidades.

As crianças seguirão no mapa a expansão paulista que obedeceu quase sempre à direção dos vales fluviais, que eram os caminhos naturais para o sertão (vales do *Paraíba*, dos rios da *alta bacia do S. Francisco*, do *Tietê* e outros afluentes do *Paraná*).

As crianças estão aptas a concluir que os bandeirantes, assim como os criadores de gado, foram favorecidos pelo *relêvo* (sem grandes obstáculos) e *formações vegetais* de fácil acesso (savanas e pinhais).

É fácil compreender agora que a descoberta, pelos bandeirantes de ricas minas de ouro e pedras preciosas, vem a causar o deslocamento, para o Sul, da prosperidade econômica da colônia, ao mesmo tempo que se povoa a vasta *região da Mantiqueira e da Serra do Espinhaço*, ganhando as Minas Gerais situação de destaque na colônia.

É o chamado "*ciclo do ouro*", à base do trabalho escravo. Desenvolve-se rapidamente Vila Rica (Ouro Preto) principal centro de mineração, berço das idéias de independência, considerada monumento histórico por decreto de 12 de julho de 1933.

Com a prosperidade econômica, surgiram nas Minas Gerais as primeiras manifestações literárias, as notáveis obras de arquitetura religiosa e o movimento em torno de nossa independência política conhecido como Inconfidência Mineira.

São compreendidos agora os motivos da transferência da capital (na Bahia) para a cidade do Rio de Janeiro, cujo porto era mais próximo desse novo centro econômico. Tornou-se o Rio de Janeiro o principal centro urbano da colônia. O setor centro-sul toma o 1.º lugar entre as regiões do país, e o conserva até hoje.

REGIÃO MERIDIONAL

Relativamente à região Meridional, o professor sistematiza agora os conhecimentos que a criança já adquiriu, fazendo ver no mapa que a colonização portuguesa circunscreviu-se, de início, a estreita faixa no litoral paulista, tendo sido a *vila de São Vicente* a primeira vila brasileira, o mais antigo estabelecimento português na Região Meridional. Receberam os primeiros colonos, mudas de cana-de-açúcar e cabeças-de-gado.

As crianças identificarão, a seguir, Santos, Itanhaém e outros núcleos de povoamento.

Localizarão Santo André-da-Borda-do-Campo, o primeiro núcleo de povoamento no planalto e que depois desapareceu, transferindo-se seus habitantes para a vila de *São Paulo*, que se desenvolveu em torno do colégio aí fundado pelos jesuítas, em 1554 (Manuel da Nóbrega e José Anchieta).

Informar-se-ão ainda de que os paulistas, à procura do ouro, desceram pelo litoral, chegando a Paranaguá, onde encontraram ouro-de-lavagem.

Assim, o povoamento do litoral de São Paulo para o Sul se foi fazendo através desses *caminhos que beiravam o mar*, irradiando de Paranaguá para São Francisco, para a ilha de Santa Catarina (onde o gado vindo dos campos de Curitiba se desenvolveu), para Nossa Senhora do Destêrro (hoje Florianópolis) e para Laguna, já em fins do século XVII.

Seguindo agora pelo interior, as crianças vão encontrar novamente os paulistas que procuravam atravessar as escarpas da Serra do Mar e alcançar o planalto mineiro, a princípio à caça do índio, ao depois, à procura do ouro, dirigindo-se também para o Sul, tendo chegado aos campos de Curitiba, de onde o gado se foi disseminando.

Mais uma vez o *gado* se constituía em motivo de ocupação da terra, povoando os campos do planalto, em meados do século XVII. Aí se fez também agricultura. A mata dos pinhais ou florestas da araucária proporcionou a extração da erva-mate, que deu vida à colonização.

Tendo as crianças compreendido o interesse dos povoadores em desenvolver seus negócios de gado, compreendem igualmente a expansão do povoamento para o Sul. De Laguna, pois, saíram os povoadores que penetraram no atual território do Rio Grande do Sul, tendo atingido as missões dos jesuítas espanhóis a Oeste.

Perceberão que pelo planalto se foram então abrindo *novos caminhos*, encontrando-se campos e campinas (as campinas da "campanha" gaúcha, semelhantes ao pampa da Argentina) adequados ao criatório, o que foi conduzindo o povoador a fixar-se nas *estâncias*. Foi quando se abriu o *caminho dos conventos* (*) ligando o extremo sul ao centro do Brasil e a *São Vicente*, em São Paulo, de que resultou a comunicação entre os territórios meridionais disputados pela Espanha e o resto da colônia, funcionando São Paulo como centro de comunicação.

As crianças compreendem, assim, que essa estrada foi de grande importância porque garantiu, para Portugal, a ocupa-

(*) Caminho aberto no início do séc. XVIII, a fim de favorecer o povoamento do Rio Grande do Sul: partiu dos sertões, atingindo os Campos de Vacaria e, depois, os Campos Gerais de Curitiba. Atravessava, no atual estado do Paraná, uma região denominada "Conventos".

ção definitiva do território que seria mais tarde o Rio Grande do Sul, e que era disputado pela Espanha (*). Por esse caminho desciam povoadores e soldados, e por êle subiam as tropas-de-burros que, na vila de Sorocaba, onde se realizavam anualmente feiras d'esses animais, eram comerciados, e seguiam então para o resto da colônia (principalmente para o Centro-Sul onde constituíam o meio de locomoção e transporte mais adequado, devido à topografia da região — zona montanhosa. Esses burros eram criados no Rio Grande ou vinham dos países platinos).

Por essa estrada também subia o gado que se destinava ao litoral de Santa Catarina.

Será interessante a pesquisa no sentido de comprovar, na ocupação da Região Meridional, a grande influência das Missões dos jesuítas espanhóis, Missões essas que cresceram e se tornaram vilas, e hoje cidades do Rio Grande do Sul. Tinham, as Missões, atividades de ordem social, religiosa e até comercial, exportando erva-mate e algodão para Buenos Aires. Os jesuítas tratavam os índios com brandura e habilidade, conseguindo d'êles trabalho produtivo. A erva-mate foi revelada ao jesuíta pelo indígena, que, por sua vez, aprendeu, nas Missões, a utilizar melhor a terra, cultivando trigo, milho, arroz, tabaco, cana-de-açúcar e laranjas. A variedade de produtos era grande, havendo ainda muita madeira (cedro, pau-santo, pinheiro etc.).

A mulher indígena exercia grande atividade, fabricando rédes, utensílios domésticos, tecidos de algodão.

Através dessa pesquisa, as crianças aprenderão que foram os jesuítas os primeiros a introduzir o gado no Rio Grande do Sul. Nos currais existentes nas Missões, o gado se foi multiplicando e disseminando rapidamente, dadas às condições favoráveis encontradas na região.

A ESTÂNCIA — MOTIVO DE PESQUISA

A criança, devidamente orientada pelo professor, chegará a compreender que a ocupação no Sul teve por base a estância.

O povoamento de toda a região entre São Paulo e Rio Grande do Sul participou desse processo de ocupação, que sofreu, aliás, a influência espanhola.

(*) Já que, durante quase um século (1580-1640), Portugal e Espanha formaram um todo governado pelo mesmo rei, tornou-se natural a expansão da colônia além da Linha de Tordesilhas.

Pesquisas nesse sentido serão de grande interesse para a criança, que chegará a conclusões, tais como:

— o *gaúcho*, tipo regional brasileiro, caracteriza-se pelo espírito bravo e por atitudes cavalheirescas;

— o cavalo desempenha papel de relêvo nos costumes locais; há os rodeios, as corridas de cavalo, as conversas no *galpão*, morada dos peões.

— têm largo uso, entre os gaúchos, o churrasco e o chimarrão

— as relações entre estancieiros e peões têm certo sentido de igualdade nas estâncias, onde se revive o passado e têm livre curso as lendas e crendices que formam o *cancioneiro gaúcho*

— a vestimenta do *gaúcho* constituiu, ao lado dos trajes do *vaqueiro do N.E.* e da *baiana*, um dos trajes típicos do Brasil

— em relação ao folclore, destacam-se:

o “Negrinho do Pastoreio” entre as lendas

“Chimarrita”, “Pezinho” etc. entre as danças que podem ser aprendidas pelas crianças.

REGIÃO CENTRO-OESTE

As crianças já têm conhecimento de que a penetração se fez através de *entradas e bandeiras*, principalmente estas, motivando a ocupação pela *mineração*, e da expansão do gado, tendo sido, o território goiano devassado, igualmente, por *missionários* que desciam do Norte, em missão espiritual.

As crianças comprovam mais uma vez, e o podem fazer através de traçado em mapa, que de São Vicente irradiou a ocupação territorial para o *Sul*, para o *Centro* e também para o *Oeste*, buscando de início, o *índio*, ao depois, as *minas de ouro e pedras preciosas*.

Verão como a ocupação territorial, em direção *Oeste*, alcançou Cuiabá e Goiás por caminhos diferentes, disseminando arraiais, pobres e muito populosos, que não chegaram a apresentar o progresso dos arraiais do planalto mineiro, mesmo porque foi rápido o período de esplendor das minas de Cuiabá e Goiás. Observando o mapa, será fácil compreender que a penetração de Mato Grosso foi feita graças à feliz disposição de sua bacia potamográfica: embarcavam os paulistas no Tietê e iam até a sua embocadura no Paraná, descendo este rio e tomando, então, direções diferentes.

Estas expedições fluviais chamaram-se “*Monções*” por aproveitarem a quadra mais propícia do ano relativamente

aos ventos (sugerimos ler para as crianças "A Partida da Monção" de Vicente de Carvalho).

O devassamento dos atuais territórios de Goiás e Mato Grosso deve-se, assim, ao *bandeirismo paulista*, sendo ainda preciso assinalar a *expansão do gado*, que atingiu os campos do sul de Goiás e Mato Grosso, vindo do vale do São Francisco. Passado o período de mineração, grande parte dos territórios de Goiás e Mato Grosso integrou-se no *ciclo de criação de gado*.

REGIÃO NORTE

No estudo da Região, será importante levar a criança a compreender que:

No povoamento da região norte, foi grande a importância do *rio*, única via de penetração. O povoamento se foi disseminando em pequenos núcleos ribeirinhos. Foi muito lenta a penetração da bacia amazônica, dados os obstáculos a vencer.

Houve, para o Norte, um natural movimento de expansão do povoamento do litoral, e, ainda, uma tentativa de penetração, devido à necessidade de expulsar os estrangeiros (inglês, holandeses), que à margem do rio Amazonas comerciavam com o índio.

Belém do Pará foi fundada em 1616, tendo chegado a colonização portuguesa à foz do rio Amazonas.

Incursões foram, ainda, motivadas pela *caça ao índio* e extração das chamadas "drogas do sertão": cacau (*), cravo, canela, salsaparrilha, baunilha, salsa, quina, enfim as *especiarias* que despertavam, na Europa, tanto interesse comercial. As "drogas do sertão" eram de grande importância para Portugal, que perdia o prestígio nas Índias, de onde importava as especiarias. Estas, que eram nativas na região norte, passaram mesmo a ser cultivadas por ordem régia, dado o alto preço que atingiam no mercado europeu.

As crianças comprovarão, uma vez mais, a exploração dos recursos naturais em proveito do comércio europeu.

Foi de grande importância, no povoamento da região, o papel das *missões religiosas*; ao mesmo tempo que se formavam núcleos de catequese, se ia desbravando a floresta equatorial (século XVII). Esses núcleos de catequese passaram mais tarde à categoria de vilas. As fazendas dos missionários dão também origem à criação de gado na Amazônia.

(*) O cacau teve mesmo, em certo período, nessa região, função de moeda.

No século XVIII, houve uma ocupação de caráter militar para assegurar a posse da região, fundando-se fortes que foram núcleos de futuras cidades.

As pesquisas realizadas relativamente a essa região conduzirão a criança ao *ciclo da borracha*.

A *extração da borracha* e sua *exploração econômica*, na região, desenvolveram-se e foram causa de dilatação territorial do Brasil, inclusive da incorporação do Acre. Concorreram para esse desenvolvimento os nordestinos (principalmente cearenses) que emigravam devido à seca.

O *seringal* constituiu-se em base de ocupação humana na região Norte, tornando-se o mais importante núcleo de vida regional.

É preciso ainda ressaltar o papel preponderante do indígena no desbravamento e, portanto, na ocupação da região, levando a pesquisas nesse sentido. O indígena caçava, remava, pescava, lavrava a terra, fazia a farinha de mandioca (base da alimentação), guiava as expedições, atravessando cachoeiras e vencendo outros perigos. E ainda revelou, ao colonizador, o uso do guaraná como bebida e a árvore-da-borracha, mostrando-lhe como aproveitar o "latex", contribuição de valor inestimável. Não houve necessidade do negro, como na agricultura; as atividades necessárias lhes eram familiares.

Através da ocupação humana, na Amazônia, torna-se fácil, ao professor, mostrar à criança a importância da contribuição indígena na formação cultural brasileira, pois a mais forte característica cultural da Amazônia é a indígena.

Ainda hoje o indígena presta serviços às expedições científicas, sendo *canoeiro*, *remeiro*, *abrindo picadas nas florestas*. É ainda hoje as ordens religiosas procuram atraí-lo para a civilização, embora haja ainda grupos indígenas inteiramente isolados.

Constitui a Amazônia *fonte de pesquisa* inesgotável, por suas crenças e tradições, sendo interessante assunto de pesquisa as *festas de arraial*, tradição que se conserva muito viva; interessam também à criança o folguedo popular do boi, "Bumba-meu-boi", os cordões de São João, nas festas juninas, e os tipos humanos da região

- o seringueiro — o caboclo
- o regatão — quase sempre um turco que vende mercadorias de porta em porta.
- o atravessador — que deprecia o produto para comprá-lo mais barato e vendê-lo com maior lucro (o professor fará a devida apreciação desse tipo humano).
- o vaqueiro de Marajó e do Rio Branco
- o pescador de pirarucu

A navegação fluvial constitui outro assunto de grande interesse na Amazônia (o gaiola, o vaticano) (*)

Estudados os aspectos essenciais da ocupação e colonização, e a base física, o professor deverá conduzir a criança ao conhecimento das condições atuais de vida em cada região.

É óbvio que esse estudo da base física, ocupação e colonização abrange o conhecimento dos aspectos geográficos de maior importância das regiões, como, por exemplo, o relevo, o clima, a hidrografia, as produções etc.

Procurar-se-á agora, com base nesses conhecimentos, levar as crianças à compreensão de

Alguns aspectos regionais que auxiliam a caracterizar a vida em cada uma dessas regiões

Exemplificando:

Na Região Norte:

— a predominância, na região, do tipo mestiço, descendente de brancos e indígenas

— o maior número de mestiços, e o menor de brancos, no Amazonas (sentido da penetração e ocupação)

— o caboclo amazônico, tipo mestiço, com forte percentagem de sangue ameríndio

— o vaqueiro do Marajó e o vaqueiro dos campos do Rio Branco (nos períodos de cheia na ilha de Marajó, o vaqueiro usa o boi como montaria — o “boi-cavalo” ou “boi-de-sal” — para atravessar os lugares inundados)

— a marca da cultura indígena — nas técnicas de extração da borracha, de pesca e de transporte, nas armadilhas de caça, nas crenças, na alimentação com base na mandioca, no uso da carne de jacaré, do pirarucu, da tartaruga e, ainda, no uso do guaraná, da rêde etc.

— gêneros de vida diferentes: exploração da seringueira, coleta de castanhas, criação de gado (Marajó e campos do Rio Branco), a pesca e o pequeno plantio, a indústria extrativa vegetal (as crianças que aprenderam a relacionar os

(*) O professor deverá mostrar às crianças ilustrações que encontrará em órgãos como o “Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística”, ou em livros como “Tipos e Aspectos do Brasil” de autoria de Sylvio Fróes de Abreu.

aspectos naturais aos gêneros de vida, compreenderão agora a significação da floresta e da água, na vida amazônica) (*)

— a situação das cidades da região às margens dos rios, que apresentam condições de vida e são as únicas vias de penetração

— a navegação no rio Amazonas — Mauá, como o iniciador da navegação regular a vapor na Amazônia

— a importância das vias aéreas para a região — o serviço prestado pelo Correio Aéreo Nacional (**)

— origem das cidades: aldeias de índios, lugares fortificados

— a indústria extrativa vegetal: frutas, plantas medicinais, resinas, fibras, madeira, castanha, cacau, borracha (a extração das “drogas do sertão”, fator de povoamento e ocupação).

— o seringal: base de ocupação humana, centro de exploração econômica e centro social

— a figura do barão do Rio Branco (***) lembrada pela toponímia local (notícia)

— a importância de Belém: 1.^a cidade da região e porto movimentado, o 5.^o do país

— o progresso de Belém e Manaus no período áureo da indústria da borracha: o “ciclo da borracha”

— madeiras-de-lei (riquezas a explorar)

— jazidas de minério de ferro e manganês (notadamente em Rondônia)

— petróleo (riquezas a explorar)

Na Região Meridional

— a terra roxa (****) e o café integrando S. Paulo, no século XIX, na vida econômica do país, dando-lhe situação de

(*) Levar a criança a sentir a floresta amazônica: a umidade, o calor, as árvores gigantes, algumas de mais de 20 m. que escondem o céu, os cipós, as orquídeas, a multidão de insetos e de pássaros; o silêncio profundo perturbado pelo zunido dos insetos e pelo canto dos pássaros; as cobras, os jacarés etc. Fazer experiências afetas às Ciências Naturais, como a de vapor d'água que se desprende da chaleira e se transforma novamente em água à superfície fria da tampa.

(**) Linhas como a Belém Litoral, a que se destina aos EE.UU. e, ainda, várias outras.

(***) As crianças devem tomar conhecimento da importância do serviço prestado ao Brasil pelo Barão do Rio Branco na solução de problemas de fronteiras, através de métodos pacíficos. Um estudo mais aprofundado de sua personalidade ímpar será realizado pelas crianças.

(****) Terras oriundas da decomposição de rochas vulcânicas que, por sua natureza, propiciam o arejamento das raízes de vegetal (Aroldo de Azevedo, “Geografia do Brasil”, 4.^a série ginásial — 35.^o edição pág. 180.)

destaque nesse setor (as crianças já estão em condições de compreender que a altitude e as características de clima contribuíram para a expansão de café, mas que o solo é o fator máximo dessa expansão).

— o “*ciclo do café*”: a fazenda de café como centro social; a aristocracia do café

— a imigração estrangeira — início no século passado: alemães e italianos no Rio Grande do Sul irradiando para Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

— a abolição da escravatura dando novo impulso à imigração, principalmente em São Paulo — imigrante vindo diretamente de seu país para substituir os escravos nas fazendas cafezeiras

— a contribuição do elemento estrangeiro — alemão, italiano; indústria vinícola e artesanato doméstico, surgindo, em consequência, uma classe média no meio rural sulino; as pequenas propriedades, onde apenas a família trabalhava; a diversificação de culturas (alemães) e as plantações de arroz no vale do Itajai (italianos); difusão dos usos e costumes dos imigrantes (em certas regiões maior que a portuguesa) e incorporação, pelos imigrantes, de traços culturais nativos; exemplo, uso do chimarrão

— cidades núcleos de colonização estrangeira — Nova Holanda (S. Paulo); Joinville, Blumenau (Santa Catarina); São Leopoldo, Nova Hamburgo, Caxias do Sul (Rio Grande do Sul) — cidades onde a indústria de transformação se desenvolveu, nascida do trabalho artesanal.

— a festa da uva em Caxias do Sul (a indústria do vinho)

— a imigração recente dos japoneses
(ver “Etnias imigradas — motivo de pesquisa” pág. 263)

— o surto de progresso em relação às vias de comunicação e transporte (Mauá, financiador das Estradas de Ferro Santos-Jundiá, a 5.^a do Brasil e Antonina-Curitiba).

— o porto de Santos, o primeiro do Brasil em exportação

— a industrialização crescente

— o progresso industrial e cultural de Campinas e Ribeirão Preto, antigos centros de irradiação do café

— a marcha do café de S. Paulo para o norte do Paraná

— os novos centros cafezeiros — a cidade de Londrina

— Ponta Grossa, nó rodoviário e ferroviário

— o porto de Paranaguá, 2.^o da região em exportação e atualmente em franco progresso (antigo centro de povoamento)

— a erva-mate, fator de colonização, valorizando ainda mais a região dos pinhais (em Santa Catarina e Paraná, os núcleos das matas de araucárias)

— os pinhais, únicas florestas exploradas economicamente no Brasil quanto à produção da madeira em larga escala

— o trabalho da extração do pinho; a indústria do papel

— o Rio Grande do Sul, maior centro pecuário, com a terça-parte de rebanho brasileiro (durante a ocupação dessa região o gado se espalhou pela “campanha” gaúcha e também pelo planalto)

— o que representou para o Rio Grande do Sul a indústria do charque (as distâncias e a carência dos transportes dificultando o comércio de carne-verde)

— prestígio de Pelotas, primeiro centro urbano do estado depois da capital

— o gaúcho e a estância

— o “pingo” do gaúcho

— o grande esporte dos pampas gauchos: carreiras de cavalo

— o rodeio (reunião de gado, inspeção, marcação) duas vezes por ano.

— conservação das tradições gaúchas — escolas e centros tradicionalistas conservando festas, danças, folguedos etc.

— as frutas “européias” e o trigo no Rio Grande do Sul (clima)

— outras culturas de importância na região sul; algodão e cana (S. Paulo), fumo (Rio Grande do Sul) etc.

ETNIAS IMIGRADAS — MOTIVO DE PESQUISA

Com o objetivo principal de estreitar os laços de amizade, reconhecimento e compreensão que devem ligar os brasileiros natos aos nascidos em outras terras, mas aqui emprestando o concurso de sua experiência anterior, o professor atenderá e estimulará a curiosidade infantil, dando oportunidade a que as crianças se informem a respeito dos traços culturais por eles difundidos no Brasil.

Os alunos de origem estrangeira, que os há freqüentemente, poderão concorrer não só para maior riqueza de informações, também para os nossos objetivos de aproximação e entendimento. Poderão, por exemplo, introduzir jogos e brinquedos que os pais lhes tenham ensinado, assim como canções folclóricas, lendas etc., o que estabelece maior afinidade e aproxima de maneira mais íntima.

Será interessante que esses alunos tragam à escola parentes ou amigos que relatem, por exemplo, a história de sua família desde os primeiros anos no Brasil até os dias atuais, dando assim cunho real às informações que as crianças já tenham colhido (ver Região Meridional, pág. 244).

Provavelmente serão também objeto da curiosidade das crianças os países de origem das etnias imigradas, e é de nosso interesse que tomem contacto com outros povos, alargando seus conhecimentos sobre o mundo em que vivem e preparando-se para futuras relações de âmbito internacional. Será de grande significação que esses primeiros contactos atuem no sentido de uma compreensão maior das etnias que vêm formando a gente brasileira.

Representantes desses países ou pessoas que os visitaram poderão contar ainda alguma coisa, apresentar algo que os caracterize ou lembre simplesmente, mas que deles provenha, respondendo ainda a perguntas que as crianças façam espontaneamente. Essas perguntas e respostas concorrem de maneira acentuada não só para dar autenticidade às informações, como para estimular as crianças a uma pesquisa proveitosa que dará talvez motivo a dramatizações, composições orais e escritas, questionários, visitas e até mesmo à correspondência entre as crianças e os representantes desses países ou entidades culturais.

A comemoração pelas crianças, de maneira simples e significativa, do *Dia do Imigrante* (1.º domingo do Advento — dia instituído pela Comissão Nacional Católica de Imigração) concorrerá, pelo tom carinhoso e grato de que se revestir, para melhor identificar a nossa gente, e para maior compreensão dos laços internacionais.

Crianças descendentes ou não de japoneses, por exemplo, poderiam mostrar como se serve um chá à moda oriental; poderiam também expôr uma casa japonesa em miniatura, ou um boneco vestido a caráter, ou ainda uma coleção de fotografias etc. Danças típicas, números artísticos (inclusive pantomimas) pinturas, pequenos livros ilustrados etc. seriam outras homenagens que atingiriam o nosso objetivo de unir pela amizade todos os brasileiros, além de alargar, pelo incentivo à pesquisa, os conhecimentos de nossas crianças relativamente ao mundo em que vivem.

Da orientação do professor dependerá naturalmente a qualidade dos conhecimentos adquiridos. É desnecessário por certo lembrar a importância da pesquisa sobre as condições climáticas e os recursos naturais desses países, visto como, além da lição de aproveitamento de recursos ligados aos

problemas essenciais de vida, há também, implícita, muitas vezes, a razão de ser da localização dessas etnias em nosso país.

ASSIM, RELATIVAMENTE AO JAPÃO

— Zona beneficiada pelas correntes marinhas frias e temperadas e pela monção que traz chuvas; em grande parte do território chove em mais da metade dos dias do ano. Assim, a temperatura no Japão é mais baixa do que seria de prever pela latitude (Quando há a inversão das monções produzem-se tufões; os terremotos são também frequentes no Japão e o perigo de desabamento explica a construção das casas japonesas com material leve — paredes externas de madeira e gesso; no interior, tabiques de papel estendido sobre molduras de madeira — sem alicerces e com tetos mais pesados para dar estabilidade à edificação)

Vegetação extraordinariamente bela, devido à chuva e à suavidade do clima; além das flôres que o japonês cultiva com carinho especial, os campos de arroz, trigo e cevada sucedem-se

— Indústria pesqueira adiantadíssima: o peixe é o elemento fundamental na alimentação japonesa — a Sociedade de Pesca Tayio Ltda. e a pesca de atum e baleia no Brasil.

Solo pobre de recursos minerais, sendo o cobre o mais importante.

Indústria progressista: tecidos, cristais, porcelanas, maquiagem, especialidades químicas etc.

Posição altamente privilegiada para o comércio internacional.

EM RELAÇÃO À ALEMANHA

Clima temperado; a parte ocidental apresenta clima mais ameno pela influência oceânica (ventos que vêm do Atlântico-Norte através dos Países Baixos; não há influência mediterrânea, pois os Alpes interceptam os ventos dali provenientes).

Clima favorável à agricultura; grandes áreas de solo pobre mas convenientemente recuperadas graças à ciência e à técnica; quatro quintos dos produtos alimentares necessários ao país são produzidos por 1/3 dos habitantes, que se radicou no campo.

Indústria das mais adiantadas do mundo; a maior parte dos alemães se dedicam à manufatura e ao desenvolvimento

industrial dos recursos do território; solo não muito rico em minerais mas contendo carvão, empregado na siderurgia (importa minério de ferro de países próximos como a Suécia e a França) e na produção de eletricidade.

Ótimas estradas e muitos rios navegáveis: transporte fácil e barato das riquezas.

EM RELAÇÃO À ITÁLIA

Clima temperado mediterrâneo (como o de Portugal) com influência diversa nos vários pontos do território: do mar, dos lagos, da proximidade da África (vento siroco) e da altitude.

O Norte, embora defendido dos ventos pelos Alpes, é muito frio, enquanto a península tem clima mais ameno.

Solo não muito favorável à agricultura, pois as montanhas ocupam 1/3 do território e nessas zonas elevadas o solo é pouco fértil; a irrigação vem sendo aí impulsionada nos últimos tempos. Os olivais, as vinhas e os laranjais são exuberantes, principalmente na península.

Indústria progressista, prejudicada pela escassez de matérias primas — carvão, algodão, ferro — mas beneficiada pela existência de força hidráulica considerável. Indústrias alimentares — conservas, produção de azeite e de vinho; têxteis, (seda — 1.º da Europa e 3.º do mundo), siderurgia, maquinaria etc.

Cientes das condições de vida nesses países, a alta densidade demográfica aparecerá, então, às crianças, como o fator principal que conduz à emigração muitos de seus habitantes, aliada à falta de possibilidades de trabalho para todos, por condições de produção etc.

Na Região Nordeste

— o clima — o regime das chuvas (“inverno” e “verão”), e sua influência sobre a topografia, a vegetação, o regime dos rios, a vida humana (as crianças estão aptas a compreender a interdependência entre as condições geográficas e a vida humana)

— a diferença de condições de vida na região chamada “meio-norte” (Maranhão e Piauí) e no nordeste oriental

— a diferença de condições de vida na zona litorânea e no sertão (o estudo da base física e da ocupação, como o fizemos, permite à criança compreender melhor as condições de vida na região nordeste)

— capitais da região situadas à beira-mar, e sua valorização cada vez maior

— o Recife, capital regional

— a agricultura nordestina: a cana-de-açúcar e a zona da mata; o algodão (*), riqueza da zona sertaneja

— a transformação do engenho em usina (transformação na técnica de trabalho, nas relações entre proprietários e empregados, nos usos e costumes)

— os meios de comunicação e transporte (vias terrestres, portos, aviação)

— o sertão, a região das caatingas (o gado e os processos de ocupação): baixo índice de pluviosidade, forte evaporação, solo raso, subsolo impermeável, vegetação carnuda e espinhenta

— o sertanejo; as culturas de “vazantes” (culturas nos leitos secos dos rios ou dos açudes), e as culturas de irrigação

— o “Polígono das Sêcas” — caracterizado pela emigração (delimitar no mapa)

— o vaqueiro; vestígio da “época do couro”; as feiras de gado (processos de ocupação)

— o plantio de algarobeira (**) no sertão nordestino (campanha do Ministério da Agricultura)

— a importância da estrada-de-ferro para o sertão

— a importância dos açudes para o sertão

— a importância de Paulo Afonso para o nordeste (energia elétrica)

— as indústrias extrativas: o babaçu (***), palmácia típica do meio-norte; a carnaubeira (****), a oiticica (*****), o ca-roã (*****) da zona sertaneja

(*) Em certa época, o algodão, como o açúcar, serviu de moeda.

(**) A algarobeira se mantém verdejante em plena seca. Suas ramos são tão alimentícias quanto a alfafa, e a algaroba (vagem); tem maior valor nutritivo que o milho. Cresce rapidamente, atingindo 15, 18m e começa a frutificar no 3.º ano. O tronco, além de ser madeira-de-lei, dá bom carvão.

(***) Palmeira destinada a ser uma das maiores fontes de renda do Brasil. Tem grandes possibilidades de aproveitamento, mas atualmente dela se obtém apenas óleo retirado das amêndoas e que pode ser utilizado como lubrificante e como substituto do azeite doce, isto após a refinação.

(****) Cada côco dá em média umas cem amêndoas.

(*****) A “árvore da providência”, encontrada também em grande quantidade na zona litorânea, chega a durar 200 anos e dela tudo se aproveita. A cêra extraída de suas folhas tem importantes aplicações industriais: serve como isolante e entra no fabrico de vernizes, lubrificantes, discos de vitrola etc. A raiz é medicinal; o tronco, madeira de lei; o fruto, bom alimento para o gado, contendo ainda uma polpa de que se faz doce; do caroço se extrai óleo; as folhas são utilizadas também em telhados, chapéus, cordas etc.

(*****) Suas sementes contêm óleo, empregado nas indústrias de vernizes, tintas, esmaltes, oleados etc.

(******) Fibras para a indústria textil.

— as indústrias de transformação: açúcar, álcool, sal marinho, tecidos (algodão)

— as salinas; a indústria do sal; extensas regiões baixas invadidas pelas águas do mar durante a maré alta e cujo solo é impermeável, temperaturas elevadas e ventos regulares que ocasionam forte evaporação

— a pesca; o jangadeiro ou “praiano”. Ressaltar a personalidade de Jerônimo André de Souza que, confirmando a fibra de nordestino, veio ao Rio em sua jangada, em 1941, tendo mais tarde realizado novas viagens, alcançando Pôrto Alegre em 1951, e Buenos Aires em 1959. Tornou-se símbolo de uma classe chamando a atenção dos Poderes Públicos para as reivindicações dos jangadeiros (“O Cruzeiro”, 14 de abril de 1962)

Na Região Leste

— os contrastes do clima em relação à latitude, altitude, massa d'água (a posição geográfica alongada no sentido norte-sul e a natureza do relevo)

— regiões famosas por seu clima e suas águas; na *região da Mantiqueira*: São Lourenço, Caxambu, Lambari, Poços de Caldas; na *Serra do Mar*, notáveis por seu clima: Petrópolis, Teresópolis, Nova Friburgo, Vassouras etc. (as crianças estão em condições de compreender o efeito do relevo, da composição do terreno, das baixas latitudes, das chuvas abundantes graças à topografia etc.)

— aspectos culturais e históricos (cidades coloniais: São João d'El Rei, Ouro Preto, Congonhas, Sabará etc. — a figura do Aleijadinho)

— Salvador — primeira capital, aspectos históricos e turísticos

— Rio de Janeiro, metrópole brasileira — centro cultural de destaque, beleza natural, possibilidades turísticas; as obras de embelezamento da cidade

— a importância da navegação marítima (ancoradouros naturais)

— Mauá e o Estaleiro de Ponta de Areia (*)

— o pôrto do Rio de Janeiro — o primeiro em importância

— o pôrto da cidade do Salvador e o do Recife

(*) O estabelecimento de Ponta de Areia, fundada em 1846, em Niterói, foi a primeira grande indústria do Brasil. Fabricava artigos de ferro e outros metais, além de maquinismos diversos. Em onze anos fabricou cerca de 72 navios a vapor.

— o progresso crescente nos meios de transporte e nas vias de comunicação

— vida econômica da região: produção agrícola (cana, cacau, fumo, algodão, café), riqueza pastoril, riqueza mineral (ferro-indústria siderúrgica), petróleo (Recôncavo Baiano, principalmente)

— as primeiras estradas de ferro e Mauá (E. F. Petrópolis; Bahia-Juazeiro; Recife-São Francisco)

— a importância do Rio São Francisco para essa região e para a região nordeste (energia elétrica)

— o Recôncavo Baiano (indústria açucareira — povoamento)

— densidade de população (as zonas mais densamente povoadas correspondem aos trechos de mais antigo povoamento e colonização)

— o elemento negro do Recôncavo Baiano (colonização: lavoura canavieira); trajes, alimentos, rituais

— o traje da baiana: traje típico, ao lado do do gaúcho, e do traje do vaqueiro do nordeste

— o vaqueiro e o barqueiro (vale do São Francisco — o meio físico e os gêneros de vida)

— os faiscadores à procura de ouro, e os garimpeiros

— os barraqueiros (habitantes ribeirinhos, vivendo em pobres habitações erguidas nos barrancos do rio)

— as salinas

— as favelas

Na Região Centro-Oeste:

— a necessidade de proceder, ainda hoje, à ocupação da região

— no século passado e no atual:

a exploração da erva-mate

a construção de vias-férreas

a extração de minerais

— as expedições exploradoras do *General Rondon*, o S. P. I. e os indígenas; o serviço prestado pelo *Correio Aéreo Nacional*

— a construção de Brasília, para a qual se transferiu a capital do País; objetivos em vista — integração da região norte e da região Centro-Oeste

— o boiadeiro: comerciante de gado, que o compra diretamente do criador; montado a cavalo, empunhando uma bandeira vermelha para avisar da aproximação da boiada,

vai vencendo quilômetros e mais quilômetros, em caminhada que dura semanas ou meses; dois ou três peões seguem atrás, auxiliando-o

— o garimpeiro, que surgiu no ciclo da mineração e permaneceu, o fiscador

— o garimpo: brasileiros de todos os rincões

— as taperas: vestígios de pequenos núcleos de povoamento, de vilas, ou casebres e choupanas abandonadas e entregues ao tempo.

CIDADES BRASILEIRAS

Como uma das conseqüências do estudo da ocupação e povoamento, as crianças tomarão conhecimento das características de nossas cidades:

— à beira-mar, notadamente em baías e ancoradouros, e em lugar elevado

— à beira-rio: comunicação, abastecimento d'água, riqueza mineral

— em vales: quando a proximidade demasiada dos rios não era prudente (enchentes e doenças)

— à beira de estradas

— antigos centros de mineração

— antigos aldeamentos de indígenas (notadamente na Amazônia — caso de Parintins e Itacoatiara)

— originárias de fazendas de gado e de plantação, da colonização estrangeira etc.

Capítulo 5

DESENVOLVIMENTO DA NOÇÃO DE TEMPO

No 4.º ano de Estudos Sociais, a criança irá tomando conhecimento da *sucessão dos fatos históricos* nas suas relações de causa e efeito, isto é, da própria evolução histórica do Brasil.

É preciso, portanto, que estejam aptas a situar esses acontecimentos no tempo, e que se vão iniciando na compreensão das *transformações* que eles imprimem à nossa maneira de viver — o que prepara para a compreensão das *épocas* e dos *períodos* de nossa História.

Faz-se necessário que se iniciem na compreensão do que seja *século*, já que os séculos são marcos na história da humanidade.

No sentido desses objetivos, o professor fará a criança substituir, nos gráficos de geração, as *idades* dos grupos contemporâneos pelas respectivas *datas de nascimento*. Desse modo, a sucessão de tempo precisará-se-á em seu espírito em termos de *anos decorridos*.

O professor, então, fará as crianças observarem os gráficos de maneira a concluir que o intervalo entre as gerações é de mais ou menos vinte ou vinte e cinco anos.

Assim, de vinte em vinte anos, ou de vinte e cinco em vinte e cinco anos, as *gerações se vão sucedendo*; e quando quatro ou cinco gerações, conforme o caso, se sucedem, terão *decorrido cem anos*, isto é um *século*. Se, agora, confrontarmos as datas de nascimento dos antepassados das crianças com os acontecimentos históricos mais recentes, estaremos levando a criança a situar melhor, *no tempo*, o acontecimento histórico.

Naturalmente o professor, através de linhas de tempo, irá situando os mais importantes acontecimentos históricos em suas respectivas datas, de maneira a que eles se enfeixem nos *séculos*, o que objetivará a noção.

O professor poderá mesmo ir anotando ou afixando, numa linha de tempo, à proporção que forem sendo evocados, esses

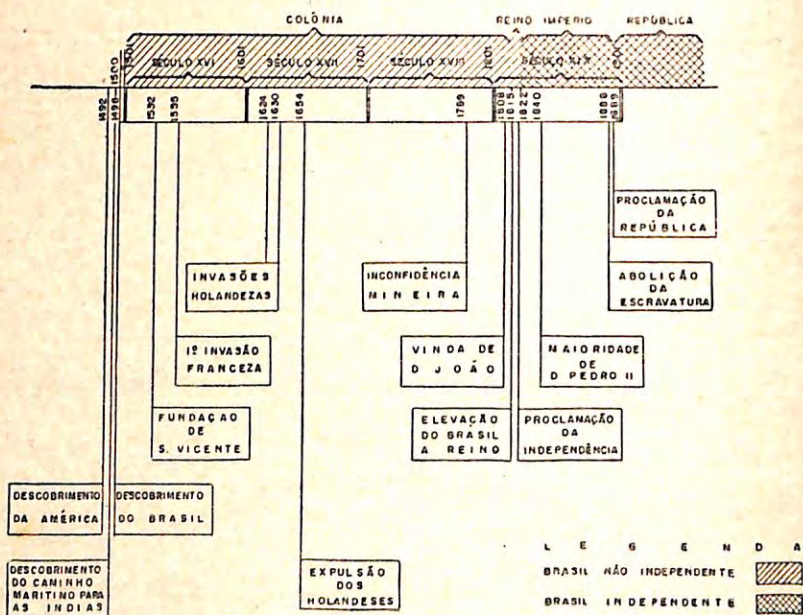
acontecimentos de relêvo, que são os que importam em *transformações* sociais.

Através dessas *linhas de tempo*, ou de outras abrangendo menor número de fatos históricos, caso seja conveniente, poderemos levar a criança à observação de que tem havido *certa demora* entre as causas e seus efeitos, do mesmo modo que se tem *processado lentamente* a difusão de idéias, e *lentamente* se tem dado a repercussão de descobertas e invenções.

O motivo dessa lentidão — *natureza dos meios de transporte e comunicação, dificuldade em aceitar novas idéias, resistência de certas tradições e de certos interesses* — poderá ser abordado com êxito pelo professor. E dará lugar à apreciação não só de como o *progresso* tem influído nessa mesma propagação de idéias e divulgação de descobertas e invenções, mas também da maneira por que influi no ritmo em que se processam os acontecimentos.

Assim, as crianças irão apreender simultaneamente as noções de *situação no tempo, duração e afastamento*, e se irão iniciando na compreensão do *tempo histórico*, das épocas e períodos da História.

Exemplo de linha de tempo:



Como se vão sucedendo os fatos históricos

Paralelamente à ocupação, outros acontecimentos intimamente relacionados a êsses aspectos históricos se vão sucedendo e devem ser apresentados à criança, dando assim à aprendizagem dos Estudos Sociais um sentido global.

As crianças, convenientemente instruídas sobre a maneira por que a terra foi sendo devassada e ocupada, sobre as condições da população nativa e sobre os principais acontecimentos da colônia irão compreendendo melhor não só a situação de colônia sob a qual viveu o Brasil, como as razões por que só aos poucos e em função principalmente do desenvolvimento econômico da colônia foram os brasileiros tomando consciência de seus direitos à soberania.

Exemplificando:

CAPITANIAS HEREDITÁRIAS

— início da ocupação e colonização: vinda de colonos portugueses.

Direitos quase senhoriais dos capitães-mor.

Prosperidade das capitânicas de Pernambuco e de São Vicente — difusão de canaviais e engenhos.

Martim Afonso de Souza — além da cana-de-açúcar introduz gado em São Vicente.

Fracasso das demais capitânicas: ausência do administrador (alguns capitães-mor não vieram, por questões financeiras, outros morreram vítimas de naufrágio quando se dirigiam às capitânicas), administração inábil, maus colonos, afastamento de Portugal, problemas com os indígenas e com piratas, principalmente franceses.

GOVÊRO GERAL

— medida administrativa visando à *unidade e à organização da defesa*. Diminuição dos poderes dos donatários, porém melhores condições de administração para êstes, graças à autoridade e aos recursos maiores, em homens e navios, do Governo Central.

Bahia — capitania situada em ponto central da costa já ocupada (Itamaracá a Cananéa) com bom pôrto e fácil en-

trada para o interior — comprada à família do antigo donatário para Sede do Governo Geral.

Tomé de Souza — Fundação da Cidade do Salvador — Obras: organizou a defesa da Colônia, fortificou a costa. Mandou explorar a região sertaneja do rio S. Francisco. Caramuru — lenda.

Chegada dos primeiros jesuítas — início da catequese

Mém de Sá — tomou importantes medidas administrativas entre as quais a da incorporação dos habitantes de Santo André-da-Borda-do-Campo a São Paulo (maiores possibilidades de defesa, boa influência jesuítica etc.), a da organização da defesa contra invasores de terras ao sul (baía da Guanabara) e transferência, por motivo de defesa, da cidade do Rio de Janeiro para o morro mais tarde chamado do "Castelo".

ESCRavidÃO

— o índio e o negro (*); prosperidade da indústria açucareira que concede aos proprietários rurais o poder político da colônia.

Importação de escravos — concurso do africano para o desenvolvimento agrícola do país.

OS JESUITAS, AS FIGURAS DE NÓBREGA E DE ANCHIETA

A Confederação dos Tamoios — Ação dos jesuítas — O acôrdo de Iperoigüe.

As Missões — expulsão dos jesuítas

INCURSÕES ESTRANGEIRAS

— atraem atenção portuguesa para a defesa da colônia, beneficiando a ocupação e colonização.

Causas das incursões — religiosas e econômicas

Conseqüências:

Colonização do norte

Fundação de cidades como Rio de Janeiro, São Luiz, Belém, Recife.

(*) Ver 3.º ano, págs. 169 e 171.

Nascentes sentimentos de Pátria: A Insurreição Pernambucana. Ação combinada do branco, do índio e do negro. O estímulo da união e do esforço solidários.

A PENETRAÇÃO DO INTERIOR — AS ENTRADAS E BANDEIRAS

Causas: captura dos indígenas, procura de minas de ouro, prata e pedras preciosas.

Conseqüências:

Devassamento do sertão

A mineração — fator de ocupação à base do trabalho escravo.

Fundação de centros urbanos como Ouro Preto, Sabará, Congonhas do Campo, Goiás, Cuiabá etc.

A transposição das fronteiras

Os três grandes centros da expansão e as principais vias de penetração (assuntos devidamente desenvolvidos quando do estudo sôbre a ocupação).

São Paulo — Sul e Oeste — Mineração, pecuária, captura de índios. Rio Paraná e seus afluentes; importância do Tietê, Rio Paraguai.

Bahia — Sul e Norte — Pecuária, captura de índios; localizar no mapa-mundi o rio São Francisco e seus afluentes.

Pará — Catequese, captura de índios. O Rio Amazonas. A inter-comunicação das bacias hidrográficas.

Localizar no mapa os centros de expansão e traçar setas que indiquem a direção do movimento.

Pequenas entradas no norte e no sul

Exploração do rio Amazonas. Acompanhar, no mapa, o caminho seguido pelos primeiros exploradores.

As Bandeiras de Fernão Dias Paes e Bartolomeu Bueno. Seguir, no mapa, o caminho percorrido por eles, localizando as povoações fundadas. No mapa-mundo localizar os rios *Tietê, Paraná e Paraguai*.

Levar os alunos a descobrir os obstáculos vencidos pelos bandeirantes de São Paulo e Bahia, e pelos missionários do Norte.

a) transposição dos Maciços Oriental e Central, as grandes encostas dos planaltos e chapadões (serras do Mar, da Mantiqueira etc.); a densa mata do Brasil Oriental, as tribos selvagens, cachoeiras e desfiladeiros interrompendo a navegação fluvial.

- b) o Maciço Nortista;
- c) a floresta do Amazonas.

Observar no mapa, e localizar no mapa-mundi, as "serras" que servem de divisor de águas das bacias do Amazonas, do São Francisco e do Prata.

O professor deverá levar as crianças a pesquisas sobre a organização de uma Bandeira — o chefe, os oficiais (padres, cronistas, escrivães, juizes), os outros membros

as principais características do Bandeirante: perseverante, enérgico, ousado, resignado, sóbrio

As responsabilidades do chefe

Os índios — guias, sertanistas, canoieiros, caçadores, pescadores.

As vantagens da ação combinada — a participação de cada membro para o bom êxito do grupo.

A indumentária dos Bandeirantes.

As provisões levadas (farinha de mandioca, principalmente)

Como se abrigavam.

Os meios de transporte e comunicação de que dispunham.

OS PRIMEIROS MOVIMENTOS EM TÔRNO DE NOSSA INDEPENDÊNCIA POLÍTICA

— prosperidade econômica e social resultante do "ciclo de ouro" e atitude da Metrópole em relação a essa prosperidade (os impostos, os monopólios, os decretos proibindo as indústrias (*), a abertura de estradas e o tráfego em algumas estradas já abertas). A Inconfidência Mineira e a Conjuração dos Alfaiates (Bahia, 1798 — idéias republicanas).

Os aspectos históricos que se devem seguir terão boa oportunidade de ser iniciados durante os preparativos para as comemorações da Semana da Pátria, o que os fará desenhando-se como *autênticas vivências democráticas* que se irão sucedendo até a Semana da Democracia, em outubro (23 a 29 de outubro). Da mesma forma poderão ser convenientemente tratados em atividades como "Uma Experiência de Eleição Democrática" (pág. 316) Brasília, Capital do Congresso (pág. 320) e muitas outras.

(*) Havia manufaturas de tecidos de algodão, ourivesaria etc.

Esses aspectos históricos deverão ser tratados de maneira a fazer ressaltar ideais de civismo e democracia, a fim de que se constituam, como dissemos, em verdadeiras vivências democráticas.

Exemplificando:

SEDE DA MONARQUIA PORTUGUESA NO BRASIL

— do-ponto-de-vista principalmente dos aspectos econômicos e sociais, ressaltando-se o direito de comércio e o restabelecimento da indústria no Brasil. "Abertura dos portos brasileiros às nações amigas — o Visconde de Cairu. Medidas que promoveram o desenvolvimento da agricultura, indústria (*) e comércio. Desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro — a vida nessa cidade, mudança dos hábitos da população; novas exigências de vida; os meios de transporte e comunicação. Desenvolvimento das letras e das artes. O Brasil elevado à categoria de reino. A vida dos fidalgos portugueses no Brasil — proteção da corte aos portugueses. Aumento da rivalidade entre portugueses e brasileiros. Partida de D. João VI, influência dessa partida na vida econômica da colônia (**).

A SOBERANIA POLÍTICA E A AFIRMAÇÃO DA NACIONALIDADE

Desenvolvimento do movimento pela emancipação — fatores. O Fico. A Proclamação da Independência. José Bonifácio de Andrada e Silva, o "Patriarca da Independência".

A nação — homens unidos, em território definido, por tradições, origem, língua, interesses e aspirações comuns.

O Estado — o sistema político administrativo do país, o governo, os poderes políticos.

Funções essenciais do Estado: poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.

(*) Medidas que favoreceram as indústrias principalmente de tecidos — teares mais aperfeiçoados vieram da Inglaterra, pioneira das indústrias de tecidos; favores e privilégios aos que inventassem ou introduzissem máquinas aperfeiçoadas.

(**) "Ciências Sociais na Escola Elementar" — INEP — 3.^a edição, 1955, pág. 165.

O IMPÉRIO

— primeira forma de govêrno do Brasil independente. Vida a êsse tempo.

A importância da 1.^a Constituição Brasileira.

SEGUNDO REINADO

— ressaltar os processos democráticos de Govêrno. Pacificação. Luís Alves de Lima

Ferrovias. Imigração estrangeira.

ABOLIÇÃO E ABOLICIONISTAS

— sentimentos de igualdade e fraternidade. A voz de Castro Alves na conquista do povo para as idéias da libertação. Tribunos e jornalistas; papel da imprensa. Influência da abolição no desenvolvimento econômico do Brasil.

PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

— maior expressão dos processos democráticos; salientar o valor das eleições dando ao povo o privilégio de escolher seus próprios dirigentes (ver "Prática da Democracia" e "Uma Eleição Democrática" págs. 314 e 316). A crescente repercussão da imprensa na vida política do Brasil (campanha republicana; ação dos grandes vultos).

A República — nova forma de govêrno do Brasil independente.

Os Estados Unidos do Brasil — a União Federativa (ver "Conceitos político-administrativos" págs. 134 e 135).

A Constituição atual e as conquistas democráticas.

O Congresso Nacional como o poder representativo de tôdas as unidades estaduais.

Os Territórios Nacionais recentemente instituídos; dependência política e econômica dêstes em relação ao Govêrno Central.

A importância dos *impostos* municipais, estaduais e federais para o bom êxito administrativo.

(O professor terá oportunidade ainda de apontar a relação existente entre os orçamentos municipais, estaduais e federal, e a produção).

A criança e o mercado do trabalho

Tem sido nossa constante preocupação, desde o 1.^o ano, mostrar à criança que cada pessoa tem um papel a desempenhar no grupo, de acôrdo com suas aptidões, e que o valor de cada pessoa e o lugar que ocupa, nesse grupo, dependem do bom desempenho de suas tarefas.

A criança tem sido levada a aplicar êsse conceito às responsabilidades para com a família, a comunidade em geral, e para com o Estado. E tem sido levada a compreender que essas responsabilidades são inerentes à ação do homem no grupo, indo desde as mais humildes ocupações até os altos cargos de direção, de govêrno.

Temos procurado fazê-la compreender ainda que quaisquer dessas responsabilidades, desde as mais humildes, obedecem a determinados padrões de conduta, e cada uma, em seu ambiente próprio, tem igualmente importância no grupo e valor social.

Desde o 2.^o ano procuramos mostrar a importância de tôdas as profissões honestas na vida da comunidade. Trouxemos à escola, para falar sôbre as peculiaridades de sua profissão, um carpinteiro, um sapateiro etc.

Aconselhamos ainda entrevistas e maior contacto com engenheiros, enfermeiras, médicos e outros profissionais de atuação na vida comunal. Procuramos familiarizar as crianças com o Serviço Público, o Comércio e a Indústria.

No 3.^o ano visamos a maior compreensão da importância de cada uma das atividades humanas, relacionando-as de maneira mais precisa — digo mais precisa por que o vínhamos fazendo antes, embora sem a criança perceber — com o ambiente físico; e, no estudo do aproveitamento de recursos, levamos a criança a valorizar o trato da terra, a profissão do agricultor, do pescador, enfim, as profissões ligadas às atividades da produção, de modo geral.

Parece-nos chegado o momento, agora no 4.^o ano — quando a criança desperta realmente para as manifestações de nacionalidade e de civismo, e apreende melhor a contribuição das gerações passadas — de apresentar à criança, para uma escolha talvez em futuro próximo, as possibilidades de preparação profissional.

É chegado, por vêzes, para muitas de nossas crianças, o momento de pensar em *servir*, em ser útil a si mesma, à família, à comunidade em geral, ao País.

É preciso fornecer, de maneira intencional, certos esclarecimentos relativos às profissões, lembrando-nos, por exemplo, mais uma vez, de alertar as crianças para a tradição errônea de menosprezo ao trabalho manual.

Torna-se necessário incentivá-las relativamente às atividades de ordem técnica, mostrando-lhes o valor das mesmas, e levando-as a concluir que, no momento presente, as atividades científico-tecnológicas têm transformado nossas condições de vida.

Os clubes que se venham a formar no 4.º ano podem incluir, entre seus departamentos, o de divulgação relativa a cursos de formação técnica e profissional.

Entre os conferencistas chamados à escola, pelo Clube, poderão ser incluídos aqueles que interessem às crianças, desse ponto-de-vista.

Poderão ser organizados fichários sobre os cursos de formação profissional, com as necessárias indicações sobre finalidades, localização, gratuidade, exigências de preparo anterior etc.

Essas indicações devem ser completadas com as informações sobre o mercado de trabalho (5.º ano pág. 398) aos alunos que vão deixar a escola, já em busca de um meio de vida.

FESTAS CÍVICAS

Em relação às festas cívicas, os seguintes problemas, parece-nos, devem merecer especial atenção de parte do professor:

— a necessidade de valorizá-las em seus aspectos de espontaneidade e singeleza, de maneira a transformá-las em vivências democráticas.

— a necessidade de reintegrá-las em sua importância do ponto-de-vista emocional e educativo, reconhecendo-lhes os altos objetivos em relação à criança:

- a) o desenvolvimento do interesse e amor pelo passado;
- b) o reconhecimento aos que construíram a nação e aos que a vêm preservando
- c) o estímulo à continuidade de ação nesse sentido;
- d) o apêlo à sensibilidade em relação ao sentimento de pátria;
- e) apêlo à fraternidade entre os filhos da mesma pátria.

— a necessidade de torná-las atraentes e o mais possível atualizadas de maneira a interessar realmente a criança.

No sentido de colaborar na solução desses problemas, apresentamos as seguintes sugestões:

números variados — que resultem de entendimento entre as crianças, e entre estas e o professor, para efeito de planejamento e ensaios, o que levará as crianças a maior integração, e a tomar a responsabilidade da execução de seus respectivos “números”.

pequena duração — sendo desejável que tomem parte na festa elementos de todas as turmas, sugerimos que alguns desses elementos façam trabalhos de conjunto, sempre que possível.

comemoração de um só fato ou homenagem a um só vulto histórico

ao invés de discursos lidos, pequenas palestras simples, objetivas, esclarecendo ou historiando os fatos

adaptação às crianças — de preferência, separar o grupo dos mais adiantados — 4.º, 5.º e 6.º anos — do grupo dos menores

ambiente de respeito e dignidade — atitude do professor como exemplo, atitude da mesa que presidir a solenidade, se a houver, atitude das crianças, dos “atores” e dos espectadores etc., (do que resulta a necessidade de todas as crianças compreenderem a importância do fato a comemorar ou da homenagem a prestar).

Em relação a “números” variados, o professor dispõe de muitos recursos, cabendo-nos lembrar, pela força e vivacidade que imprimem aos acontecimentos, tornando-os quase “atuais”, *pequenas notícias* através de um *jornal falado*, em que os repórteres imprimissem aos pequenos textos certa dramaticidade, se fôsse o caso, sem que, entretanto, houvesse exagero que comprometesse a dignidade e veracidade dos fatos.

Aliás, relativamente à *dignidade dos fatos*, de tão grande importância, mesmo de primordial importância, é preciso que a atitude do professor concorra para acentuá-la e reforçá-la; é preciso estar atento àquela naturalidade de atitude que reflete a seriedade da comemoração, sem descuidos que a banalizem, ou exageros que a tornem artificial ou enfática.

Se houver dramatizações, haverá necessidade de cuidadoso exame do texto. Se o culto do herói não deve ser exagerado, sob pena de prejudicar o harmonioso desenvolvimento da criança, também a maneira de tratar os fatos deve merecer especial cuidado, visto como, muitas vezes, uma ligeira irreverência, a nota acentuada de algo pitoresco ou engraçado (*), desvirtua irremediavelmente o sentido da homenagem, com sério perigo para a formação da criança.

Entretanto, a graça que não afeta a dignidade é aconselhável. Aliás, o que nos preocupa, como bem compreende o professor, é apenas uma questão de "medida." Mas é de grande, de inegável importância.

(*) Algumas vezes a própria caracterização da criança prejudica o efeito desejado. No entanto, uma característica de um vulto nacional — chapéu de Santos Dumont, por exemplo* quando bem apresentada, valoriza a dramatização. As mais das vezes, porém, as crianças se satisfazem com o mudar o uniforme por uma roupa de passeio.

Capítulo 6

INSTRUMENTOS DE ESTUDO A UTILIZAR

(ver 3.º ano, pág. 186)

O globo terrestre e o mapa no 4.º ano de estudos sociais

Devemos procurar agora utilizar com freqüência o globo terrestre, desenvolvendo conceitos que darão à criança melhor conhecimento do mundo em que vive.

Aliás, as noções de forma da Terra, Equador, polos, movimentos da Terra, fases da Lua, que surgem por necessidade das observações sobre clima e que foram apresentados experimentalmente de início (pág. 95), desenvolvem-se através da utilização do globo terrestre.

A criança já conhece, desde o 2.º ano, os pontos cardiais. Introduzem-se, agora, as direções colaterais, do que resulta maior precisão nas localizações que se fizerem necessárias.

Dadas as experiências anteriores, êsses conhecimentos serão facilmente adquiridos.

Em relação aos mapas, vimos cuidadosamente preparando nossas crianças de modo a interessá-las realmente no traçado e na interpretação dos mesmos.

Nesse sentido levamo-las a observar paisagens, maquetes, vistas aéreas etc., incentivando-as a reproduzir o que viam, primeiramente em desenhos, pinturas e modelagem, depois, em plantas.

Partimos, portanto, do estímulo à auto-expressão através da arte indo atingir, aos poucos, nosso objetivo de maior precisão nas direções, proporções, distâncias etc.

A natureza dos Estudos Sociais, no 4.º ano, vem tornar o mapa instrumento de trabalho indispensável — a cada conhecimento nôvo é útil corresponda um mapa.

A medida que estudam, as crianças irão executando mapas — físicos, político-administrativos, históricos, de clima, solo, vegetação, orográficos, hidrográficos, de produção — sendo então esclarecidas a respeito de símbolos como, por exemplo, a utilização das côres. Dêse modo estarão sendo preparadas para a interpretação correta de quaisquer mapas que se lhes apresentem.

Julgamos aconselhável que as crianças recortem modelos em cartolina, de vez que não conseguirão bons resultados a mão livre e os demais processos, como o de decalque, por exemplo, são demorados. Esses modelos virão, portanto, garantir a permanência do interesse.

A linguagem dos símbolos cartográficos vai permitir à criança novas e fascinantes experiências.

Aliás, desde os oito ou nove anos a criança demonstra grande interesse por códigos secretos. Interesse que o professor poderá utilizar convenientemente, permitindo e mesmo estimulando a elaboração de códigos em muitos de seus brinquedos; a assimilação de símbolos será assim facilitada.

O professor precisa lembrar às crianças que certos símbolos não podem ser modificados — o azul, por exemplo, representa a água, e não pode ser utilizado em mapas apenas como elemento estético.

Estabelecer o hábito de colocar legendas, assim como o de interpretá-las antes de ler o mapa.

Útil será também familiarizar as crianças com grandes distâncias e proporcionar-lhes meios de avaliar essas distâncias. Assim, exercitá-las no uso de medidas como o “quilômetro” (correlação com Matemática — ver 2.º ano, pág. 110).

São atividades interessantes para as crianças as que visam a levá-las a perceber que os mapas são traçados em diferentes escalas e que quanto maior fôr a escala, mais precisos e bem delineados serão os contornos e as formas.

Exercitá-las igualmente no conhecimento de *escalas* fazendo compreender que, no 1.º ano, quando mediam as paredes da sala de aula com um barbante que correspondia às dimensões de sua mesinha, pág. 48) estavam avaliando dimensões. E, quando empregavam caixas de fósforos para representar, na planta, essas mesmas mesinhas, estavam reduzindo as dimensões naturais, mas guardando as mesmas proporções no traçado das paredes da sala.

Agora, no 4.º ano, quando as crianças verão, no mapa, dimensões reduzidas, o professor acentuará que essas dimensões guardam entre si as proporções naturais, mostrando a relatividade existente entre as mesmas.

Aliás, a criança já deve ter percebido, ao interpretar legendas, que os km estão aí representados por traços muito pequenos. Elas se interessarão por medi-los e calcular a escala do mapa. O professor deverá aproveitar o interesse que as crianças têm por cálculo para exercitá-las nesse sentido.

Exemplos de exercícios:

Fazê-las comparar o tamanho das regiões mostradas no mesmo mapa ou em mapas isolados apresentados na mesma escala.

Traçar mapas em diferentes escalas usando o sistema de quadrículas.

Comparar mapas em diferentes escalas.

Calcular quantos km separam dois lugares usando a escala.

Os gráficos são também de grande importância no 4.º ano de Estudos Sociais, podendo a criança representar em gráficos de barra o número de habitantes nas várias regiões brasileiras, a quantidade anual de chuva em diferentes estados brasileiros, a produção de açúcar ou de café nesses mesmos estados.

TRABALHO DE EQUIPE — ATIVIDADES DE PESQUISA

A escola primária — Na autenticidade de seus propósitos — dará especial relêvo às atividades de grupo, formando

Equipes de trabalho

Essas equipes de trabalho caracterizam-se melhor do 3.º ano em diante, embora desde o 1.º ano as crianças devam realizar trabalho em grupo, no sentido da maior facilidade de aquisição de hábitos de vida diária, isto é, hábitos de convivência e trabalho. As atividades que sugerimos no 1.º e 2.º anos favorecem o trabalho em grupo, assim como as atividades de recreação e jogos. Realizando a apreciação do próprio trabalho (Avaliação, 1.º ano, pág. 71), os alunos, ajudados pelo professor, irão tomando consciência das atitudes essenciais ao trabalho em grupo. Este quadro a que nos referimos é bastante elucidativo: evidencia a colaboração, a disciplina consciente, o interesse pelo trabalho, o respeito ao direito alheio e o domínio próprio — o que ficará ainda mais claro se a professora examinar o desenvolvimento da atividade à pág. 37).

O preparo do relato de uma excursão (2.º ano pág. 103), por exemplo, é também um bom preparo para um trabalho de equipe mais complexo, por constituir trabalho de grupo, de certa simplicidade. Os componentes do grupo, tendo tomado anotações relativas a determinados aspectos da excursão — conforme a divisão de tarefas — reúnem-se com a professora, a fim de preparar o relato. Essa divisão de tare-

fas importa em responsabilidades pequenas, que não exigem troca de opinião muito intensa, mas que guardam entre si unidade, mantendo o espírito de equipe, o que identifica as crianças, pela responsabilidade em comum. A professora poderá, de início, compor o relato, concatenando, com o auxílio dos alunos, as anotações tomadas. Mais tarde, um relator, escolhido pelo grupo, poderá fazê-lo, sob a orientação, é claro, da professora.

Quando a professora e os alunos não têm ainda grande experiência de trabalho em grupo, é preferível iniciá-lo com um só grupo, enquanto os demais alunos executam um trabalho escrito, por exemplo. Assim, a professora prestará, a esse grupo, assistência cuidadosa.

Poderá depois, à proporção que adquirir desembaraço na supervisão do grupo, ir gradativamente organizando e treinando outros. Os grupos devem ser pequenos, de início, podendo o professor torná-los maiores à proporção que vá ganhando experiência — talvez possamos determinar um mínimo de cinco alunos, e um máximo de oito.

Os grupos se devem formar o mais possível espontaneamente, de acôrdo com as afinidades, reservando-se o professor o direito de interferir, quando necessário.

O trabalho em equipe pressupõe a existência de um grupo de alunos voltados para o mesmo objetivo e que colocam, acima dos interesses pessoais, os interesses do grupo. Todos procuram ajudar e pensam juntos, discutindo a elaboração de um plano que lhes facilite a tarefa, dividindo atribuições, mas permitindo a posterior consecução do objetivo dentro do mesmo espírito de equipe, isto é, em conjunto, e no mesmo sentido do interesse comum.

É trabalho que exige, como vimos, orientação segura do professor, que, além de auxiliar discretamente na elaboração do plano e mesmo em sua execução, ainda observa a reação e o comportamento dos componentes do grupo, tomando anotações que lhe permitam ação adequada relativamente a atitudes a desenvolver, à renovação de membros do grupo etc.

O trabalho em equipe, assim compreendido, leva a adquirir hábitos

de cooperação
de reflexão e estudo
de aperfeiçoamento do próprio trabalho, pelo exercício da auto-crítica e atenção à crítica construtiva,

conduzindo a atitudes de aceitação de práticas democráticas através

de oportunidades comuns a todos,
de participação no êxito,
de divisão de responsabilidades etc.,
ao mesmo tempo que condiciona os resultados positivos
do trabalho aos hábitos especificamente sociais que se vão
desenvolvendo:

— expor sugestões e opiniões com desembaraço e cortesia, atendendo de maneira conveniente à crítica que por ventura provoquem

— falar com oportunidade dentro do assunto e sem interromper o pensamento do colega.

— saber ouvir com atenção, de maneira a estabelecer troca de idéias, quando fôr o caso

— respeitar a opinião alheia

— adotá-la como a mais acertada, no caso em que se resolva prevaleça a opinião da maioria

— desempenhar sua responsabilidade pessoal da melhor maneira possível

— ser pontual em relação às suas obrigações etc.

Cabe ao professor, além do que foi dito, levar os membros do grupo a um entendimento o mais possível perfeito e também levar os diferentes grupos a uma expressiva comunicação e colaboração entre êles a fim de que se enriqueçam as oportunidades de aprendizagem.

Recomendamos ainda a devida assistência aos líderes que se manifestam de imediato no trabalho de equipe, e a necessidade de estimular, nos alunos, o desenvolvimento de suas capacidades, inclusive de direção.

Deverá o professor atender, na distribuição das tarefas, às habilidades e aptidões especiais, sem prejuízo das oportunidades a todos concedidas.

Cabe ainda ao professor, sempre atento ao progresso e às falhas do comportamento social de seus alunos, encaminhar o aluno tímido, que se não aproxima espontaneamente dos colegas, observando-lhe as características psicológicas e preferências. Os sociogramas serão de grande valor, nesse caso.

Resta-nos dizer que o trabalho de equipe tem fôrça motivadora, leva ao interesse e à criação, e também a novas necessidades, desenvolvendo assim a personalidade do aluno e favorecendo a aprendizagem.

A orientação que seguimos neste Guia favorece o trabalho de equipe do 1.º ao 5.º ano de escolaridade:

durante o planejamento e desenvolvimento das atividades na organização de campanhas
na avaliação dos resultados obtidos
na organização de relatos e relatórios durante as excursões e entrevistas nas atividades dos clubes infantis etc.

Atividades de pesquisa

As atividades de pesquisa ganham maior expressão no 4.º ano, quando as crianças, revelando maior reflexão, senso crítico e interesse intelectual, já realizam análises mais profundas e generalizações mais amplas. Além disso, nessa idade, interessam-se profundamente pelos Estudos Sociais, cujo aspecto de autenticidade as atrai, levando-as a procurar informações verídicas sobre o mundo.

Assim sendo, o programa de 4.º ano aqui desenvolvido aguça a curiosidade dos alunos e os leva, espontaneamente, à pesquisa. Entretanto, cabe ao professor orientar a pesquisa e auxiliar o aluno, de maneira a evitar o desânimo, principalmente pelas dificuldades de consulta que se oferecem à criança, em nosso meio, devido à insuficiência de fontes de pesquisa adequadas, à dificuldade de transporte etc. Precisa treiná-la em habilidades básicas como a procura de livros nas bibliotecas e a leitura de índices, mostrando-lhes a utilidade prática dos mesmos. Deve incentivar a freqüência a bibliotecas, na escola ou fora da escola, já que a criança tem pleno domínio da leitura e escrita.

As atividades de pesquisa são facilitadas pelo trabalho em equipe.

No programa de 4.º ano, por exemplo, as regiões do Brasil oferecem, como vimos, ricos motivos de pesquisa e largas oportunidades ao trabalho de equipe.

Uma experiência, em 1935, na Escola México, então experimental

Em 1935, na Escola México, então escola de campo experimental (*), quando exercíamos as atividades de coordenadora e o fazíamos através do Auditório, levando as crianças de 4.º e 5.º anos, separadamente, a discutir as necessidades de

(*) Experiência do Sistema Platoon.

aprendizagem relativas às unidades de trabalho que se iam desenvolver, tivemos oportunidade de aplicar em larga escala o trabalho em equipe e a pesquisa.

Quando da escolha de uma viagem imaginária pelo Brasil para centralizar e dinamizar a aprendizagem, nós e as crianças de 4.º ano, no Auditório, dividimos a turma em grupos, a fim de que cada um deles se dirigisse a uma região do Brasil. E os grupos traçaram conosco seu plano de viagem que foi levado às salas-ambiente (*), para que as professoras especializadas desenvolvessem a aprendizagem necessária (**).

E o que incentivou de maneira notável o trabalho de equipe e a pesquisa foi a resolução de que haveria, no Auditório, encontros entre o grupo que deixasse determinada região e o que para lá se dirigisse, devendo o primeiro atender à curiosidade do segundo, respondendo a perguntas e narrando fatos.

O entusiasmo dos grupos foi enorme, o espírito de competição bem dirigido não criou problemas e as atividades de pesquisa tiveram extraordinário desenvolvimento.

As crianças apresentaram espontaneamente muito material como cartazes, fotografias etc.

Houve grande colaboração, inclusive de elementos estranhos à escola como pais, professoras, amigos etc. que atendiam à solicitação das crianças.

Foram ainda apresentadas danças típicas, canções folclóricas etc.

E muito lucrou o correlacionamento com outras matérias, principalmente a Linguagem, embora a Matemática também houvesse encontrado boas oportunidades, inclusive em despesas de viagem, abatimentos, necessidades de trôco para pequenos gastos etc.

Outros recursos para a aprendizagem

No 4.º ano os Estudos Sociais ampliam-se e as crianças defrontam com mais frequência fatos, épocas e ambientes diferentes daqueles em que assenta sua experiência pessoal. E embora haja interesse e as crianças já venham sendo conduzidas paulatinamente nesse sentido, ainda assim a complexidade dos assuntos e seu afastamento no tempo ou no espaço exigem da criança um esforço de adaptação mental bastante significativo.

(*) Salas-ambiente de Geografia, de História, de Música.

(**) Como é óbvio, nós, coordenando as atividades, já havíamos elaborado um plano de conjunto com as professoras especializadas.

Há, pois, fortes razões para o professor recorrer continuamente aos recursos que vêm de encontro às necessidades da criança no momento, incluindo cada vez mais no seu trabalho diário

conversas — debates — entrevistas — excursões (*) — pesquisas — leituras — exercícios sistematizados — jogos didáticos — teatro e fontes de ilustração adequadas como: cartazes — flanelógrafo — diapositivos, diafilmes e filmes.

Nesse sentido apresentamos considerações sobre alguns desses recursos, não nos referindo de maneira mais detalhada a todos porque muitos já foram examinados anteriormente, e de maneira minuciosa.

JOGOS DIDÁTICOS

Emprestando aos estudos características lúdicas e maior variedade de situações, os jogos didáticos satisfazem a criança e facilitam a fixação da aprendizagem e a valorização dos instrumentos sociais que a criança deve adquirir e utilizar.

Os mapas (**), por exemplo, indispensáveis à compreensão dos fatos geográficos e históricos, são executados com muito agrado pelas crianças. No entretanto, verificamos frequentemente que essas mesmas crianças não os procuram espontaneamente para esclarecer-se, notando-se mesmo certa relutância quanto aos exercícios de localização em mapas já existentes. Através de jogos didáticos em que se os utilize continuamente e de maneira interessante, o professor atingirá sem dúvida o objetivo de levar a criança ao uso adequado do mapa sempre que for necessário.

O professor poderá encontrar exemplos de jogos apropriados ao 4.º ano de estudos no desenvolvimento da atividade "O clube dos Brasileirinhos" (pág. 304) e em livros como "O Mundo da Criança", da editôra Delta, "Recreação na Escola Primária" de Ethel Bauzer e outros.

Quanto à competição de grupos ou individual, é esse mais um estímulo aos estudos, mas exige que o professor esteja alerta no que diz respeito às reações psicológicas. É aconselhável ainda assim dar preferência aos jogos em que não há competição, dado o aspecto mais sadio de que se revestem,

(*) 2.º ano, pág. 103.

(**) Mapas — ver pág. 194.

e preparar convenientemente a criança para a competição, para saber ganhar e perder, introduzindo graduações na competição (de grupos, depois individual, eliminação momentânea, depois por maior tempo etc.).

TEATRO ESCOLAR

Os jogos dramáticos, a dramatização e o teatro propriamente dito são atividades que atendem às necessidades psicológicas das crianças e por essa particularidade são de grande interesse para os Estados Sociais. A fantasia, o extravasamento de sentimentos (*) e auto-expressão que essas atividades, orientadas por um educador, propiciam às crianças dão base à segurança emocional desejada.

Visando agora diretamente ao currículo, verificamos que o teatro não apenas incentiva os estudos, mas constitui mesmo uma forma — e das mais eficientes — dêsse estudo. É ainda veículo que conduz ao aprimoramento da expressão, à melhoria do gosto e a um crescente senso de responsabilidade (**).

Desde o 1.º ano vimos incentivando a criação infantil através dessas e de outras atividades. As pequenas observações no jardim da escola, a recreação ao ar livre, os "jogos de salão" e as histórias infantis são fontes constantes de inspiração para a mímica, a emissão de sons, os pequenos diálogos e, mesmo, representações espontâneas de maior alcance. Nos anos seguintes, aos poucos, as dramatizações inteiramente espontâneas vão sendo substituídas por outras com enredo, embora sem a exigência de falas memorizadas. Agora, no 4.º ano, as crianças, já mais experientes, podem chegar ao teatro, representando, por si mesmas ou através de bonecos, peças escritas pela turma, de preferência.

Uma representação que focalize a vida numa região do país é um fecho significativo para o estudo dessa região. O preparo da peça, do cenário, das caracterizações e os ensaios das personagens e do coro são meios de fixação realmente produtivos.

Assim, o teatro da classe ou, melhor ainda, o teatro extra-classe que congregue elementos de várias turmas num trabalho harmônico, virá enriquecer de muito a missão educativa.

(*) Não se trata aqui do teatro-terapêutico que exige do educador maior habilidade e cautela.

(**) A consideração cada vez maior pelo público conduzirá as crianças ao reconhecimento de que devem dar o melhor de si mesmas.

O CARTAZ — O QUADRO MURAL

Veza por outra, um assunto mais complexo a ser apresentado às crianças exige do professor um cartaz que êle executa e apresenta de modo a conseguir o impacto que facilita a compreensão. No entanto, tratando-se de fixação, é bem mais eficiente que as próprias crianças participem da elaboração do cartaz.

Desde o 1.º ano o professor vem pedindo a colaboração das crianças, e estas redigem dizeres, ilustram, colaborando de acôrdo com a natureza do trabalho. Fazem desenhos, pinturas, mosaicos, modelagem, usando técnicas aprendidas anteriormente ou criando algo próprio, no que devem ser de imediato incentivadas. Aí, então, agem com muito maior liberdade, podendo tomar, às vêzes, totalmente, a iniciativa, limitando-se o professor a opinar no arranjo dos elementos.

No 4.º ano deve ser essencial a preocupação de dar oportunidades de iniciativa às crianças. Nessa altura do curso primário não se deveria encontrar exposto em classe um só trabalho exclusivo do professor.

Uma nova modalidade de cartaz, e de grande importância para a compreensão de certos tópicos, pode ser utilizada no 4.º ano. Trata-se de cartazes sucessivos e inter-relacionados, englobando, por exemplo, aspectos da vida de personagens importantes, aspectos que dizem respeito à atuação de certo elemento étnico na formação de nossa cultura, aspectos de vida numa região ou à interdependência entre fatos que caracterizam determinada ocorrência histórica. Não nos queremos referir aos álbuns comuns em que as ilustrações e respectivas legendas, muitas vêzes, deixam de apresentar aspectos de correlacionamento. Os cartazes a que nos referimos levam à revisão de um assunto de cada vez, ao mesmo tempo que fornecem valioso recurso de aprendizagem através da seqüência lógica ou cronológica dos fatos.

As crianças não só poderão dar títulos apropriados a fatos em seqüência, como também esclarecer títulos dados com ilustrações adequadas; quer num, ou noutro caso, realizam análise, síntese e classificação dos acontecimentos.

Outro ponto importante é que se considerem as dificuldades das crianças em determinadas técnicas, como um motivo para exercitá-las nessas mesmas técnicas. Assim, se não executam bem letreiros, por exemplo, é êste o momento adequado para realizar treinos nesse setor. Tendo, porém, o grupo atingido a um certo grau de habilidade, e havendo premência de tempo, as crianças podem, de quando em quando,

utilizar o "normógrafo simplificado" (*) de papelão, cuidando, entretanto, o professor, de evitar que se forme o hábito ou seja prejudicada a espontaneidade artística das crianças.

Tratando ainda dos letreiros é interessante levá-las a observar o progresso obtido pela comparação dos últimos trabalhos com os anteriores.

A realização de cartazes possibilita às crianças a observação de aspectos importantes da expressão artística — clareza, precisão, originalidade, beleza — além de oferecer ao professor muitas oportunidades de interferência educativa.

FLANELÓGRAFO

A propriedade de aderência de certos materiais — flanela, feltro, lixa, espuma de "nylon" — é muito utilizada desde os primeiros anos em assuntos que apresentem uma sucessão de fatos interligados (o ciclo da água) ou em que novos acontecimentos vêm alterar o aspecto anterior de uma paisagem (o progresso paulatino do bairro, por exemplo).

Agora esse auxiliar de ensino deve ser empregado ainda, e com maior frequência, na fixação de conhecimentos.

A composição de mapas sobre flanela juntando estados e regiões, a localização de cidades, de produtos etc. em mapas feitos em flanela serão algumas dessas utilizações.

OS LIVROS, AS GRAVURAS, OS DIAPOSITIVOS, DIAFILMES E FILMES

Esses elementos concorrem para que a aprendizagem se realize de maneira mais objetiva e esclarecedora, ao mesmo tempo que enriquecem o trabalho de classe, tornando-o, tanto para o aluno, quanto para o professor, mais atraente e fácil de realizar.

Côncio do papel preponderante do livro na aprendizagem, o professor seleciona (**) de maneira cuidadosa os trechos ou os livros a utilizar, concomitante ou sucessivamente, nas

(*) O "Normógrafo Simplificado", de autoria de Reis Coutinho (Centro Audio-visual da Bahia), permite o desenho de todas as letras de nosso alfabeto. O professor interessado poderá recorrer a qualquer Serviço audio-visual.

(**) As próprias crianças podem participar dessa seleção consultando bibliografias, índices dos livros etc. É interessante que, em vez de um livro de leitura, as crianças utilizem, mesmo para leituras maiores e contínuas, livros da biblioteca de classe (por vezes impõe-se que haja três ou quatro exemplares de alguns dos livros para que o trabalho se processe satisfatoriamente).

pesquisas ou nas leituras ilustrativas. Neste último caso, somente as crianças que vão ler conhecem o trecho, pela necessidade de proceder a uma boa leitura, ficando assim assegurada a atmosfera de interesse que leva a um resultado proveitoso.

Cabe ainda ao professor apresentar oportuna e adequadamente as gravuras, os diapositivos, diafilmes e filmes. É preciso que esses recursos atendam de imediato à necessidade da criança, quer seja esta de simples curiosidade, de maior esclarecimento ou de melhor compreensão. As conversas, anotações, desenhos, resumos, sumários, questionários, quadros sinóticos ou mapas que se lhes seguem fixam e sistematizam ainda mais as informações.

A inexistência de verba escolar para a compra de livros e de instrumentos é um entrave ao trabalho do professor. Livros e projetores cinematográficos para estabelecimentos escolares são freqüentemente adquiridos por iniciativa de pais e professores. Não se fazem entretanto campanhas em prol da aquisição de projetores fixos, muito menos onerosos que o cinema e, de um modo geral, mais indicados para a aprendizagem, pois permitem ao professor focalizar, no momento certo, exatamente o que precisa focalizar. Aliás, os projetores fixos são os únicos indicados para centros mais afastados, pela maior facilidade de aquisição de material. Os próprios professores e pais de alunos, munidos de máquina fotográfica, podem preparar diapositivos e slides de sua localidade e realizar trocas interescolares através dos órgãos gerais, ou diretamente, o que seria de grande valor para a compreensão, pela criança, de novas formas de vida, objetivo de grande importância dos Estudos Sociais desde o 3.º ano. (3.º ano, pág. 131). Os mestres de todos os estados brasileiros apreciarão, por exemplo, diapositivos que retratem vultos históricos, acidentes geográficos, as construções antigas de Salvador, Recife, Ouro Preto, edifícios históricos do Rio, construções de Brasília, tipos regionais, vistas de capitais ou detalhes de engenhos, de salas de museu, quadros célebres etc., inacessíveis, de outro modo, às suas crianças.

EXCURSÕES NO 4.º ANO — INFORMAÇÕES PARA O PROFESSOR

Os objetivos que nos levaram a informar o professor sobre excursões no 3.º ano, conduzem-nos agora a apresentar informações sobre o que as crianças poderão encontrar nas instituições culturais que venham a visitar no Estado da Guanabara.

Não nos sendo possível estender essas informações aos demais Estados, sugerimos que o professor ou a direção da escola organize nesse sentido documentação semelhante.

Museu Histórico Nacional (M.E.C.)

Andar térreo

Pátio de entrada:

Estátuas: Caramuru, Anchieta, D. Pedro I, D. Pedro II, Visconde de Cairu, Mauá etc.; outras esculturas: Y-Juca Pirama Escravos etc.; uma jangada autêntica; escudos dos expedicionários etc.

Arcada dos Donatários:

Escudos dos donatários

Sala das Jóias

Caneta com a qual foi assinada a Lei Áurea (de ouro, brilhantes e esmeraldas).

Sala Cardeal Arcoverde (após a escada)

São João Batista e São Mateus executados por Mestre Valentim; santos coloniais de talha portuguesa, de pedra sabão; imagens barrocas (uma Nossa Senhora Menina ao centro); painéis dos antigos Passos da Bahia; pequenas imagens de marfim dos séculos XI e XII.

Sala Frei Henrique de Coimbra (a seguir à anterior)

"Cruz procissional franciscana que Frei Henrique de Coimbra plantou na Terra de Santa Cruz e diante da qual foi celebrada a 1ª Missa do Brasil" (cópia — a original está guardada na Sé de Braga).

Imagens de talha portuguesa; altares e oratórios barrocos; santos, zimbórios e anjos de antiga igreja de Minas Gerais; catre em jacarandá com leito de pele de animal etc.

Sala Mendes Campos:

Fechaduras, chaves e torneiras coloniais; máquina de costura, ferro de engomar, telefone antigo etc.; fragmento da Igreja dos Jesuítas no Morro do Castelo; vaso e fôrma para doces feitos em pedra sabão; modelo de uma engenhoca colonial.

Sala Barão Smith Vasconcelos:

Quadro mostrando o chafariz da Glória

Sala da Música Brasileira:

Diplomas e objetos pertencentes a Francisco Braga e Carlos Gomes (inclusive a rêde em que êste morreu).

Pátio interior:

Canhões, sinos, bancos coloniais, lampiões, placas e enfeites de construções coloniais demolidas etc.

Sala Saldanha da Gama:

Modelos de navios e de faróis, bússolas etc.

Sala Mascarenhas de Moraes:

Carruagens antigas

Sala do Conde de Bobadela:

Arcas coloniais; relógio de sol em pedra; librés; arreios; tambor africano; cerâmica e boneco feito por escravos; instrumentos de tortura.

1º andar (pela escada ao lado da sala Cardeal Arcoverde)

Sala Osório:

Frases célebres de Osório; roupas e fardas (um poncho inclusive), retratos, coroas de louro; brasão de armas do General.

Sala de Caxias:

Modêlo da estátua eqüestre de D. Pedro II: não foi executada por desejar o imperador aplicar o dinheiro na criação de escolas primárias.

Sala Princesa Isabel:

Trono; vestido, fardas, piano, secretária, retratos de família; quadro "Juramento da Princesa".

Sala D. Pedro I:

Brinquedo que D. Pedro ganhou aos cinco anos (navio de marfim)

2º andar

Cimo da escada:

Bustos de Deodoro, Floriano, Benjamim Constant, Tiradentes e Valentim da Fonseca.

Arcada ao lado da escada:

Quadros representando chafarizes e casas coloniais de Mariana; arcas; rótulas coloniais etc.

Sala D. João VI:

Traves da fôrça de Tiradentes; quadros: a Batalha de Guararapes, por autor desconhecido (técnica flamenga, igual aos que se encontram no Museu de Pernambuco e na Igreja da Conceição dos Militares em Recife (muito interessante); retratos de Tiradentes, óleo representando o martírio de Tiradentes; retrato de D. Carlota Joaquina por Debret, um óleo retratando o visconde de Cairu, paisagens de Ouro Preto e do Rio Antigo; o embarque dos príncipes para o Brasil etc; banco da Casa dos Contos (Ouro Preto); cadeiras de couro lavrado de Córdoba; camas; sofás, cadeiras; arcas, roca de fiar etc.

Museu da Cidade (Govêrno do Estado da Guanabara)

(além do que se aconselhou para o 3º ano, pág. 188)

Andar térreo

Sala do Pálio:

Pálio usado na solenidade de chegada de D. João; cadeira-trono de D. João; estandarte do Senado da Câmara do Rio de Janeiro; esfera armilar que encimava o Paço Imperial; mobília da rainha Carlota Joaquina; quadros do Rio antigo (uma planta da cidade de 1808); bellissimo painel chinês.

Sala das alabardas:

Instrumentos de suplicio dos escravos; fibras nacionais: paco-paco, caroá, juta, carnaúba etc.; vários produtos do algodão; côco; babaçu etc.

Sala-laboratório:

O mate (quadro completo); o côco; madeiras; calcários; amendoim, jarina, guaraná (granulado e xarope); pinhas, borracha;

instrumentos indígenas; arte popular regional: bonecos, rendas, cestas e fôlhas de palha; objetos de enfeite etc; modelo de moenda.

Sala dos minerais:

Pedras semi-preciosas; balança; coleção de borboletas.

Sala dos dragões:

Dragões da Escola José de Alencar, escola construída com dinheiro arrecadado para uma estátua de D. Pedro II.

1º andar:

Cimo da escada:

Partituras — concurso para o Hino da República

Sala em frente à escada:

Braçadeiras do reposteiro do Paço Imperial
a seguir:

Quadros representando D. Pedro I e D^a Leopoldina; vaso chinês; leques de pluma; fragmento de vaso de mármore de Carrara que fazia parte do chafariz da Imprensa Régia (Rio); brasão imperial; espelho e poltronas do Teatro Lírico; pás e martelos de várias inaugurações etc.

Terraço:

Brasão do Império em mármore

Sala dos estandartes:

Estandartes; pálio do Senado; jornais antigos (um em cetim, em homenagem a Alfredo Cesário Alvim).

Serviço de Metereologia do Ministério da Agricultura (Praça 15 de Novembro — Edifício do Museu de Caça e Pesca — 3º andar)
Barômetro, barógrafo, balança de precisão, destiladora de água, máquinas de vácuo, termômetros.

(visita sômente com entendimento prévio)

Museu de Caça e Pesca (Ministério de Agricultura) (Praça 15 de Novembro — 6º andar)

Fauna brasileira

Serviço de Economia Rural (Ministério de Agricultura) (Praça 15 de Novembro — Edifício do Museu de Caça e Pesca — 3º andar)
Mostruários: fibras, côco, castanha e demais produtos nacionais.

Departamento Nacional de Produção Animal (M. Agricultura) (Praça 15 de Novembro — Edifício do Museu de Caça e Pesca — 6º andar)

Mostruários: apresentando o aproveitamento industrial do osso, do chifre, da tripa etc.

Museu Nacional

2º andar:

Salas da ala esquerda:

Vitrinas com arte popular e produtos regionais distribuídos pelos estados brasileiros.

Sala-esquina:

relativa à África

Seguem-se salas relativas aos indígenas (ver 3º ano, pág. 190).

Museu do Conselho Nacional de Geografia

(Avenida Calógeras, 6B)

Modelos de veículos usados no interior, produtos nativos brasileiros, vestimentas, arte industrial brasileira, minerais etc.

Museu de Belas Artes (M.E.C.)

(Av. Rio Branco, 199)

Saguão de entrada:

Dois profetas, do Aleijadinho

Exposição Permanente (2º andar)

1ª sala:

Quadros de pintores flamengos: retrato de Nassau e vistas de Pernambuco por Franz Post. Armário colonial.

2ª sala:

Quadros de Debret e de Taunay: desembarque de D^s Leopoldina, retrato de D. João VI, vistas do Rio antigo e sagração de

D. Pedro I. Uma estátua de D. Pedro I e bustos dos pintores de autoria de Bernardeli.

3ª sala:

Batalha de Guararapes, a "Primeira Missa no Brasil" e a Batalha do Avaí de Vitor Meirelles; estátua de D. Pedro I (igual à da praça da Independência), estátua de D. Pedro II.

5ª sala (paralela à rua):

"O derrubador" de Almeida Júnior e o "Último Tamoio" de Amoedo. Estátua "Fim de luta" (indígena e jacaré) de Flory Gama.

6ª sala:

"Bandeirantes" de Bernardeli

Jardim Botânico

(rua Jardim Botânico)

A flora brasileira distribuída pelas regiões

Jardim Zoológico

(Quinta da Boa Vista)

A fauna brasileira

ORGANIZAÇÃO DE UM CLUBE

Atendimento aos interesses da criança

A natural simpatia e admiração pelas conquistas do homem, quer do ponto-de-vista de sua ambientação física, quer em seus aspectos de realização, de aspiração e de ideais, reveste-se, para a criança de dez anos, de um certo sentido épico que lhe corresponde às necessidades de espírito.

As características regionais e o respectivo cancionero satisfazem o interesse por formas diversas de vida e o gosto estético.

As atividades de *pesquisa*, agindo no sentido de um estímulo à iniciativa pessoal, concorrem para a auto-affirmação nessa fase em que a criança se reencontra e orienta.

Dêsse modo, o programa de estudos para o quarto ano, conforme vem sendo orientado, constitui, por si mesmo, uma fonte de interesse infantil.

No entanto, visando à formação de hábitos, de atitudes sociais, e ao atendimento a aptidões que se manifestam agora de maneira mais diferenciada, deve-se ou será útil centralizar os interesses e atividades em realizações de maior expressão social. E nada nos parece mais indicado para isso do que a organização de um *clube*, cujas atividades se revistam de amplos e variados aspectos sociais, artísticos e de estudo.

A IMPORTÂNCIA DOS CLUBES NA ESCOLA

A responsabilidade da professora na interpretação dos fatos sociais

Aos nove ou dez anos as pequenas organizações infantis aparecem, independentemente da influência direta dos adultos.

O grupo tem importância decisiva na formação da criança, e as leis e normas que o regem têm a rigidez de um código de conduta. É o momento propício à fixação de responsabilidades e deveres; como o é também ao desenvolvimento da auto-crítica objetiva, já que a criança tem plena consciência desses deveres e responsabilidade.

Na escola, essa tendência à formação de pequenos grupos organizados deve ser aproveitada na instalação de clubes infantis que, reunindo a todos em um só grupo, dá margem no entanto à continuidade desses pequenos grupos afins, relativamente às atividades de estudo, recreação, etc.

Através destas, criam-se situações adequadas de discussão, a qual se estende dos problemas sociais elementares — relações de cortesia entre patrões e empregados, preconceitos raciais e contra certos tipos de escola e de trabalho — ao desenvolvimento de idéias liberais de justiça e bem-estar social.

O professor deverá estar atento à grande influência que é capaz de exercer, não só através de suas sugestões mas também de sua própria maneira pessoal de interpretar os fatos sociais. No 4.º ano a criança começa a perceber a formação humanística do professor que, por sua vez, encontra receptividade aos apelos que faz à razão da criança.

É a oportunidade, portanto, para organizar o pensamento da criança relativamente aos aspectos sociais que se lhe deparam e que a irão conduzindo num determinado sentido.

Aos dez anos acentuam-se as diferenças individuais e as oportunidades de estudo e atividades variadas que um clube oferece revelam, muitas vezes, aptidões que se devem orientar.

As crianças bem dotadas encontram ensejo de desenvolver de maneira harmoniosa as qualidades que as distinguem, principalmente o senso de justiça e a capacidade de comando.

De igual modo, as aptidões mecânicas que muitas crianças revelam nessa idade podem ser aproveitadas em um clube, no sentido de valorizar as tarefas domésticas, ensinando a fazer consertos caseiros, pequenos objetos etc.

Assim, tôdas as crianças encontram, no ambiente do clube, ocasião de desenvolver suas características próprias, ao mesmo tempo que orientam sua conduta no sentido de maior expressão social no grupo.

Os clubes podem funcionar no horário de aula e fora d'êla, dando, assim, maiores oportunidades às crianças. Reunião de sub-grupos podem ser feitas em casas de alunos etc.

O CLUBE DOS BRASILEIRINHOS (Exemplificação)

Oportunidades de aprendizagem (*)

Através de suas promoções — cinema, teatro, palestras, exposições, biblioteca, departamento esportivo — o Clube dos Brasileirinhos apresenta sugestivas oportunidades de aprendizagem:

Conduz facilmente aos objetivos dos estudos sociais. Concretiza, centraliza e dá finalidade próxima aos estudos, notadamente sociais.

Estimula a organização.

Desperta a curiosidade.

Dá oportunidades freqüentes de emprêgo da imaginação, de iniciativa, de responsabilidade.

Leva ao hábito de planejamento, reflexão e contrôle.

Conduz à ação construtiva, a bons hábitos de trabalho e boa organização de vida.

Valoriza o trabalho em conjunto.

Procura fazer conhecidas instituições culturais e enseja a utilização freqüente das fontes mais adequadas à pesquisa: atlas, enciclopédias, livros de texto, livros especializados, jornais e revistas etc.

Possibilita maior habilidade para pesquisas, principalmente as bibliográficas.

Possibilita maior precisão na interpretação e na feitura de gráficos e mapas.

Dá oportunidades aos vários tipos de redação: relatórios, descrições, biografias, enredos, cartas, resumos, sumários e quadros sinóticos.

Torna oportuna também a aprendizagem e fixação de assuntos matemáticos e das Ciências Físicas e Naturais: numeração, sistema métrico, frações ordinárias, cálculos com decimais, percentagem, regra de três, escalas, proporções, uso de força motriz, máquinas simples, estados físicos dos corpos,

(*) Essas oportunidades de aprendizagem influíram na escolha da organização de um clube de brasileirinhos, embora devamos acrescentar que o professor poderá fazer escolha diferente dentre os muitos tipos de clubes que se podem organizar. Do mesmo modo o professor poderá selecionar, dentre as atividades sugeridas, as que forem mais adequadas ao grupo, sem a preocupação de número, mas sim de oportunidade dessas realizações. Ainda nos falta acrescentar que, no caso da impossibilidade da organização de um clube, poderá o professor realizar em separado as atividades sugeridas, mas sempre com a preocupação de organizar as crianças em grupos, o que se vai ampliando até o objetivo de congregá-las a todas num só grupo.

mudanças de estado, instrumentos de medida, vasos comunicantes, o solo, os animais e os vegetais etc.

Permite a auto-expressão através da arte.

Organização do clube

De início, é interessante conversar com as crianças ou, se possível, promover uma entrevista com elementos da administração ou pessoa familiarizada com o movimento de uma das nossas instituições culturais, cuja programação inclua atividades para maior esclarecimento do público, tais como: conferências, exposições, projeções etc. Melhor ainda será se essa instituição mantiver instituições anexas (*): biblioteca e pequeno museu, por exemplo, com a mesma finalidade.

Proposto pela criança ou sugerido pelo professor (falando de uma iniciativa no gênero, sem necessidade de propô-lo) surge o clube.

O professor leva então as crianças a sentirem a necessidade de estudarem as finalidades do clube e fazer um planejamento cuidadoso para obterem êxito no empreendimento.

Reunidas em assembléia, as crianças elegerão um presidente e um secretário provisórios (**).

Nas discussões que se seguem ficam assentados:

— os objetivos — por exemplo, de conhecer e fazer conhecidos os aspectos, as cousas e a gente do Brasil, pelo amor que dedicam à Pátria e pelo desejo de ser, cada vez mais, bons brasileiros.

— a diretriz a seguir nesses estudos e as atividades a empreender — as crianças concluem que precisam de um guia cultural: o professor, e também de certa base de conhecimentos e mesmo de sistematização desses conhecimentos, o que importa em limitar, por algum tempo, as atividades complementares, escolhendo antes as que mais facilmente atendam à finalidade de aquisição e sistematização de conhecimentos.

— os estatutos — os direitos e deveres dos associados, levando a uma atitude de compreensão quanto a benefícios e obrigações, criando clima para comentários esclarecedores sobre serviços recebidos e contribuição pessoal; oportunidade também para discussões sobre o sistema usual de elaboração de leis e regulamentos.

(*) Se as crianças desejarem e o professor julgar conveniente o clube poderia organizar, em moldes simples, uma pequena cooperativa (ver Cooperativa Escolar, no 5.º ano).

(**) Exemplo de eleição em "Uma experiência de Eleição Democrática", pág. 316.

Organização geral

Dessas discussões e estudos surge a organização geral do trabalho:

— sistematização dos assuntos já estudados e planejamento dos assuntos e estudos a empreender

— *maneiras de divulgar* as cousas, os aspectos e a gente do Brasil: jornal mural, folhetos, cartazes etc.

As crianças irão pouco a pouco sentindo não só a necessidade de divisão do trabalho, mas também de criar os diferentes cargos da instituição, determinando ainda as funções dos seus respectivos ocupantes e comissão para se encarregarem de determinados trabalhos (Divulgação, estudo de determinado assunto etc.).

(Ver Clubes e Organizações, em geral, 3.º ano, pág. 202).

As reuniões de trabalho

Mais um ano de escolaridade, e portanto maior desenvolvimento das crianças nas técnicas do trabalho em grupo, vem tornar agora oportunos outros tipos de reuniões, sempre sob a orientação dos professores.

Dêse modo, têm lugar:

- a) reuniões preliminares, em que a turma discute sob a orientação exclusiva do professor
- b) reuniões dos membros da diretoria
- c) reuniões da diretoria com outras turmas interessadas de 4.º ano (sócios fundadores)
- d) reuniões particulares das comissões de trabalho
- e) reuniões de uma ou mais comissões com a diretoria do clube
- f) reuniões gerais (contando com a presença dos demais sócios, isto é, alunos dos outros anos que desejem colaborar).

As promoções do clube

De seus estudos (*), além dos deveres e direitos dos sócios, da organização da diretoria, constará certamente um artigo referente às promoções do clube (filmes-documentários, cam-

(*) Exemplo de estatuto, embora mais singelo, no 2.º ano, pág. 112 (Correio Escolar).

panhas, excursões, exposições, números folclóricos, dramatizações, palestras, debates, campeonatos esportivos, organização de instituições anexas etc.). Dessa maneira, preservadas as características culturais, recreativas e interesses da idade, é assegurado ao professor um largo campo à observação de seus alunos, do que resultam maiores possibilidades educativas.

INSTITUIÇÕES ANEXAS

Departamento recreativo

(incluindo atividades esportivas (*) e artísticas)

No "Clube dos Brasileirinhos" o prazer do esporte e a saúde física não ficam absolutamente omitidos: as crianças se preparam para ser membros sadios de uma sociedade. Às atividades intelectuais e artísticas juntam-se, assim, as esportivas, possibilitando às crianças um aprimoramento

físico — desenvolvimento maior e mais harmonioso; controle motor mais apurado etc.;

mental — satisfação; auto-afirmação através do sucesso; equilíbrio emocional;

social e moral — respeito às regras de jôgo; lealdade ao grupo; elegância no ganhar e no perder etc.

Se na escola há professor especializado em Educação Física, a êle cabe a orientação do Departamento Esportivo do Clube. Caso contrário, o professor deve conseguir as informações necessárias.

Meninas e meninos, por exemplo, formarão vez por outra grupos a parte e os jogos serão escolhidos atendendo-se às necessidades diferentes de desenvolvimento nos dois sexos. Isto deve ser convenientemente explicado às crianças, assim como a importância dos exercícios e o perigo dos excessos em sua prática.

Informar as crianças a respeito de suas necessidades de desenvolvimento físico, em relação às funções de seu sexo é assunto que lhes dará maiores possibilidades de saúde, mas que somente sob orientação competente poderá ser focalizado.

(*) Dez anos são a idade de iniciação ao esporte.

O departamento promoverá também excursões, danças folclóricas, ginástica rítmica etc., atividades essas que, suscitando interesse por suas origens e histórico, importam igualmente em oportunidades culturais.

A biblioteca do clube

As crianças vêm se familiarizando com os livros e aprendendo a amá-los desde o primeiro ano. Agora suas atividades de pesquisa levam-nas a visitar ainda com maior frequência e entusiasmo a biblioteca da escola e mesmo outras de sua cidade. É pois muito provável que surja entre as crianças o desejo de adquirir alguns dos livros mais representativos dos assuntos que estudam, desenvolvendo-se, assim, uma pequena biblioteca infantil especializada nas cousas brasileiras, para uso da comunidade escolar. Nessa biblioteca devem figurar não só atlas, enciclopédias, livros de texto etc., existentes no comércio mas também trabalhos de crianças: pequenos dicionários ilustrados, fichários, álbuns de cartas recebidas através do intercâmbio escolar, álbuns de recortes de jornais ou revistas, de biografias feitas pelas crianças, uma coletânea de mapas, livrinhos de anotações relativas a excursões, mesmo imaginárias, folhetos de turismo etc.

Os pequenos bibliotecários registram e catalogam os livros de acordo com o conteúdo, distribuindo-os por assunto: Brasil em geral, as várias regiões etc.

O Instituto Nacional do Livro (Biblioteca Nacional, Rio), solicitado, poderá ajudar as crianças enviando publicações, devendo a Biblioteca ser aí registrada previamente.

O museu — setor do clube

As necessidades de estudo e o desejo de divulgação, ao fim de algum tempo, promoverão, possivelmente, a organização de um "Pequeno Museu de Gente, Cousas e Aspectos do Brasil" ou de uma coleção de material relativo ao Brasil.

A documentação conseguida através das pesquisas pessoais e dos pedidos de esclarecimento e de material a pessoas ou órgãos especializados (Ministério da Agricultura, Instituto Brasileiro do Café etc.), tudo isso irá exigindo, pouco a pouco, seleção e organização em álbuns, cartazes, murais, coleções, exposições etc. E a idéia de uma coleção constantemente renovada então se impõe.

Enquanto vão proporcionando aos colegas de outras turmas notícias, palestras, visitas guiadas, as crianças têm

oportunidades de recapitular e sistematizar os estudos já realizados, o que importa em fonte de incentivo para os estudos vindouros.

Dar-lhe-á grande prazer dispor de material que possam emprestar às turmas: a atividade desenvolverá a cooperação, a satisfação de ajudar.

As representações gráficas e o clube, em seu setor de "museu" ou de material — a valorização do mapa

As crianças no 4.º ano iniciaram contactos com o *distante*, no tempo e no espaço. Não se trata agora de uma simples comunidade, mas do Brasil, em seu aspecto global; não apenas de momentos próximos, mas, também, de tempos seculares.

A análise dos fatos que estudam exige das crianças uma capacidade de reflexão e de crítica que só paulatinamente vão adquirindo, e que é preciso orientar. Por outro lado serão levadas a pensar em termos de grandes números, onde a objetivação não cabe, e apenas as comparações e reduções têm êxito.

Seja num ou noutro caso, as representações gráficas facilitam a compreensão dos acontecimentos importantes da vida brasileira. Os mapas, as linhas de tempo e outros tipos de gráficos retratam a divisão política, as regiões naturais com suas diferentes características, a sucessão dos fatos históricos, a distribuição das produções, o movimento demográfico, de importação e exportação etc.

E o clube, pela sua característica informativa ainda mais os torna necessários.

Os mapas têm as mais adequadas oportunidades de utilização nas atividades do clube e em outras complementares.

As crianças compreendem, e transmitem ao público escolar, muitos dos fatos históricos e geográficos através do mapa, o que contribui para o reconhecerem como o auxiliar por excelência nesses tipos de estudo.

Aliás, usando apenas mapas é possível, às vêzes, reproduzir um acontecimento em toda sua complexidade. A superposição de mapas em material transparente pode mostrar, por exemplo, a seqüência do processamento da ocupação em nosso país, ou na região, nos seus aspectos diversos, a relação entre clima e vegetação etc.

Folheando os álbuns por ela preparados, a criança tem, diante de si, e todas as vêzes que o quiser, um meio de

recapitulação adequado e que atende bem às suas necessidades.

Dêste modo devem ser usados *muitos* mapas, cada um contendo um *mínimo de indicações e indicações relacionadas* de acôrdo com o estudo que estiver sendo feito. São, pois, a *sucessão* e o *confronto* de mapas que levam as crianças, nesta fase, a melhor sentir a realidade que lhes é apresentada. Como o decalque é técnica demorada, será bom haver modelos em cartolina ou celulóide (aproveitando radiografias descoradas, por exemplo), que as crianças contornam.

Para o desenho de mapas no quadro-negro, basta passar o apagador sujo de giz por sobre os pequenos furos feitos, cobrindo as linhas de um modelo em cartolina. Retirado êste, é só ligar os pontos que ficaram e obtém-se uma reprodução precisa.

Programas inaugurais

O clube e, posteriormente, os setores e instituições anexas, serão convenientemente inaugurados. Visando a preservar o caráter peculiar de cada um desses trabalhos, as comemorações deverão ser adequadas e devidamente planejadas em classe.

Para a inauguração do "museu" ou setor de material, e da biblioteca, por exemplo, sugerimos uma sessão de cinema (ver "A organização de um cinema de classe", no 3.º ano, pág. 212) ou uma exposição (ver "Uma exposição", pág. 197).

As crianças já estarão em fase adiantada de estudos, o que torna oportuna uma recapitulação.

A organização de filmes pela criança facilitará essa recapitulação, além de pôr em relêvo o caráter ativo que se deseja tenha o museu.

Os aspectos regionais do Brasil, a vida em uma bandeira, ou a de um escravo são assuntos cujo desenvolvimento constituirá bom enredo de filmes (*).

Algumas atividades decorrentes dos trabalhos do Clube dos Brasileirinhos, nas suas várias promoções:

a) *Colecionamento de material e sua organização em quadros, mostruários, álbuns ou fichários de*

(*) Aliás, são êsses bons motivos para dramatização e teatro de sombra.

— produtos introduzidos pelos indígenas na alimentação e na indústria: milho, mandioca, aipim, guaraná, borracha, palmeiras etc.;

— produtos nacionais;

— produtos peculiares a certos locais brasileiros;

— terras e fotografias de lugares históricos, obtidas através de intercâmbio escolar, por exemplo;

— exemplares da arte popular: instrumentos musicais regionais, rendas do Norte, cerâmicas etc.;

— aspectos da vida indígena: objetos de cerâmica, adornos, algumas vezes feitos pelas crianças utilizando o mais possível o material usado pelos indígenas e reproduzindo o desenho nas cores reais o mais possível;

— aspectos da vida dos primeiros colonos;

— fotografias aéreas e cartões-postais que mostrem vários tipos de ilha, de costas, de baías etc., reunidos de modo a facilitar a generalização de conceitos;

— fotografias de locais históricos e gravuras, de monumentos e seus detalhes;

— recortes de jornais e revistas, desenhos reproduzindo danças populares, objetos, costumes e cenas típicas regionais;

— canções, poesias e descrições de festas e de danças típicas regionais.

b) Planejamento e realização de

— campanhas;

— festas folclóricas e cívicas (setor de danças, coral do clube etc.);

— torneios esportivos;

— intercâmbio epistolar;

— pesquisas;

— viagens imaginárias;

— excursões ou visitas a museus, a órgãos estaduais, federais, a companhias particulares especializadas. Exemplos:

Instituto do Mate; estações ferroviárias; Instituto Oswaldo Cruz; agências de turismo; casas de representação dos diversos estados; Palácio do Governo da cidade, do Estado ou do País; Jardim Botânico, Jardim Zoológico; lugares altos para uma visão geral da localidade; locais e monumentos históricos etc.

— entrevistas com autoridades escolares, com funcionários de museu, com personalidades das casas de representação dos Estados, com pessoas que viveram em regiões dife-

rentes da região da criança, que viajaram muito pelo Brasil (aviadores, por exemplo), com pessoas que viveram entre os indígenas (funcionários do Serviço de Proteção aos Índios), com pessoas idosas;

— palestras realizadas pelos alunos (uso de cartazes, mapas, flanelógrafo) e por pessoas convidadas.

c) Realização de:

— rotas de viagens usando fios e tachinhas coloridas sobre mapas em cartão, cortiça, madeira fina etc.;

— quadros-murais mostrando os instrumentos de trabalho dos colonos dos primeiros tempos e os dos fazendeiros de hoje; também sobre a vida em família: ocupações, diversões etc.;

— dioramas de locais antigos, de cenas históricas;

— gráficos em barras, colunas ou linhas apresentando o desenvolvimento de produções, da população etc.;

— linhas de tempo assinalando, por exemplo, a fundação de cidades brasileiras importantes ou outros acontecimentos históricos de interesse: experiências de governo no Brasil; evolução dos meios de transporte;

— cartazes de propaganda;

— barras;

— mapas geográficos diversos;

— mapas focalizando lugares históricos, fatos ou pontos importantes, ligados por fios coloridos a desenhos, miniaturas, objetos típicos, espécimes regionais e dioramas etc.

(ver "Exposição" pág. 197).

d) Organização de:

— pequenos livros de histórias ilustradas a respeito da vida dos indígenas, das epopéias dos navegantes e dos bandeirantes, da construção de Brasília, da vida atual, de aspectos característicos da vida nas diversas regiões etc.;

— pequenos dicionários ilustrados de palavras de origem indígena e africana incorporadas ao idioma nacional; de topônimos; de termos geográficos etc.;

— pequena "enciclopédia" ou fichário: Símbolos da Pátria, personagens e lugares históricos, veículos antigos etc.;

— álbuns de músicas, de canções patrióticas e folclóricas, de lendas, de mapas etc.;

— livros com as dramatizações, os jogos dramáticos realizados etc.;

— "filmes" — documentários (*)

— jogos tipo "puzzle", loto, dominó, caminho do céu, radar etc. utilizando os assuntos estudados;

— outros materiais: cartazes, linhas de tempo, mapas para completar pela técnica da aderência (flanelógrafo);

— pequeno fichário: enderêços e informações (**) importantes, siglas, abreviaturas e sinais usados em geografia etc.

e) Manifestações artísticas:

— dramatizações, peças, jogos dramáticos, quadros vivos ilustrando fatos históricos: primeiros contatos de brancos e indígenas, catequese, fundação de cidades, partida de bandeiras, atividades indígenas e dos negros escravos etc.;

— leitura coral de poemas;

— recitação e criação de poesias;

— execução de bonecos em trajes das diferentes regiões;

— apresentação de danças, brincadeiras, lendas, pregões populares, cantos e poesias de origem indígena, africana, portuguesa;

— painéis com motivos folclóricos, elementos típicos das regiões, espécimes característicos da fauna e da flora brasileiras etc.;

— objetos indígenas: máscaras, tigelas de barro, adôrnos em penas e contas, cestos em palha etc.;

— miniaturas ou pinturas mostrando tipos de casas encontrados no Brasil, moedas, veículos etc.

Queremos lembrar que tanto as manifestações artísticas quanto os álbuns, livros, "filmes" etc. poderão ser aproveitados no sentido de maior intercâmbio entre as turmas, o que levará não só à divulgação dos conhecimentos adquiridos, como ao desenvolvimento de atitudes sociais adequadas.

Dêsse modo, toda a documentação poderá ser emprestada a outros grupos e as crianças poderão fazer palestras sobre o que fôr de maior interesse para as demais turmas.

(*) Estudado um fato ou uma época, as crianças poderão organizar um "filme-documentário" utilizando desenhos ou gravuras a que juntem frases elucidativas (ver "Organização de um cinema de classe", 3.º ano, pág. 212).

(**) Após uma excursão a um museu, por exemplo, será interessante organizar uma ficha contendo enderêço, condução a tomar, horário das visitas, o que há para ver e a quem procurar.

PRÁTICA DA DEMOCRACIA

O clube, levando a conhecer a gente, a terra, o passado, o cançãoeiro, as danças, o atual modo de vida democrático, o *Brasil* enfim, certamente irá inspirando às crianças maior sentimento de *identificação* e forte desejo de *servir*, de contribuir para proporcionar à Pátria, o *melhor*.

O professor, fazendo-as compreender que êsses conhecimentos as tornam aptas a uma cidadania efetiva, terá oportunidade também de se reportar a atividades anteriores realizadas nesse sentido. As crianças compreenderão, assim, que já vinham participando da *vida democrática* desde quando

procuravam servir (*)
escolhiam os chefes de grupo democraticamente
elegiam com objetividade
trabalhavam bem em grupo
procuravam informar-se devidamente antes de emitir opinião
acatavam a opinião dos mais experientes no assunto, ou da maioria em caso de eleição.
discutiam com objetividade
demonstravam interesse por adquirir e divulgar conhecimentos, técnicas e atitudes positivas
participavam de maneira sadia da vida da comunidade interessavam-se por ações em prol do bem comum, dando assim finalidade social às atividades que empreendiam
valorizavam a atuação de todos para o presente e o futuro da Pátria,

(*) O professor poderá reportar-se igualmente à maneira peculiar de servir através do pagamento de impostos, de que as crianças já no 2.º ano participavam, inclusive realizando pequenas tarefas a que se impunham como ato de colaboração e reciprocidade (ver 2.º ano, pág. 82, e 3.º ano, pág. 135).

o que importa em assimilação dos princípios básicos da democracia.

Tais procedimentos constituem-se em autênticas vivências democráticas que se vêm incorporando aos hábitos de vida das crianças, tanto fora da escola, como dentro dela — o que tem real significação para o futuro exercício da democracia, isto é, para uma efetiva cidadania.

Através dêsse trabalho de análise as crianças chegarão ainda ao reconhecimento das

Características do regime democrático

- interesses voltados para o bem-comum (os problemas de que se ocupam visam ao bem-comum);
- cooperação de todos; participação em empreendimentos comuns;
- respeito pelo indivíduo (direito de defesa, de propriedade etc.);
- liberdade do indivíduo, implicando em deveres e direitos;
- govêrno como representação do grupo por êle eleito e sujeito ao cumprimento de obrigações, usufruindo igualmente de direitos.

Além dessas características essenciais, poderá o professor dar maior amplitude ao conceito de democracia, lembrando ainda:

- a liberdade de opinião (de que sempre se beneficiaram os alunos, em turma), locomoção, imprensa
- a ausência de preconceitos (o que ressalta do trabalho feito relativamente à formação do povo brasileiro e aos processos de ocupação, no que se refere aos preconceitos de raça, crença, opinião política etc.)
- a igualdade de todos perante a lei (independente de raça, crença, opinião política etc.)
- possibilidade de ascensão social e iguais oportunidades para todos (as situações de estudo, de trabalho, da recreação etc., criadas pelas vivências democráticas em classe, têm sido as mesmas para todos os alunos e têm visado sempre a uma progressiva ascensão na escala social)
- possibilidades de bem-estar e felicidade pessoal, sem prejuízo dos demais (a todos os alunos têm sido dadas possibilidades nesse sentido, através da formação de hábitos e atitudes sociais convenientes e de aspirações coerentes com os ideais democráticos)

— dever cívico de colaborar com o governo (a que se vem dando maior ênfase a partir do 3.º ano).

UMA EXPERIÊNCIA DE ELEIÇÃO DEMOCRÁTICA

Em 1955, na Escola Guatemala, durante a cerimônia da entrega da Bandeira à nova guarda-de-honra, mostrou-se às crianças a importância do Centro de Civismo e Intercâmbio Escolar, e o valor do trabalho realizado naquele ano pelo grupo da diretoria — alunos de quinto ano que se despediam da escola.

Deu-se assim, desde logo, maior importância à futura escolha dos novos membros para garantir a preservação do espírito que até então vigorara.

No início de 1956 planejou-se reproduzir uma eleição democrática em seus mínimos detalhes, ressaltando a *responsabilidade* que o direito de voto acarretaria.

Numa das primeiras reuniões (*) de 3.º, 4.º e 5.º anos, discutiu-se a importância da eleição dos membros da diretoria do Centro de Civismo e Intercâmbio Escolar, ficando bem clara a necessidade de um preparo geral das crianças.

Nas salas de aula começaram elas por estudar os estatutos do Centro de Civismo, que deliberaram cumprir fielmente por lhes reconhecer força de lei.

Especificaram depois os cargos e as respectivas funções, passando ainda ao delineamento das qualidades que as mesmas exigem dos que as devem desempenhar.

As crianças que o desejaram tiveram então liberdade de se apresentar para o cargo que julgassem adequado à sua personalidade. Enquanto examinavam suas credenciais, as crianças estudaram assuntos relacionados a eleições em geral e empreenderam uma campanha de esclarecimento muito interessante (**) sobre eleição e democracia.

Estudadas e aceitas ou rejeitadas em cada turma as respectivas pretensões, nova assembleia teve lugar para o lançamento oficial das candidaturas.

Começou então o período da campanha eleitoral, através de cartazes trazidos de casa e espalhados pela escola, e dos

(*) As crianças tinham semanalmente uma hora de programação de auditório. Costumavam preenchê-la levando ao palco números artísticos relacionados aos projetos de classe, vez por outra, discutindo assuntos de interesse geral.

(**) Algumas crianças de 4.º ano dramatizaram "A Eleição da Cotia" de Arlete Pinto de Oliveira e Silva.

discursos e debates de auditório, com preocupação de grande honestidade na apresentação dos candidatos.

Enquanto a campanha se processava constituiu-se uma comissão de crianças de 3.º, 4.º e 5.º anos, contribuindo cada turma com um número mais ou menos igual de membros. Essa comissão, formada por alunos que precisavam adquirir confiança própria, encarregou-se da organização das eleições propriamente ditas. O grupo passou a trabalhar, então, diariamente, durante um certo período, sob a supervisão direta da orientadora da atividade. Logo de início a comissão formulou as Instruções Gerais que regulamentavam as eleições onde se lia, por exemplo, que os alunos de 1.º ano não poderiam votar, por serem analfabetos ("não sabem ler, nem podem escolher bem", observação de uma das crianças), passando ao preparo dos títulos eleitorais, da lista de votantes, da cédula única, das cabinas etc.

A professora orientadora, de comum acordo com as demais professoras de classe, escolheu, nesse ano, os presidentes das mesas eleitorais entre as crianças de maior experiência, conforme explicou em assembleia. Isso deu motivo a que tais cargos fossem ocupados por crianças de quinto ano e, excepcionalmente, de 4.º. Os demais membros, entretanto, escolhidos pelos presidentes da mesa eleitoral foram alunos de 3.º e 4.º anos. Os mesários se reuniram muitas vezes, a fim de se esclarecerem a respeito de suas funções, sobre os casos de prioridade (*) a atender etc., o que veio garantir uma eleição dentro da máxima ordem e seriedade.

Computados os votos pelo "Tribunal Regional" auxiliado por crianças por êle convocadas, chegou a hora do encerramento dos trabalhos com a posse dos novos membros da diretoria do C.C.I.E. A professora orientadora lembrou mais uma vez, de maneira simples e objetiva, a responsabilidade que todas as crianças haviam assumido desde o momento em que se apresentaram para trabalhar pela coletividade. Chamados todos os candidatos ao palco e elogiados pelo espírito público demonstrado, passaram os candidatos não eleitos a empossar os eleitos, numa cena tocante e de elevado alcance social.

Esse trabalho, que vem sendo realizado todos os anos, exigiu ação democrática em todas as suas fases, e deu ocasião a estudos de grande utilidade a membros de uma Democracia, reunindo ainda toda a Escola num mesmo interesse, ao mesmo tempo que incentivou os trabalhos de classe. Os grupos de

(*) Professoras de 1.º ano ou especializadas, a fim de que não houvesse prejuízo para as turmas que orientavam.

primeiro ano, por exemplo, apesar de impedidos de votar, participaram de algumas atividades mais simples e receberam das professoras esclarecimentos a respeito do movimento diferente daquela época.

Uma atividade desse gênero oferecerá às crianças de 4.º ano as mais diversas e valiosas.

Oportunidades de aprendizagem

1) Durante as discussões iniciais

- mostrando o alcance social e patriótico do Centro de Civismo e Intercâmbio Escolar ou do Clube dos Brasileirinhos e de outras instituições da escola e da comunidade e
- a importância de uma escolha nos moldes democráticos — as eleições na escola, no estado e no país.

Além disso:

O voto como um privilégio democrático. A Democracia e sua significação. A autonomia e o sentimento real de liberdade. As responsabilidades que a liberdade acarreta. Deveres e direitos dos cidadãos. A Constituição como lei magna do país. O dever de buscar esclarecimentos. O estudo dos programas e plataformas dos candidatos; o jornal e os meios como fontes de esclarecimento do público para as eleições e outros atos da vida civil (campanhas). Visão da organização do governo do estado e do país. Delineamento das características das formas de governo por que passou o Brasil. Rui Barbosa como figura democrática do passado. A organização das eleições para os cargos do governo.

2) No preparo e realização das eleições na escola

a) As candidaturas

Reconhecimento das qualidades exigidas para os ocupantes dos cargos do C.C.I.E. O espírito público. A noção de responsabilidade na escolha e no trabalho, a liderança, aptidão e capacidade de trabalho, a objetividade na escolha. Concursos de leitura, de redação e outros, como preparação para a propaganda.

b) As campanhas de candidatura

Importância de agir com sinceridade, objetividade e cavalheirismo. Divulgação apropriada: necessidade de observar horários e o bem-estar geral. A divulgação na escola. Uso de vocabulário cívico-democrático nas redações, palestras, decla-

rações, esclarecimentos, dramatizações etc. As ajudas áudio-visuais e suas técnicas de feitura e utilização: cartazes, jornal, "televisão". Apreciação da parte ideativa e artística da propaganda eleitoral e de sua adequação à finalidade em vista.

c) As comissões de trabalho —

- preparo e realização da eleição —
- alistamento de eleitores
- mesários
- apuração de votos

O trabalho das eleições no país como atribuição da Justiça, isto é, do 3.º poder. Conhecimento básico dos trabalhos de alistamento de eleitores para as eleições governamentais. O comprovante de identidade exigido para o alistamento eleitoral: a Carteira de Identidade. Outros documentos: Certidões de Nascimento, Casamento ou de Ordem etc. Mínimo de instrução e idade exigido aos eleitores. A importância de se ter os documentos pessoais sempre em ordem.

A eleição na escola (as prioridades, os comprovantes de identidade exigidos, determinação dos atributos necessários aos eleitores etc.). Redação de requerimento a ser preenchido pelos solicitantes para obter o título eleitoral. Organização das listas de eleitores. Distribuição e localização das mesas eleitorais (*). A feitura dos títulos eleitorais. A convocação dos mesários pelas qualidades que os tornam dignos de confiança.

A escolha criteriosa dos mesários no país e na escola. As várias funções da mesa e como exercê-las na escola. Estudos e discussões prévias das atitudes a tomar de modo a garantir uniformidade de ação durante o pleito. Atas.

Encaminhamento dos votos.

Responsabilidade na convocação de apuradores e na contagem de votos. Ordem nas tabulações. Relatórios. Atas.

3) Após o conhecimento dos resultados

Atitude adequada de parte dos eleitores, dos eleitos e dos não eleitos: respeito à vontade da maioria.

Apreciação continuada e objetiva do desempenho, por parte dos eleitos, dos deveres que lhes cabem — para melhor orientação em caso de novas eleições.

(*) Grupos de alunos prepararam também as cabinas indevassáveis.

BRASÍLIA, CAPITAL DO PROGRESSO

— exemplificação de trabalho apropriado aos membros do “Clube dos Brasileirinhos”.

A experiência a seguir, com respeito a Brasília, realizada em 1960, quando da inauguração da nova capital brasileira, poderia perfeitamente constituir um trabalho de estudo promovido pelo “Clube dos Brasileirinhos”.

Acontecimentos como a comemoração do 4.º Centenário da Cidade do Rio de Janeiro, em 1965, trarão, igualmente, aos Clubes de Brasileirinhos, ricas oportunidades de estudo.

Realmente, tanto os assuntos de grande importância social como os de menor relevância local não podem passar despercebidos a esses clubes, ainda mais quando tais assuntos tocam de perto o sentimento de brasilidade das crianças, sentimento esse em plena fase de formação.

O caráter dinâmico de que se revestiu a construção da Nova Capital emocionou de tal forma uma turma de 5.ª série (*) que as crianças resolveram realizar um trabalho de pesquisa e de documentação sob o título: “Brasília, capital do progresso”.

Esse trabalho as fez viver de maneira consciente o momento histórico que presenciavam.

Conversas, debates, leituras, campanhas, noções aritméticas, conhecimentos históricos e geográficos sucederam-se. Cinco álbuns de grande valor documentário, seja do ponto-de-vista do trabalho de construção da Nova Capital, seja do próprio estudo realizado pelas crianças, foram então organizados.

Esses cinco álbuns, reunidos, documentam:

— o histórico de Brasília;

— o histórico do projeto de estudo das crianças — relatos, redações diversas, questionários, desenhos, gráficos, mapas, representações gráficas de experiências e de observações afetas às Ciências Físicas e Naturais (experiência de Plateau, por exemplo). Um balanço do que fôra aprendido dá o fecho conveniente a esse álbum e ao trabalho em geral (avaliação);

— a cidade em construção — vistas de Brasília;

(*) Alunos da professora Nilda da Silva Oliveira, da Escola Guatemala. Trabalho realizado de 21 de março a 28 de maio de 1960.

— as propagandas a respeito de Brasília executadas por firmas divulgadoras — As crianças viram assim o valor que se dá à propaganda no mundo moderno, e apreciaram a arte da divulgação;

— os “Prós e Contras”, recortes que os jornais e revistas publicaram a favor e contra a mudança da capital.

Dêsse modo, e em consequência do incentivo dado ao interesse natural das crianças, estas tiveram uma aprendizagem realmente produtiva. Grandes oportunidades foram oferecidas pelo projeto, em tôdas as disciplinas.

O projeto ofereceu ainda oportunidades de realizações práticas:

- Painéis sobre Brasília
- Desenho do Plano-Pilôto
- Planificação e pintura da Catedral de Brasília
- Pintura de cartazes para uma dramatização
- Dramatização no auditório (mímica)
- Dramatização apresentada em reunião do Centro de Civismo e Intercâmbio escolar
- Construção, em cartolina, da Catedral de Brasília
- Recorte de letras
- Confecção de marcadores para livros, tendo por motivo linhas arquitetônicas de Brasília

Através de pesquisas e excursões as crianças se beneficiaram dos seguintes recursos áudio-visuais:

- Livros, jornais, revistas, atlas
- Exposição sobre Brasília no centro da cidade
- Exposição de móveis destinados aos funcionários públicos em Brasília — no Ministério da Educação
- Filme sobre Brasília — no Ministério da Educação e Cultura
- Filme sobre a construção de Brasília — no auditório da escola

AValiação

(ver "Avaliação" no 1.º ano — pág. 71; no 2.º ano — pág. 124 e no 3.º ano — pág. 217)

Os recursos de aprendizagem que aconselhamos vêm proporcionar ao professor valioso campo de observação das reações dos alunos face aos estudos. E a apreciação constante dos resultados obtidos levará o professor ao diagnóstico das falhas, a uma compreensão dia a dia maior do raciocínio e da lógica infantil e, conseqüentemente, a um aprimoramento contínuo do próprio trabalho.

A avaliação no 4.º ano de Estudos Sociais segue as diretrizes indicadas para o 1.º, 2.º e 3.º anos.

Dessa maneira, para que se avaliem o trabalho e o desenvolvimento dos alunos nos vários setores da educação, o professor poderá fazer uso de

— fichas ou cadernos em que, ao lado do planejamento do trabalho, o professor anote os resultados obtidos (contrôle do próprio trabalho), fichas ou caderno de contrôle de atitudes e hábitos indesejáveis dos alunos, bem como da aquisição de técnicas, habilidades e conhecimentos (baseando-se nos contactos diários, nos exercícios, nas entrevistas com os familiares etc.)

— quadros murais para contrôle das responsabilidades da turma (contrôle pelo professor e aluno)

— cadernetas de contrôle do progresso pessoal preenchidas pelas próprias crianças etc.

— gráficos (em colunas, por exemplo) dos resultados de cada criança, organizado por ela própria.

SUGESTÕES DE EXERCÍCIOS QUE SERVEM TAMBÉM PARA AVALIAÇÃO

a) Com respeito a hábitos e atitudes sociais

Organizar listas

— das vantagens práticas do trabalho em colaboração
— de qualidades que agradam ou desagradam nas pessoas, explicando as razões da discriminação feita (computando as opiniões as próprias crianças verificariam as qualidades que devem ser cultivadas, e as que devem ser reprimidas)

— de seus deveres como crianças

— de seus direitos (*)

— dos direitos e deveres dos brasileiros

e, visando especialmente a um melhor conhecimento do aluno pela professora, listas

— dos colegas que a criança escolheria para trabalhar em equipe (sociograma **)

— dos colegas com os quais a criança prefere brincar (sociograma **)

— dos colegas que prefere ter a seu lado, em classe (sociograma **)

Organizar listas, ainda:

— das atividades em que ela, a criança, colabora com outras pessoas, em casa e na escola

— das atividades esportivas que mais lhe agradam (o professor poderá observar o maior ou menor número de atividades grupais ou individuais escolhidas)

(*) Trabalhos estes muito oportunos na Semana da Criança.

(**) Os alunos responderão por ordem de preferência. O professor deverá explicar-lhes desde logo que suas escolhas só serão por ele conhecidas, e que seu objetivo é satisfazê-los ao máximo, mas que não será possível atender a todos.

Quadros bastante elucidativos do ambiente social do grupo serão obtidos, representando-se as crianças por números e fazendo corresponder a cada menino um quadrado e a cada menina um círculo, e utilizando setas de diferentes cores para a 1.ª, 2.ª e 3.ª preferências.

Comparando esse resultado às observações que já tenha feito sobre cada criança tornar-se-ão evidentes ao professor certas características psicológicas de seus alunos como, por exemplo, as do tímido que admira o turbulento, as do líder que escolheu o tímido a quem protege, e ainda tomará conhecimento, o professor, dos líderes bem aceitos por muitos colegas e das crianças que não são escolhidas (avaliar as causas para melhor atendê-las).

- das atividades recreativas que empreende sozinho, e das atividades que empreende com os colegas
- dos livros, filmes e programas de televisão que aprecia
- dos personagens de livros ou de filmes de maior agrado
- das obras que mais gostaria de ler, selecionando-as pelos títulos.

Utilizando pequenas histórias ou sentenças que apresentem situações da vida comum, pedir à criança que

— explique a lição contida, podendo mesmo reconhecer se é um exemplo característico de cooperação, de civismo, de responsabilidade etc.

— explique porque certas atitudes são democráticas: a de entrar em fila, por exemplo

— selecione as atitudes mais representativas de acordo com a instrução dada "em qual desses fatos houve maior espírito de colaboração?"; faça o elogio de uma atitude contida na história

— explique se agiria exatamente como certa personagem da história ou, em caso contrário, justifique o motivo de sua conduta

— dê solução a pequenos problemas de conduta: Você vai ao cinema e encontra uma fila enorme na bilheteria. Que faz você? Você encontra um anel de ouro no ônibus. Que faz você? Por quê?

— escreva e cole casos sucedidos com ela, observados ou lidos e que contenham lições de valor

— assinale a ordem em que cumprimentaria as pessoas ao chegar à sua casa, em visita.

Serão úteis à professora livros infantis formativos como "Brasileirinho" e "Companheiros" de Ofélia e Narbal Fontes; "Ninita e Suas Amiguinhas" de Célia Rabelo; "Cazuza" de Viriato Corrêa e muitos outros.

b) Com respeito a informações, conhecimentos, noções e habilidades.

Executando mapas e utilizando-os

— completá-los: acrescentar acidentes importantes, pôr nomes nos estados e nas cidades assinaladas; marcar locais

onde se deram certos fatos históricos, ou que são conhecidos por sua importância geográfica;

— compor unidades geográficas maiores: estados formando o Brasil ou uma região natural;

— ligar aos locais correspondentes, gravuras representando relíquias e fatos históricos, personagens importantes, aspectos naturais, recursos econômicos etc.;

— interpretá-los; reconhecer os estados; reconhecer que estados se limitam com outro determinado etc; os lugares em que chove mais ou em que chove menos, em que se desenvolveram a criação de gado, o cultivo de cana de açúcar e de outros produtos; descobrir em que posição fica um determinado lugar em relação a outro também indicado; mostrar ou descrever, observando o mapa, o curso de um rio importante ou o caminho percorrido por um bandeirante;

— marcar percursos feitos por bandeirantes e pelos descobridores e colonizadores; itinerários de viagens reais (feitas pela criança ou pessoa de seu conhecimento) ou projetos de viagens.

Utilizando figuras

— reconhecer paisagens e locais característicos do Brasil: o teatro Amazonas; praias nordestinas; a cachoeira de Paulo Afonso; o elevador Lacerda; o Pão de Açúcar; o Corcovado; o Viaduto do Chá; as cachoeiras de Santa Maria ou do Iguacú; a ponte-móvel de Porto Alegre; o Palácio da Alvorada; a igreja da Pampulha; vistas de Ouro Preto; os Profetas de Congonhas do Campo etc.

— descrever e interpretar símbolos nacionais;

— reconhecer os vultos e os momentos históricos, êstes últimos pela observação de quadros célebres;

— reconhecer os produtos vegetais do Brasil de maior importância do ponto-de-vista econômico;

— reconhecer os animais característicos de nossa fauna

Com mapas ou figuras, ou com ambos, compor, com as crianças, jogos de tipo loto, puzzle, quartetos (*) (estados e

(*) Baralho em que as cartas contêm ilustrações que, embora se prendendo a um assunto geral, formam vários grupos de quatro cartas relativas a um item desse assunto geral. Exemplo: (assunto-geral —

aspectos típicos das regiões), dominó, "jôgo da vitória" "cêrebro eletrônico" ou "radar" (*) e outros.

Organizar listas

- dos transportes e comunicações existentes entre dois locais;
- dos produtos que o país não produz e consome;
- dos produtos que o país exporta;
- de produtos que estiveram em falta
- das vantagens que advêm para a localidade dos transportes e das estradas existentes;
- do que se aprende em atlas, em enciclopédias, e dicionários etc.
- de recursos de que os primeiros colonos dispunham;
- das transformações por que passou o Brasil relativamente a formas de governo, meios de transporte e comunicação etc.;

vultos do Brasil) quatro vultos reunidos de acôrdo com o fato em que hajam tomado parte.

Em geral êsse baralho é usado por três ou quatro crianças que recebem um certo número de cartas e que passam a formar os vários grupos; desde que os formem separam-nos do jôgo, conservando na mão os grupos incompletos e procurando completá-los "comprando" cartas dos colegas. Ganhará quem primeiro completar todos os seus grupos.

(*) O professor, munido de uma caixa de papelão, grampos de papel, fios elétricos e uma pequena lâmpada de pilha poderá construir um "radar", enfiando os grampos em furos equidistantes e ligando-os dois a dois, na parte de trás da caixa por um fio elétrico. Colocar no lugar indicado uma lâmpada e um fio anexo com as pontas revestidas de metal. A corrente elétrica estabelecer-se-á e a lâmpada será acesa cada vez que a criança puser as duas partes do fio sôbre dois grampos ligados entre si: estará assim indicada a resposta certa.

O professor preparará, então, de acôrdo com o diagrama do radar, papéis com perguntas e respostas.

Lembramos ainda que várias respostas devem ser cabíveis e, assim, pertencer à mesma família de idéias: sômente datas, ou nomes de cidades brasileiras, ou apenas vultos históricos etc. O número de respostas poderá ser maior que o de perguntas, desde que essas respostas a mais não estejam ligadas a fios.

Será interessante haver mais de um radar com combinações diferentes, de modo a evitar a memorização do diagrama. As próprias crianças podem preparar radares e exercícios para outros grupos (Oportunidades para Ciências Físicas).

Outros exercícios:

Interpretar informações, trechos cívicos e descrições de lugares;

— reconhecer, dentre alguns, o estado ou região de menor tamanho; de maior ou menor população relativas, dado o número de km² e de habitantes de maior ou menor produção de um determinado recurso natural etc.

— reconhecer a região brasileira de que se trata através de peculiaridades que a distingam;

— reconhecer as regiões que atingiram maior progresso pelas características citadas;

— organizar mapas, gráficos, quadros sinóticos, linhas de tempo etc.;

— tomar notas de aula e apontamentos de livros;

— destacar o pensamento central de um trecho;

— destacar os pontos ou acontecimentos essenciais, dos secundários;

— responder a questionários que pedem, inclusive, o reconhecimento de fatos implícitos.

Utilizando quadros já organizados — interpretar indicações dadas
Exemplo:

NOSSO BRASIL				
	Produtos que consumimos			
	açúcar	arroz	café	petróleo
Produzimos o suficiente para nós				
Produzimos insuficientemente				
Produzimos mais do que o suficiente para nós				
Importamos de outros países				
Exportamos				

— marcar os recursos de aprendizagem a utilizar — atlas, enciclopédias, jornais, lista telefônica etc. — de acordo com os objetivos que se têm em vista: a localização de uma cidade, o enderêgo de um museu, de uma loja, fatos da vida de um vulto histórico, acontecimentos do dia etc.

(Para êsse fim, utilizar um quadro semelhante ao apresentado acima).

Outros exercícios:

— reconhecer as vantagens ou desvantagens, as causas de certos fatos históricos para o Brasil;

— explicar a ligação que há entre dois ou mais fatos históricos (*); (Exemplo Invasão Napoleônica e melhoramentos no Rio de Janeiro)

— explicar como era a situação anterior a um fato histórico e quais as modificações que êste trouxe;

— reconhecer os fatos que limitam um certo período histórico (**);

— interpretar quadros sinóticos, linhas de tempo, árvores genealógicas etc.;

— dar as características de cada uma das formas de governo por que passou o Brasil;

— reconhecer, dados vários títulos de capítulos ou de livros, em quais dêsses capítulos ou livros se encontram referências a certo fato ou determinado vulto histórico;

— dar o significado de cognomes como “A Redentora”; o “Cantor dos Escravos”; o “Protomártir da Independência”; o “Patriarca da Independência”; o “Apóstolo do Brasil” etc. (***)

— pôr fatos em ordem cronológica;

— ligar causas a efeitos;

— dar a relação existente entre fatos, vultos e datas históricas;

— indicar a significação de palavras introduzidas pelo estudo, como *deferir*, *requerer*, *vetar*, *símbolo*, *nordeste*, *refe-*

(*) Esses exercícios poderão ser executados à vista de trechos escritos, sendo mesmo exercícios muito interessantes para tarefa de casa quando as crianças dispõem de livros apropriados.

(**) Exercícios semelhantes poderiam ser organizados consultando a criança uma tabela de fatos acompanhados de suas respectivas datas a fim de completar o exercício com as datas ou com o tempo decorrido (subtração). O professor poderá fazer ainda anotar o tempo decorrido entre dois fatos importantes quaisquer.

(***) Levar ao uso do dicionário para que sejam compreendidos os cognomes; da mesma forma dar oportunidade a que as crianças aprendam realmente o significado dos termos antes de empregá-los, a fim de evitar que o façam de maneira inadequada.

rendo, *patrono*, *abdicar judiciário*, *executivo*, *legislativo*, *cidadãos*, *contemporâneo*, *catequese*, etc., empregadas em sentenças, escolhendo entre vários significados, completando frases ou combinando vocábulos de duas colunas (*).

Exemplos:

Múltipla escolha:

Marque com uma cruz a sentença que diz o mesmo que a 1.^a:

D. Pedro abdicou ao trono do Brasil

— D. Pedro tornou-se rei

— D. Pedro foi o 1.^o imperador do Brasil

— D. Pedro renunciou ao trono

— D. Pedro preferiu o trono do Brasil

— D. Pedro proclamou a Independência do Brasil

2. Complete com uma das palavras abaixo, de modo a explicar a frase anterior:

O presidente vetou a lei

O presidente a lei

recusou, aprovou, apresentou, preferiu, encaminhou.

3. Ligue cada vulto da 1.^a coluna com o fato em que participou:

José Bonifácio

Estácio de Sá

Deodoro

Castro Alves

Fundação da cidade do Rio de Janeiro

Abertura dos portos

Proclamação da República

Independência do Brasil

Questões de limites

Campanha abolicionista

— empregar adequadamente, em frases, palavras introduzidas pelo estudo. Ex.: parlamentarismo, presidencialismo, república, monarquia, democracia, etc.;

(*) Embora sirva apenas para avaliar o que foi memorizado, o exercício de combinação de pares ou acasalamento é valioso auxiliar dos Estudos Sociais, devendo o professor organizar as colunas de modo a que o número de questões da 1.^a coluna seja menor que o da 2.^a e que essas pertençam à mesma família de idéias, isto é, somente datas ou nomes de vultos nacionais etc.

PROGRAMA DO 4º ANO DE ESTUDOS SOCIAIS

Resumindo, será o seguinte o programa que terá sido dominado no 4.º ano de estudos sociais:

1. Clima e condições de vida — elementos do tempo: temperatura, ventos, umidade, chuvas. Fatores de clima: latitude, solo, floresta, relevo, massas d'água. Interrelação entre os elementos e os fatores do clima; condições climatéricas locais. Influências do solo e do clima sobre as condições de vida do homem.

2. Extensão do Brasil — diversidade das regiões naturais — Variações de clima, no Brasil.

3. Influência do ambiente geográfico na colonização — luta de homem com o meio para satisfazer suas necessidades primordiais. O papel do mar, a importância do rio, o relevo e a natureza do solo (o Maciço Brasileiro, os planaltos), a campina e a floresta etc. Primeiras colônias fundadas.

4. Invasões estrangeiras. Ação de Portugal relativamente ao interesse de outros povos pela terra descoberta.

5. Ocupação litorânea — trecho da costa em que se desenvolveu. Motivos que levaram os colonizadores a preferir essa parte do litoral. As capitânicas hereditárias e o Tratado de Tordesilhas. A catequese. Introdução do elemento negro: cultura da cana-de-açúcar, engenhos. A indústria açucareira: o ciclo do açúcar. A aristocracia rural e o trabalho escravo. Progresso das capitânicas do Norte. O Governo Geral. A 1.ª capital do Brasil. Cidades litorâneas dos séculos XVI e XVII. Cultura de plantas européias.

6. Ocupação mediterrânea — causas que a determinaram. Missões católicas: contribuição do jesuíta para o desenvolvimento econômico e social da colônia. A colonização orien-

tada pela Metrópole. As fazendas de gado: contribuição da criação de gado para a conquista do sertão (civilização do couro). O rio São Francisco: "rio da unidade nacional". Os caminhos dos índios e os caminhos do gado. As bandeiras: paulistas e baianos. Organização de uma bandeira. Os três grandes centros de expansão e as mais importantes vias de penetração. A mineração, à base do trabalho escravo: o ciclo do ouro. Transferência da capital para a cidade do Rio de Janeiro. Desenvolvimento econômico e social levando à consciência do direito à soberania.

7. A ocupação territorial como base ao desenvolvimento econômico e social do Brasil do século XVI ao XIX.

8. O modo por que a Metrópole governava a colônia. Os impostos. O monopólio. Os decretos proibindo indústrias, abertura de estradas etc.

9. Formação da nacionalidade — o branco, o índio e o negro. Principais revoltas contra o jugo português. Corte portuguesa no Brasil. Independência econômica da colônia. A Corte, os portugueses e os brasileiros. A soberania política.

10. Primeiro regime de governo do Brasil independente. Processos democráticos de governo no Segundo Reinado. Abolição da escravatura.

11. Proclamação da República — a República como forma de governo. O regime republicano brasileiro.

12. Aspectos de vida nas diferentes regiões — na Região Norte: características do caboclo amazônico. A forte marca da cultura indígena. Diferentes gêneros de vida. Produtos da região. A navegação no Rio Amazonas (Mauá). A importância das vias aéreas para a região — o Correio Aéreo Nacional. O porto de Belém. — Na Região Meridional: O ciclo do café. A fazenda do café como centro social. A imigração estrangeira. O porto de Santos, o primeiro do Brasil em exportação. O surto de progresso em relação às vias de comunicação e transporte. A crescente industrialização na zona cafeeira. A marcha do café de São Paulo para o norte do Paraná. Os pinhais: a madeira; a indústria do papel. A exploração da erva-mate. O Rio Grande do Sul, maior centro pecuário. Etnias emigradas (informações sobre os países de nossos imigrantes). A cultura do trigo no Rio Grande do Sul. — Na Região Nordeste: condições de clima e vida humana; o meio-norte e o nordeste oriental; zona litorânea e sertão. A emigração nordestina. Recife, capital regional. A zona da Mata. Transformação do engenho em usina. Meios de comunicação e transporte. A importância de Paulo Afonso

para o Nordeste. As indústrias extrativas, as de transformação. As salinas. A pesca. — Na Região Leste: contrastes de clima. Aspectos culturais e históricos. O Rio de Janeiro, metrópole brasileira. O pôrto do Rio de Janeiro — primeiro em importação. O pôrto da cidade do Salvador. A vida econômica da região: produção agrícola, riqueza pastoril, riqueza mineral (ferro-indústria siderúrgica). Os meios de transporte e comunicação. Mauá e as primeiras estradas de ferro. Densidade de população. As cidades coloniais. — Na Região Centro-Oeste: Brasília, a nova capital — interiorização da capital. A exploração da erva-mate, construção de vias férreas, extração de minérios. O Serviço de Proteção aos índios e os indígenas.

13. Cidades brasileiras — origens e características.
14. Desenvolvimento da noção de tempo.
15. Características do regime democrático.

5.º ANO DE ESTUDOS SOCIAIS

CIDADANIA FUNDADA NO CONHECIMENTO DA REALIDADE BRASILEIRA

Capítulo 1

OS ESTUDOS SOCIAIS NO 5º ANO

Objetivos e programa

1) Desenvolver melhor compreensão das condições de vida no país e do surto de desenvolvimento que ora se verifica levando a criança ao conhecimento de que:

— as necessidades humanas crescem na medida dos progressos da Ciência e da Técnica

— o homem procura prover às suas necessidades crescentes através do aproveitamento, cada vez maior e em bases científicas, dos recursos naturais

— as regiões do Brasil carecem de maior aproveitamento de recursos naturais para fins de desenvolvimento e progresso

— as medidas de higiene e saneamento favorecem esse desenvolvimento e progresso

— o homem procura superar condições desfavoráveis de clima, solo etc. pela aplicação de conhecimentos científico-tecnológicos

— há necessidade de planejamento cuidadoso para a recuperação de certas regiões, no Brasil

— desse planejamento e de sua execução vêm surgindo grandes empreendimentos: estradas, represas, indústria etc.

2) Preparar a criança para apreender a importância desses benefícios como conquistas de âmbito local, nacional e internacional.

3) Despertar sentimento de gratidão pelos homens do passado que nos criaram condições favoráveis de desenvolvimento, através das realizações de higiene e saneamento.

4) Levar a criança a reconhecer a responsabilidade individual no êxito das medidas de higiene preventiva e de saúde.

5) Levar a compreender que, às iniciativas federais no sentido do desenvolvimento local (estadual ou municipal) e do bem-estar comum, se devem juntar, e quando possível antecipar, a ação de governos locais e a do povo, em geral.

6) Levar à convicção de que a permanência dos benefícios de caráter público depende

- da valorização, pelo povo, dos objetivos visados,
- da utilização e conservação, pelo povo, desses benefícios.

7) Levar a reconhecer, de maneira o mais possível objetiva, que a democracia favorece a realização do indivíduo através de sua participação ativa nos grupos que compõem a vida democrática.

8) Levar ao conhecimento do Sistema Federativo de governo e de sua aplicação através de órgãos cujo funcionamento harmônico é regulado pela Constituição.

9) Levar a compreender que o respeito à Constituição é essencial à vida do país.

10) Conduzir à convicção de que as aspirações legítimas levam o homem a atividades na direção da felicidade e harmonia dos grupos.

11) Ajudar o aluno a valorizar o intercâmbio de idéias e recursos.

12) Levar ao conhecimento da tradição pacifista e do espírito de colaboração do Brasil em suas relações internacionais.

13) Despertar o interesse pelas atividades de comércio internacional, no Brasil.

14) Levar à compreensão das possibilidades do progresso do país no campo da indústria, em consonância com o panorama atual do mundo.

15) Levar à compreensão de que esse progresso no campo da indústria está intimamente correlacionado ao índice de produtividade agrícola.

16) Conduzir o aluno à compreensão da importância do preparo técnico tanto para o fomento da agricultura quanto para a industrialização do país.

17) Proporcionar ao aluno informações sobre o mercado de trabalho e dar-lhe instrumentos para que imprima orientação mais adequada a seus estudos posteriores e à escolha da profissão.

18) Levar o aluno a reconhecer a importância das organizações associativas não só quanto ao desenvolvimento do país, como também em relação ao bem-estar de seus habitantes.

No sentido desses objetivos, as crianças devem ser conduzidas a atitudes positivas em relação:

— à necessidade, para o desenvolvimento do País, das medidas de higiene e saneamento.

— aos sentimentos de gratidão pelos homens do passado que realizaram obras nesse sentido

— à necessidade de equipes de trabalho — dedicadas ao estudo e à pesquisa — que assegurem a permanência ou a continuidade das obras realizadas, planejadas ou em realização

— às iniciativas governamentais no sentido de recuperação e desenvolvimento do País — iniciativas de âmbito nacional, estadual ou municipal

— à colaboração que possam prestar as crianças — individualmente ou em grupos, na comunidade

para a permanência dos benefícios realizados

para a compreensão e ajuda a essas iniciativas governamentais, incluindo a divulgação de conhecimentos e informações de ordem técnica, como o vêm fazendo desde o 3.º ano de Estudos Sociais

— às organizações associativas de caráter cooperativista

— a prioridades, no setor do desenvolvimento e em outros setores, a diferenças de dotações orçamentárias etc. que se observam no momento atual: pela compreensão, dentro de suas possibilidades, é claro, das razões que as justificam

— aos processos democráticos de vida, cujo funcionamento já apreendem melhor

— à valorização do planejamento, agora em âmbito mais largo, relativamente a obras do governo em suas três órbitas de ação

— a problemas semelhantes que afetam a outros povos

— ao intercâmbio internacional, quanto às relações comerciais e de amizade

Ao fim do 5.º ano de Estudos Sociais as crianças devem ter adquirido conhecimentos e informações relativamente:

- à importância, para o desenvolvimento do País, das obras de saneamento e higiene, em geral
- ao saneamento da cidade do Rio de Janeiro, então Capital Federal, e às medidas gerais de saneamento, no Brasil
- à defesa individual e de grupos contra os males de mais grave incidência, no País
- às medidas mais recentes no campo da higiene e do saneamento na *Amazônia* — visando à melhoria de condições de vida locais e ao aproveitamento de sua potencialidade econômica
- à existência de planejamento e de obras em execução referentes ao Nordeste — no mesmo sentido da melhoria de condições de vida e das possibilidades em potencial da região
- à existência de um planejamento e de obras em execução referentes às condições de vida no vale do São Francisco e no vale do Rio Doce
- ao funcionamento do Sistema Federativo, incluindo: compreensão do entrosamento que preside ao funcionamento dos governos Federal, Estadual e Municipal
- compreensão de que esse entrosamento, permitindo ação independente de cada setor no que se refere às necessidades locais, isto é, concedendo autonomia aos sistemas estaduais, caracteriza o Sistema Federativo
- responsabilidades e atribuições dos Governos Federal, Estadual e Municipal
- conhecimento da Constituição Brasileira, sempre que possível objetivamente, através da significação de artigos que as crianças possam compreender
- atribuições dos Três Podêres da República Federativa, nas órbitas federal, estadual e municipal
- colaboração entre os Três Podêres em cada uma dessas esferas governamentais e em seu conjunto
- à cidadania democrática, compreendida agora de maneira mais ampla
- à preocupação de governos passados com a recuperação e desenvolvimento de regiões do País
- às atividades de comércio interestadual e internacional, incluindo:
 - a importância das trocas interestaduais para o abastecimento interno

informações específicas sobre a produção e a troca de produtos

informações sobre os países que mantêm relações comerciais com o Brasil e sobre os continentes de que fazem parte o conhecimento de que o Brasil exporta principalmente produtos agrícolas e extrativos

o conhecimento de que o Brasil exporta matéria prima e muito poucos produtos manufaturados

— a importância da indústria de base no progresso de um país

informações sobre o que se faz de positivo relativamente à indústria de base no Brasil

informações relativas a Volta Redonda, à Usiminas e à Petrobrás

— à necessidade de preparo técnico para as atividades agrícolas, industriais etc.

informações sobre mercado de trabalho e possibilidades educacionais

— às possibilidades de maior aplicação de instrumentos de trabalho já adquiridos (globo, mapa, gráficos etc.) em estudos referentes à localização de continentes e países, à diversidade de estações etc.

SENTIDO DA APRENDIZAGEM

A cidadania efetiva e os interesses da comunidade nacional

As experiências que vimos proporcionando à criança até o 5.º ano de Estudos Sociais se têm norteadas pelo intuito de lhe fornecer *padrões* condizentes com os processos democráticos.

E a temos levado à assimilação de *formas de conduta que buscamos sejam autênticas* — porque surgidas de contatos pessoais em seu grupo familiar, em seu grupo comunal, de trabalho, de recreação etc.

Têmo-la conduzido, igualmente, na direção de uma *escala de valores* que a prepare, de maneira objetiva, para a vida democrática.

E sempre encarecemos o esforço que a autenticidade de conduta e de propósitos exige, procurando levar os alunos ao justo equilíbrio entre as aspirações e as limitações que nos são impostas.

Para isso, o maior recurso do professor consiste na atenção constante às derrotas e às vitórias da criança — no seu desejo legítimo de afirmação — a fim de levá-la a uma atitude tranqüila de compreensão, num ou noutro caso, sem perda de estímulo ou justo reconhecimento do dever cumprido, mas também sem julgamentos por demais personalistas.

Nosso trabalho vem confirmando a orientação aqui exposta.

Dêsse modo, vimos preparando a criança não apenas dentro da escola, num ambiente cujos recursos são limitados, mas em contatos que se vêm alargando, através de experiências alheias válidas e de lições do passado, incorporadas de maneira viva, dinâmica, às experiências individuais.

Assim, a criança tem praticado realmente a

Cidadania democrática — e não apenas louvado os ideais da Democracia.

Esperamos agora, no 5.º ano, aprimorar-lhe as condições necessárias a uma cidadania real, consciente, fazendo-a compreender que os esforços que tem realizado, no sentido da melhoria de suas próprias condições de vida, se vêm *ampliando*, a ponto de, muitas vezes, situar-se num plano mais largo de interesses gerais, muitas vezes de cogitação do próprio govêrno local.

Assim tem sido, por exemplo,

no 2.º ano — em campanhas simples, em prol do mutirão e da boa vizinhança

no 3.º ano — em campanhas de caráter mais específico, como a do reflorestamento, de conservação e recuperação do solo etc.

no 4.º ano — demonstrando interesse por adquirir e divulgar conhecimentos, técnicas e atitudes positivas (principalmente nas suas atividades de clube),

e sempre, desde a realização de atividades no 1.º ano de Estudos Sociais, adquirindo o hábito de

valorizar o planejamento do trabalho

Agora, no 5.º ano de Estudos Sociais, a criança precisa sentir maior estímulo a êste *trabalho de equipe* que vem realizando, pela compreensão de que

o Govêrno Federal, o Govêrno Estadual e o Govêrno Municipal

representam igualmente *equipes de trabalho* interessadas na melhoria de vida e no progresso da Federação — equipes que se entrosam no sentido, digamos assim, de *um vasto plano de mutirão nacional*, principalmente no momento presente que é de convergência de capacidades e de esforços.

O que a fará tomar consciência da verdadeira *democracia*, que é o resultado de reais atividades de grupo, e atividades diversificadas — dando à multiplicidade dos grupos características definidas, específicas — mas que encontram

seu ponto de contacto e convergência nos interesses da coletividade (*)

Dêsse modo, a criança compreenderá melhor a ação do Governo Federal, do Governo Estadual e do Governo Municipal

apreendendo, através de sua própria experiência de trabalho de equipe, a necessidade

de estudo, de planejamento e trabalho eficiente e honesto para o atendimento efetivo das necessidades do País — por essas equipes que representam o governo, o fiador do bem-comum e dos interesses da Comunidade Nacional.

Em conseqüência, são tratados, no 5.º ano, alguns dos *grandes problemas brasileiros*, levando-se as crianças à convicção de que o Governo — compreendidas as três órbitas a que nos temos referido — tem realizado esforços no sentido de resolvê-los, ou de encaminhar-lhes a solução, que virá a longo prazo as mais das vezes, dada a complexidade de recursos e ação a mobilizar.

Neste caso, as crianças compreenderão que o Governo, numa Democracia, visa à continuidade de esforços no sentido do bem-comum, o que, aliás, lhes vem sendo demonstrado desde o 2.º ano, e apreendem que os governos, em sua continuidade, valem como uma *grande equipe de trabalho* que se renova, revitalizando-se.

Nesse sentido, procuraremos focalizar a ação de nossos governos republicanos, fazendo-os notar principalmente por suas realizações positivas.

As crianças têm sido levadas a compreender, e nisso pusemos grande empenho, que a luta sempre crescente do homem pela melhoria de condições de vida o tem conduzido no sentido de *construir e criar*.

Dentro de suas possibilidades, têm sido levadas igualmente a *construir e criar*, ou a reconhecer a necessidade de reconstrução e aperfeiçoamento própria do homem.

Parece-nos necessário assimilar a criança, desde cedo, o sentido positivo da experiência humana, a fim de que o

(*) Constitui uma característica da vida democrática a participação, em grupos que trabalham pelo interesse geral, de um número cada vez maior de pessoas, em contraposição aos regimes autoritários em que a autoridade e a responsabilidade estão centralizadas.

mesmo se sobreponha às experiências negativas que lhe caiba viver. As experiências da criança na escola, principalmente no campo dos Estudos Sociais, deverão, pois, ter sentido formador sempre oportuno e válido.

Entretanto, os aspectos negativos que surjam serão convenientemente tratados pelo professor. Não se pode deixar a criança sem resposta, mas esta, embora realística, deverá conter, implícito, vivo sentido de estímulo à ação e reconstrução.

O estímulo que nos compete conferir à criança pode ser obtido através das realizações da comunidade quanto ao atendimento dos problemas de que vimos tratando.

A criança será levada a compreender as atribuições do governo estadual e as do governo municipal e a parte que lhes cabe na solução dos problemas comunais. E também a responsabilidade dos cidadãos que podem e devem colaborar, não só resolvendo certos problemas, pela organização em grupos, iniciativas oportunas etc. mas também influenciando no melhor encaminhamento da solução de outros — através da escolha acertada de governantes que se distingam pelas qualidades pessoais, pelo seu passado e programa de ação.

Nem sempre, porém, os governos locais estão em condições de atender às vultosas despesas que se fazem necessárias, nem tampouco dispõem de mão-de-obra capaz, quantitativa e qualitativamente.

Tornar-se-ia difícil, ou mesmo impossível, realizar certos planos que se teriam de entrosar com outros afetos às demais comunidades, ou a outros Estados e que assim exigiriam

pesquisa, estudo e planejamento em comum

Dêsse modo, devemos dar o imprescindível relêvo à *iniciativa local*, mas valorizando as responsabilidades do Governo Federal, responsabilidades de âmbito nacional e que incluem planos e recursos amplos, muitas vezes em caráter de emergência.

Dever-se-á conduzir a criança a interpretar de maneira acertada o funcionamento do *sistema federativo*.

Pretendemos ainda fique evidenciada a tradição pacifista que o Governo do Brasil tem sabido manter — muitas vezes através de litígios e disputas que o afetam de maneira direta, como nos casos de delimitação das fronteiras — sem perturbar as relações de amizade com países litigantes e sem fazer concessões lesivas a seu interesse.

Procuraremos também iniciar a criança na compreensão de problemas semelhantes aos nossos e que se apresentam a povos de origem e formação diversas. Levá-la-emos a apreender a identidade de propósitos que aproximam os povos no que diz respeito à solução de problemas que interferem com a melhoria de condições de vida. E o faremos no intuito de estimular a simpatia e curiosidade das crianças pelo mundo em que vivem e pelas pessoas que o habitam.

As crianças, em conseqüência de estudos anteriormente feitos e que aparecem sintetizados no capítulo referente

às atividades de comércio, no Brasil

serão levadas ainda a apreender:

— a importância das trocas interestaduais para o abastecimento interno do país

o que levará à valorização dos empreendimentos no sentido da melhoria de nossos meios de comunicação e transporte

— nossas condições atuais e possibilidades futuras no mercado internacional, através do estudo do movimento da exportação e importação, e de informações simples e objetivas a respeito de relações internacionais e troca de produtos.

Será encarecida também a necessidade de levar ao conhecimento do aluno a importância da industrialização para o Brasil, como também da mão-de-obra especializada e do preparo técnico.

Interesses da idade

e seu aproveitamento no sentido dos objetivos visados

Aos onze anos, a criança revela atitudes e interesses que devem ser trabalhados pela escola, visando ao total aproveitamento das capacidades que a distinguem.

Dentro de nosso ponto-de-vista da necessidade de levar a criança a integrar-se à realidade brasileira — através do conhecimento das necessidades do país e do planejamento e ação no sentido de atender a essa realidade — procuramos aproveitar e desenvolver tais características.

Assim, a aprendizagem se realiza através de experiências que desenvolvem atitudes e interesses próprios da criança nessa idade:

— grande interesse pela observação do que a rodeia; gosto por excursões

— formas inusitadas de afirmação da personalidade, de curiosidade e de sociabilidade

— grande atividade dirigida no sentido de um crescente interesse pelas pessoas e de uma curiosidade ainda maior pelo que fazem

— interesse por livros históricos e biográficos

— satisfação não só em iniciar intercâmbio de opiniões com outras pessoas, como também em comentar fatos com amigos

— marcado interesse por aprender e competir

— concentração no trabalho escolar, sobretudo quando realizado em equipe

— desejo de entrosar seu trabalho com a realidade

— interesse pelos aspectos de troca, de comércio com outras crianças

— desejo de pesquisar, no mapa, os lugares geográficos que vê mencionados em jornais, revistas etc.

— atitudes de exigência e crítica

No atendimento desses interesses, ser-nos-ão de grande utilidade os recursos audio-visuais de ensino, já que serão relativamente reduzidas as oportunidades de observação direta.

As técnicas de pesquisa e entrevista, assim como a utilização do globo e de mapas, objetivarão de certo modo a aprendizagem, favorecendo a atuação da criança, que a natureza dos assuntos em pauta pareceria dificultar. Sempre que a criança, por si própria, faz a redescoberta dos problemas, ou mesmo os seleciona para efeito de estudo, e procura descobrir como foram equacionados ou resolvidos, está exercitando sua capacidade de pensar e de agir. As crianças que desenvolveram os Estudos Sociais, relativos ao 3.º e 4.º anos de escolaridade, estão aptas a fazer, sob a orientação do professor, essa redescoberta, chegando talvez a compreender, em certos casos, a origem de alguns desses problemas.

Pequenas monografias poderão constituir trabalho de grupo, e não só terão valor cultural, como darão oportunidades a que se exercitem atitudes e hábitos de grande valor social.

Os clubes organizados pelas crianças desde o 3.º ou 4.º anos, e que vêm ganhando maior expressão social à medida que a criança avança em escolaridade, terão atuação dinâmica, principalmente através de sessões de cinema, conferências e palestras, intercâmbio etc.

EXPERIÊNCIA DE ORGANIZAÇÃO DE CAMPANHA DE ÂMBITO ESCOLAR (*)

— iniciando as crianças na compreensão do sistema federativo de governo

As crianças, até o 4.º ano de Estudos Sociais, têm sido conduzidas à prática da Democracia, de maneira natural e singela, em sua vida de grupo. O professor vem orientando sua participação democrática, tanto em pequenos grupos de trabalho, recreação etc., como em grupos maiores, o de classe, por exemplo, em atividades de conjunto.

Os interesses da Escola de modo geral, compreendendo a Diretoria, as classes, as instituições escolares, as têm levado a contactos ainda maiores, através da preparação de comemorações, de assembléias em que se discutam, por exemplo, interesses comuns às turmas de um mesmo ano escolar (**), etc.

A orientação do professor da classe, junta-se, agora, a do diretor ou subdiretor, coordenador ou professor de outra classe, enfim, a de outras pessoas, o que vai conduzindo a criança a compreender, através

do próprio mecanismo escolar em pleno funcionamento, não só

a existência de maior número de opiniões e interesses — opiniões que muitas vezes se contrapõem e interesses que, de certo ponto-de-vista, interferem uns nos outros mas também

a existência de grande número de atribuições e responsabilidades.

Tais experiências levarão a concluir que há necessidade de direção, de normas e princípios de conduta

e

de entrosamento entre as diferentes atribuições e responsabilidades

Numa escola, portanto, em que se dinamizam as situações, a fim de que sejam vividas pelas crianças como são por elas

(*) Inspirada na experiência de que participamos em 1933, de organização da "Cidade Ferreira Viana" — no então chamado "Instituto Ferreira Viana" (Estado da Guanabara).

(**) Organização de um jornal mural do ano escolar, de uma exposição etc.

vividas as situações de fora da escola, e em que os professores estão atentos à formação da criança — encontram-se as oportunidades que dão base à compreensão do mecanismo da vida do País, o mecanismo do Sistema Federativo.

Procuraremos aqui exemplificar, embora sem pretender realizar um paralelo entre a Escola e a União, o que seria, como é óbvio, impossível, dada a complexidade de vida em uma Nação.

Entretanto, as situações que vão surgindo e a necessidade de atendê-las preparam as crianças para um melhor entendimento do mecanismo de vida no país.

Assim, exemplificaremos com as oportunidades criadas pela preparação e realização de uma *campanha* (*) de que participem crianças de todas as turmas da escola.

Cada classe funciona como um órgão que atende, de maneira autônoma, aos problemas que lhe cabe tratar em sua participação na campanha

procurando aproveitar bem, isto é, de maneira adequada, as aptidões

exercitando capacidades

revendo conhecimentos adquiridos

pesquisando, no sentido de uma participação útil

resolvendo dificuldades de conduta que sempre surgem

enfim,

atendendo às necessidades que a afetam diretamente, ou melhor, que dizem respeito à parte que lhe cabe no programa de ação.

Entretanto, para que a campanha logre êxito e alcance os objetivos visados, numa demonstração prática de

capacidade de iniciativa

disciplina consciente

convergência de esforços no sentido do êxito

de auxílio mútuo nas dificuldades que surgem

de interesse pelo bem-estar comum e progresso local

é preciso que haja um órgão diretor, composto, como seria interessante, de professores e de alunos previamente escolhidos por eleição geral.

As crianças percebem a significação e utilidade desse órgão através de sua atuação — desde que as razões dessa atuação sejam explicadas, quando se não evidenciarem.

(*) Campanha em prol do cooperativismo, por exemplo, seguindo as diretrizes para este traçadas às págs. 428 a 439.

Compreendem, dêsse modo, que tal órgão tem por fim:

1 — coordenar as atividades das classes de acôrdo com o programa de ação que define as atribuições e responsabilidades de cada uma — para que transcorra em ambiente de harmonia e ordem a preparação da campanha, visando ao êxito final — mostrando, ao mesmo tempo ter havido um critério para essa distribuição de responsabilidades: o que leva as crianças a compreender a *necessidade de normas e princípios* para que haja boa aceitação de atribuições e responsabilidades e pronto acatamento a ordens, resoluções etc.

2 — encarregar-se de umas tantas atribuições essenciais, mas de âmbito geral, como sejam:

- garantia de condições favoráveis ao trabalho das diferentes equipes

- remoção de dificuldades de ordem geral que ponham em risco o êxito dêsse trabalho de equipe
- entendimentos que se façam necessários com pessoas estranhas à escola
- providências de ordem geral ligadas à divulgação e maior âmbito de ação da campanha

- garantia de ordem e segurança durante a campanha
- enfim, atribuições de âmbito geral visando à consecução dos objetivos.

3 — atender aos órgãos que lhe são subordinados (classes) relativamente a conselhos e opiniões de que necessitem, e à concessão de recursos extraordinários para atender a situações de emergência: isso porque, sendo órgão que dirige e coordena, dispõe de maiores recursos não só de ordem financeira, mas também no plano de decisões de maior importância.

4 — entrosar a participação das diferentes classes, no *interêsse da harmonia*, durante a preparação e realização da campanha, atendendo, igualmente, à diversificação de aspectos que devem ser focalizados, em sua totalidade, mas que exigem correlacionamento, de maneira a garantir a necessária *unidade da campanha*

Já se tendo definido as diferenças individuais entre as crianças que atingem ao 5.º ano de escolaridade, e conhecidas, de modo geral, as aptidões dos professores, seria interessante que as funções dêsse órgão de direção se distribuíssem por três equipes de trabalho, visando, naturalmente, a maior rendimento:

grupo que estabelece as normas que regerão a campanha
grupo que opina

grupo que executa,
embora agindo todos em perfeito entendimento.

As crianças serão ainda levadas a observar que:

- cada classe resolve seus próprios problemas inerentes à campanha, com *autonomia relativa* porque seu programa de ação foi inspirado, e por vêzes determinado, pelo programa geral do órgão diretor da campanha

- a liberdade de ação dos participantes da campanha, na escolha de atividades, por exemplo, é também relativa, embora o mais amplo possível, a fim de não serem tolhidas iniciativas, e regulada pelos princípios que norteiam o programa de ação da classe, à semelhança do que acontece com os princípios que norteiam o programa geral de ação

- o que garante a colaboração e a harmonia entre tôdas as classes, assim como o êxito da campanha, atingindo-se aos objetivos da Escola, e portanto, dos alunos.

O sistema federativo de govêrno; a Constituição federal e os três poderes da República

Parece-nos que a criança que participou consciente e amplamente de uma iniciativa dêsse tipo terá adquirido experiência básica para compreender mais tarde o mecanismo do Sistema Federativo quanto:

- às atribuições do Govêrno Federal e do Govêrno Estadual e ao relacionamento entre essas atribuições e responsabilidades (será fácil, também, compreender as responsabilidades e a esfera de ação do Govêrno Municipal)

- à independência de atribuições e à harmonia que preside ao funcionamento dos Três Podêres, nos três setores do Govêrno (federal, estadual e municipal)

- à importância da Constituição da República, que rege a vida do País e serve de base às Constituições Estaduais, conferindo relêvo às atitudes relativas à forma de vida democrática

- à situação dos estados na Federação

- à aplicação, portanto, em linhas gerais, do Sistema Federativo no Brasil.

Em tôdas as ocasiões que se têm apresentado no transcurso dos Estudos Sociais, portanto em autênticas vivências democráticas, as crianças vêm compreendendo:

- a necessidade de divisão do trabalho, de acôrdo com as aptidões

- as oportunidades ao alcance de todos os cidadãos

- a atuação de equipes de trabalho bem entrosadas e coordenadas

— a convergência de esforços no sentido dos interesses comuns

— o respeito à divisão de atribuições

— o respeito às responsabilidades de que são investidos os cidadãos

— o acatamento pelo indivíduo que se esforça e progride

— o reconhecimento do mérito

— o poder do voto

— a responsabilidade do eleitor

— o acatamento à opinião e escolha da maioria etc.

Tais vivências democráticas tornam realmente fácil levar as crianças a compreender a vida democrática em sua plenitude.

Entretanto, a fim de que as crianças se vão preparando melhor ainda para usufruir dos benefícios que advêm do regime democrático — *realização de aspirações legítimas* — precisamos esclarecê-las quanto aos direitos e deveres do cidadão, pelo menos no que estiver ao alcance de seu entendimento e de maneira objetiva, mostrando que, *a direitos, correspondem necessariamente, deveres.*

O professor deverá, portanto, esclarecer os alunos relativamente à significação de alguns parágrafos do artigo da Constituição que *diz respeito à vida comum, cotidiana do indivíduo*, artigo em que lhe é assegurada, como também aos estrangeiros residentes no País — *a inviolabilidade dos direitos concernentes à vida, à liberdade, à segurança individual e à propriedade.*

Somente poderemos formar cidadãos *conscientes da existência e da necessidade de observância da Constituição*, pela integração à sua própria vida diária, e à vida do País, dos princípios e normas que a mesma prescreve.

De igual modo, devemos explicar, através desse artigo, o conceito, a que nos temos referido, de que *a direitos correspondem, necessariamente, deveres.*

Exemplificando:

Cap. II, art. 141.

Direitos e garantias individuais.

§ 1º) Todos são iguais perante a lei
— a lei garante a todos os indivíduos a inviolabilidade

Deveres

Para que o indivíduo faça jus a essa igualdade perante a lei, é preciso apenas que cumpra os deveres da cidadania

dos direitos concernentes à vida, à liberdade, à segurança individual e à propriedade (não há privilégios relativos à posição social, à riqueza; não há preconceito de raça; não há diversidade de tratamento, enfim, para indivíduos de diferentes profissões crenças religiosas etc.)

§ 5º)
..... Não é permitido o anonimato. É assegurado o direito de resposta. A publicação de livros e periódicos não dependerá de licença do poder público. Não será, porém, tolerada propaganda de guerra, de processos violentos para subverter a ordem política e social, ou de preconceitos de raça ou de classe.

§ 6º) É inviolável o sigilo da correspondência.

§ 15º) A casa é o asilo inviolável do indivíduo. Ninguém poderá nela penetrar à noite, sem consentimento do morador, a não ser para acudir a vítimas de crime ou desastre, nem durante o dia fora dos casos e pela forma que a lei estabelecer.

§ 16º) É garantido o direito de propriedade, salvo o caso de desapropriação por necessidade ou utilidade pública, ou por interesse social, mediante prévia e justa indenização em dinheiro. Em caso de perigo iminente, como guerra ou comoção intestina, as autoridades competentes poderão usar da propriedade particular, se assim o exigir o bem público, ficando, todavia, assegurado o direito à indenização ulterior. (*)

(*) Deverão ainda ser trazidos ao conhecimento do aluno os seguintes parágrafos:

- 11.º) liberdade para reunir-se, sem armas
- 13.º) proibição de associações que contrariem o regime democrático
- 14.º) liberdade de exercício de profissão
- 17.º) direito e garantia relativa a inventos industriais
- 19.º) direitos autorais
- 23.º) habeas-corpus
- 24.º) mandado de segurança.

O professor deverá aproveitar a oportunidade que se lhe apresenta de ação educativa, levando o aluno a compreender que tais direitos ou garantias constituem uma *prova de confiança* que o govêrno confere ao indivíduo, respeitando-lhe sem restrições, a priori, a correspondência, a casa, a propriedade, que se tornam, assim, penhor do indivíduo.

Deverá ainda o professor acentuar o *dever que cumpre ao indivíduo de corresponder a essa confiança*, fazendo bom uso, e uso autorizado por lei, de sua liberdade de correspondência, de sua casa e de suas propriedades.

O professor fará ver aos alunos que essa compreensão de deveres que se apõem a direitos, e a obrigação moral de corresponder integralmente à confiança que em nós depositam (*) — princípios que regem a vida democrática — são mais facilmente assimilados pelos que freqüentam a escola, recebendo os esclarecimentos que se fazem necessários.

Assim, os alunos compreendem a preocupação, no regime democrático, pela *educação do indivíduo*, tomando conhecimento da importância do que lhes é garantido pela Constituição, em seu Capítulo II, Título VI "Da Educação e da Cultura":

— o ensino primário é obrigatório e só será dado na língua nacional;

— o ensino primário oficial é gratuito para todos; o ensino oficial ulterior ao primário sê-lo-á para quantos provarem falta ou insuficiência de recursos.

Daremos ainda alguns esclarecimentos necessários quanto ao funcionamento dos Três Podêres, às atribuições dos Ministérios e à colaboração que êstes devem emprestar, uns aos outros, no sentido de que a criança perceba, uma vez mais, a importância

da colaboração, da coordenação de esforços e da harmonia para o regime democrático.

As crianças estão agora em condições de compreender a organização federal e de perceber que, na Constituição, além dos direitos e deveres do cidadão, estão fixados, não só a

(*) A democracia é apreendida, realmente, como um regime de confiança.

própria organização federal, mas também a organização e as atribuições dos Três Podêres do país (*).

O professor deverá levá-las, mais uma vez, à compreensão da *importância, para a vida do país, do voto do cidadão*, mostrando-lhe que cada brasileiro, assume, *através do voto*, a *séria responsabilidade* de escolher, direta ou indiretamente, os cidadãos responsáveis pelos *Três Podêres da República* (**).

Levar a criança a compreender, por exemplo, que o

PODER LEGISLATIVO

no estado e no país — tem funções paralelas, mas que àquele só competem estudos e decisões relativos aos interesses de âmbito estadual, embora siga orientação determinada pela Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de maneira a respeitar os interesses gerais do País.

Esclarecer que o Poder Legislativo Federal não interfere nos interesses de âmbito estadual, exercendo sua função relativamente aos problemas que dizem respeito à Comunidade Nacional.

Levar-se-á ao conhecimento das crianças que o Poder Legislativo, no país, é exercido pelo Congresso Nacional que se compõem da Câmara dos Deputados e do Senado Federal.

As crianças, havendo compreendido o que representam as leis para a vida do País e a importância da Constituição, não só para a vida do país, mas também para a sua própria, através dos princípios que lhe regem a conduta, estão agora em condições de compreender a importância do Poder Legislativo e a responsabilidade de seus membros.

Ser-lhes-á explicado, embora já na esfera do Poder Executivo, que ao Presidente da República também cabe pleitear leis, enviando mensagens ao Congresso.

Serão dadas ainda explicações quanto ao funcionamento do Congresso Nacional, cabendo ao professor julgar da necessidade de ampliar ou não tais explicações, sempre de acôrdo com o interesse e os conhecimentos que as crianças revelarem sôbre o assunto.

Assim, afora a maneira por que são escolhidos os membros do Poder Legislativo, o que é essencial, e as qualidades que os devem distinguir, o professor poderá esclarecer as crianças sôbre:

(*) Quanto aos das Unidades Federativas, sua organização e atribuições estão expressas nas constituições estaduais que seguem a orientação geral, como vimos, da Constituição dos Estados Unidos do Brasil.

(**) Os Ministros do Supremo Tribunal Federal e do Tribunal de Recursos, por exemplo, são escolhidos pelo Presidente da República.